CANTOS DO ESTIO

POR

E. A. VIDAL



LISBOA

7—TYP. LISBONENSE, LARGO DE S. ROQUE—7

1868

CANTOS DO ESTIO

CANTOS DO ESTIO

POR

E. A. VIDAL



LISBOA

7—TYP. LISBONENSE, LARGO DE S. ROQUE—7

1868

Os *Cantos do estio* seguem no caminho aberto pelas *Folhas soltas;* não ha variação de rumo nem alteração de crenças; o que póde haver,—se ha,—é mais algum cuidado no lavor, mais algum esmero no acabamento. Como todos comprehendem, esta circumstancia é puramente secundaria e terrena; deriva da experiencia, do maior trato com os modelos e de um mais serio rigor nos lavrados.

Quanto á missão da poesia, tenho hoje, e creio que terei sempre, as mesmas idéas que préguei e exemplifiquei nas *Folhas soltas*. Não me parece que haja muito que disputar sobre o assumpto.

Quando por ahi se levantou uma poeirada suffocadora entre uns sabios de gregotins tudescos e uma alentada cohorte de litteratos urbanos, tive eu a simpleza de dizer o que pensava e o que sentia a respeito da polemica. O livrete não arrebentava de contumelias, como por então succedia a muitos, mas expunha com sangue frio as opiniões do auctor.

Era um gole calmante em meio d'aquella excitação de espiritos. Não sei se alguns dos contendores o leram; eu cito-o agora, e relembro-o, para asseverar que é elle a minha carta de crença em negocios de poesia.

As *Folhas soltas*, digamol-o sem encolhimento nem orgulho, foram recebidas pela critica de um modo mais que benevolo; mesmo um ou outro commentario em que o intuito, a significação cabal do livro não tinha sido comprehendida, revelava, comtudo, uma certa bemquerença honrosa.

Pelo que toca aos romances, poemas, contos, ou como quizerem chamar-lhes, incorporados na obra, quanto a esses é que, ou eu me illudo muito, ou a critica se esqueceu dos figados de peixe para desnevoar os olhos embaciados.

Disse-se, por uma parte, que taes obras se filiavam na escola do nosso illustre poeta Thomaz Ribeiro, e por outra, buscou-se em Felice Romani ou em Metastasio o botão d'aquellas efflorescencias; nem d'um nem d'outro cabo se estabeleceu, me parece, a verdade.

Os contos iniciados pela *Laura*, que hoje sae a lume, e seguidos até *O Demonio da honra*, que sairá n'outro livro, constituem, senão um genero, pelo menos, uma tendencia, que não procede de outros generos teúdos e manteúdos no paiz, e que muito menos vae buscar origem aos excellentes poemas dramaticos dos grandes lyricos italianos.

Bons ou maus tem a sua individualidade; adoptaram como modelo, como mentor, como guia o incomparavel poe-

ta de *Namouna*, mas estão muito avessos a aceitarem-n'o como genitor.

Crêem na tutela, mas repulsam a paternidade.

A influencia do tutor no animo do pupillo não vae, bem entendido, á perturbação do mundo moral; o scepticismo elegante e perfumado de Alfredo de Musset não chega a embriagar o que traça estas linhas; o que elle acata como exemplo é o debuxo, a traça, o contorno, a estructura do edificio esplendido, sem attentar nas liberdades que podem reinar no banquete, ou na volupia que possa cruzar-se entre os olhares dos libertinos e das cortezans.

Isto não tem vencilho nem tropeço; é uma cousa que se diz e que se entende.

Ninguem pede privilegio de invento, mas tambem não se conforma uma pessoa com que o façam mesteiral por conta alheia.

Pareceu-me que devia entrar n'estas explanações, porque entendo que se deve dizer tudo o que se nos representa verdade aos olhos da consciencia. Demais, não ha pretensão desarrasoada em que cada um se assente no modesto logar que é seu, por direito de conquista.

Estas considerações trariam a proposito outras, se acaso o prologo de um livro fosse o logar mais azado para controversias. Teriamos que fallar a respeito da nossa vida litteraria, vida que já vae minguando e entorpecendo-se, e que se não fôr espertada por algum remedio energico virá a desandar em cachexia formal.

Os marinheiros velhos começam a alquebrar na faina, e os moços servem de tripulantes em navios costeiros.

Os lobos do mar acabaram-se com as naus da India.

Seja o que fôr; os *Cantos do estio,* sem presumirem encher o vacuo, protestam em nome do auctor contra a apathia de uns e contra a hesitação de outros. Digamol-o, porém, com verdade: este collapso litterario não é simplesmente attributo nosso. A machina supplantou a lyra, quando se deviam alliar. Caminha-se para a terra da promissão com um geito de desconfiança profunda; os romeiros parecem condemnados; os lacedemonios vão sem Tyrteo; o alvião faz resaltar a faisca da rocha, mas o canto não acende a aurora nos corações.

BEATRIZ

> .... Oh tradimento! Pace
> Sperar poss'io più mai? Qual vita orrenda
> Di rimorsi, e di lagrime, e di rabbia!...
>
> Alfieri.

I

Cada qual tem seu dom: eu amo e canto.
Sei que o fadario é mau, sei que apoz tudo
Que exalta o coração, que o prende alegre
No extase ideal, que lhe dá mundos
Em que o deixa voar, por ceos em fóra,
Não falta um dia, e breve, em que a verdade
Nos accorda, e nos diz ...—que diga, embora!
Em quanto o mundo passa, revolvendo
Cem mil questões de *jota* e de *i* romano,
Eu ergo a voz, e os anjos da harmonia
Vagueiam junto a mim; brilha-me um raio
De santa inspiração, minha alma accesa
Eleva-se até Deus, perde-se tudo
Num jubilo immortal; da vida as trevas
Dissipam-se em redor, um paraiso

De ethereo amor, de fervidas delicias
Desabrocha ao meu lado; as horas vôam
N'esse encanto indisivel, crescem rosas
Por entre os estevaes d'agra collina.
Desponta a aurora, as aves vem chilrando,
A tepida bafagem traz a espaços
O perfume subtil das laranjeiras;
E eu ergo a voz, minha alma em vago affecto
Ardente anceia; o mundo passa e geme,...
Cada qual tem seu dom: eu amo e canto!

II

Terminado este exordio, com que a musa
O silencio quebrou, sem mais delonga
Entro na acção, e exponho o simples caso
Que ouvi contar ha dias, de passagem,
Mas que gravei na mente, resolvido
A dar-lhe, como dou, carta de côrso.
Talvez fosse melhor para o bom nome
Que eu pretendo alcançar, deixar no escuro
A pobre narração; mas é defeito
Que não posso evitar,—mal que uma historia
Me cái no ouvido, em quanto a não desfeixo,
Revolvo me inda mais que S. Lourenço
Na grelha,... o que eu não vi, mas o que affirmam
Livros de santos padres, que tresjuro
Não ler, mas que me dizem (quanto basta),
Que são peças de truz,... todas *in folio!*—

III

Desprenda-se a voz; desfeita
Sinto em minha'alma a tristeza.
Aos pés de etherea belleza
Prostre-se humilde o cantor.
Do mundo as vagas impuras
Jámais o tocam de leve;
Em sonhos d'ouro e de neve
Contente respira amor!

Desprenda-se a voz; que importa
Se a tempestade rebrama?
Não brilha na mente a chamma
Que a tudo em torno dá luz?
Que importa, quando ante os olhos
Radiam mansões do empyreo,
Que a turba, no seu delirio,
Nos dê por leito uma cruz?

Deixai rugir a tormenta,
Almas que inunda a poesia;
Cantai por noute e por dia,
Erguei-vos na inspiração.
Bem vêdes que a natureza
Tambem de inverno se agita,
Que tudo canta e palpita
No seio da creação.

Que tendes, se acaso agora
Passais na terra esquecidos;
Se os vossos cantos perdidos,

Ninguem siquer entendeu?...
Quem sente o grato perfume
Que espira a rosa virente,
Se ella, á beira da corrente,
Por entre os juncaes rompeu?

Deixai que os homens blasphemem
Na sua effrene impudencia;
Levai, sorrindo, a existencia,
Fitai a luz sem temor.
Aves de nivea plumagem,
Cantai da vida as doçuras,
Vogai nas ondas mais puras,
Entre ribeiras em flor.

Amai sempre; o amor resume
Quanto é poesia divina:
Chamma que a fronte illumina
Ascende do coração.
Amar é criar um mundo
Em que arrobados vivemos,
Em que a nossa alma embebemos
Nas ondas da inspiração!

Eis, pois, o vosso destino,
Que importa qual seja a sorte?...
O cysne sentindo a morte,
Não perde o canto do amor.
Dissipai quantas tristezas
Vos podem tocar de leve:
Em nuvens d'ouro e de neve
Erga-se altivo o cantor!

IV

Jacques tinha perdido, havia muito,
Seu velho pae, fidalgo dos mais nobres,
Modelo de honradez, que lhe deixara
Senão riqueza enorme, pelo menos
Muito com que passar, vivendo á larga.
Tinha trinta annos; quanto ardor na vida
Pode existir, de certo é nesta edade
Que mais forte o sentimos, escaldando
O sangue e o coração; dava-se o caso
Com o nosso heroe: trinta annos tinha apenas.
Era gentil, loução, trigueiro um pouco,
Negro o cabello, olhar que allucinava,
Leve sorriso lhe adejava languido
Nos labios finos, labios que tremiam
Á menor commoção; em quanto a espirito,
Era vivo, sarcastico, voluvel,—
Borboleta fugaz, que errante andava
Buscando o sol, e as rosas entre-abertas,
Onde libasse o mel no doce calix!

Portanto é de suppôr que as aventuras
Não faltassem jámais, que cem donzellas,
Das mais lindas, lhe andassem como presas
Ao seductor olhar; penso até mesmo
Que, se a lua não fosse tam discreta
Como todos o sabem, contaria
Quantas vezes o vio galgando o muro
D'algum jardim d'Armida, que deixasse
O tóro conjugal, e manso e manso
Descesse ao parque, a dar-lhe amor e vida,
Em transportes de jubilo fervente!

Isto são presumpções, eu não affirmo
Cousas de pouca monta, e muito menos
Estas, que vão bater mesmo de chapa
Na sacra honestidade das familias;
Mas tambem se a leitora não permitte
Que eu traga estes capitulos a lume,
Então feche o romance, antes que o pejo,
E mesmo a indignação lhe core as faces.

O que passo a contar é simplesmente
Uma historia de amor, da qual é Jacques
O principal heroe; verei se posso
Amenisar o conto, e desbraval-o
De certas asperezas que se encontram
Aqui e alli no texto primitivo.
Oh, não temam por mim!—a minha musa
É das de mais pudor que se tem visto;
Jámais roçou de leve as azas brancas,
Que o ceo lhe deu, nos lodaçaes immundos
De infames polluções; vôa-me em torno,
Sorri d'estas loucuras innocentes
Da vida mundanal, conta-me tudo,
Inspira-se de um beijo que murmura
Entre as ramas do bosque immaranhado,
Mas foge a medo, a pomba espavorida,
Mal que o rude bulicio das torpezas
Lhe fere, acaso, os virginaes ouvidos!

V

Jacques era visita, e das mais intimas,
Do conde... (occulto o nome porque entendo

Que o pede a discrição), basta que saibam
Que o conde era casado co' a mais linda
E mais gentil mulher que eu tenho visto.
Chamava-se Beatriz, contava apenas
Vinte ou vinte e dois annos, quando muito.
A trança loura, a face desmaiada,
Pensativa no olhar, turgido o seio,
Corpo airoso, flexivel como o vime,
Languido o porte, a voz meiga e sonora
Como os chilros de amor da toutinegra.
Quando subito a côr lhe illuminava
O pallido semblante, refulgia
Não sei que luz do ceo n'aquelles olhos
Quasi sempre—inda mal!—como escondidos
Na carregada sombra das pestanas.
Era o perfil, o typo da belleza
Que a mente esboça apenas, se delira
Em namorados sonhos de poeta.

O conde amava-a co'o fervor ardente
De um nobre coração; o mundo inteiro
Resumia-se alli, n'aquella pomba
Que arrulhava ao seu lado, e que entre beijos
Lhe pagava extremosa tanto affecto.
Oh, como os anjos bemdiziam ledos
Aquella santa paz, doce harmonia
Em que dois corações, pulsando juntos,
Se perdiam no ceo, como o perfume
Que ondêa e sobe a Deus no fim da tarde!

Não pensem que exagero, descrevendo
D'esta maneira a rara formosura

Da condessa, nem mesmo no que affirmo
A respeito da limpida existencia
Que passavam no mundo os dois esposos.
É certo o que aventei, como mais tarde
Tem de ser ... mas emfim ... basta, não digo,
Não quero accelerar o desenlace,
Nem roubar á leitora alguns instantes
De pasmo e agitação, que, sem vaidade,
Ha de por força ter n'esta leitura.

VI

Amor, tu és a esphinge, o ser divino
Que inda ninguem na terra comprehendeu;
O teu semblante é meigo e peregrino,
Mas tens garras de tigre, que o sei eu!

Quem se inleva no magico sorriso
Que a face te illumina de esplendor;
Quando em teu seío encontra o paraiso,
Sente que lhe entra n'alma a eterna dôr.

Nas caricias subtis com que embriagas,
O veneno mortal coberto vem:
A perola gentil que sai das vagas,
Negro limo do fundo traz tambem.

Mas tu és sempre bello; embora um dia
Nos rasgues fibra a fibra o coração,
Tens segredos de encanto e de alegria
Onde se perde em jubilo a rasão.

Que importa o mundo?—lugubre deserto,
Onde se vaga á tôa a suspirar,
E onde, sómente apoz o errar incerto,
Vamos na morte a fronte descançar!...

Tudo é sombra em redor, tudo é tristeza,
Nem siquer um botão promette flor;
Negra saudade involve a natureza...—
E tudo canta e brilha á luz do amor.

Chovem do sol os raios matutinos,
Reluz do orvalho o limpido crystal,
Gorgêam pelo campo os pequeninos,
E as tenras avesinhas pelo val.

Sobe o perfume em ondas transparentes,
Da montanha, da balsa, e do vergel;
As abelhas, zumbindo, vão contentes
Por entre as rosas procurando mel.

E tudo á tua voz, alma infinita,
Que vens no mundo e em todos palpitar:
Inteira a creação febril se agita,
Mal que um raio dos teus vê scintillar!

Amor, tu és a esphinge, o ser divino
Que inda ninguem na terra comprehendeu;
Tens doce o olhar, o rosto peregrino,...
Oh, mas garras de tigre, que o sei eu!—

VII

Como já disse, e agora inda o repito,
Jacques era visita, e das mais intimas,
Do conde,... e da condessa; (era escusado
Dizer isto ao leitor, mas eu não gosto
De escuras narrações, prefiro sempre
Pôr tudo em boa luz, porque não quero
Ter de annotar, em dez ou doze tomos,
Tres ou quatro de versos, quando muito)!
No tempo em que estas cousas succediam
O conde tinha já, se eu bem me lembro,
Alguns annos a mais para consorte
De tam gentil mulher; todos sabiam
Que ella era o typo angelico e divino
Da santa candidez, que a tenue sombra
De um pensamento mau jámais viera
Toldar o puro ceo d'aquelle espirito;
Mas quem póde livrar-se lá n'um dia
De ouvir a tentação, que passa e canta
Como as seréas de que falla Homero?

Não sei, mas acredito, (e peço venia
Á formosa leitora que, de certo,
Não é do barro vil de que eu sou feito,
Mas do crystal de rocha mais subido),
Que á voz da tentação, não ha, não póde
Deixar de se aballar quem tenha peito,
E coração, e vida, e sangue ardente.
Deus a affaste de nós, que é praga horrivel,
Pois se a deixa á vontade, em pouco tempo
Lá se vai todo o mundo á tona d'agua!

VIII

O Lucrecia, ó virtude incomparavel
Da Roma, que já foi; Lucrecia antiga,
Como eu te vejo santa e luminosa
N'um turbilhão de nuvens!—tu devias
Ter um culto na terra, e, sempre acesas,
Quatro vellas de cêra ou de stearina!
Eu já vi, no sacrilego soneto
D'um Zappi rebellão, teu nome illustre
Atirado ao vaivem de uns versos toscos;
Mas vinguei-me depois, que o proprio vate
Expurgou-se de todo, memorando
A atroz expiação da leve culpa!

Por isso eu te idolátro, ó casta rolla,
Modelo conjugal, que preferiste
Rasgar os seios d'alma, (embora fosse
Apoz o crime vil), a ter na vida
Cravado o acerbo espinho do remorso.

IX

Isto não é sermão, caras leitoras;
Ninguem tem melhor fé, fé mais sincera
Do que eu tenho, na extrema pudicicia
D'alvas pombas do ninho meu paterno;
Mas não posso deixar de erguer meu canto,
E de saudar a esposa incorruptivel
Do pobre Collatino;—oh, a virtude
É quanto ha bom no mundo; e se inda houvesse
Conventos no paiz, em cata d'ella
Iria já, sem mais, metter-me a frade!—

X

—«Se te heide amar sempre, e sempre?...
Pois tu não sabes, querida,
Que o meu ser, a minha vida
Provem de ti?
Não vês como eu sou ditoso
Quando te abraço e te beijo?
Que tudo quanto desejo
Termina aqui?—

Se te heide amar!...—que me importa
Senão teu meigo sorriso?
Não me déste o paraiso,
No teu amor?
Como é possivel que um dia
Te esqueça, rosa innocente,
E te esfolhe na corrente,
Candida flôr!—

Oh, tu és a minha estrella,
O meu anjo, a providencia
Que em minha negra existencia
Tem só poder.
Quero seguir-te, inlevar-me
No teu gesto peregrino:
Não ha mais bello destino,
Nem póde haver!—

E tu vacillas, tu pensas
Que deve alguem condemnar-te,
Porque vim cego adorar-te,

Porque te amei,
Porque me déste os thesouros
Do teu seio palpitante,
Porque anceio a cada instante
Quanto gosei?....—

Quem és tu?... que tem o mundo
Que tu me abraces agora?
Quem ouve o mundo? quem chora?
Que mal te fiz!...
Quem pensa que existe um crime
N'esta alegria encantada
Em que a nossa alma arrobada
Vôa feliz!...—

Sim, tu és minha; o teu peito
Inda convulso láteja,
Fervido raio lampeja
No teu olhar;
Sim, tu és minha, bem sinto
Que me apertas contra o seio;
Não penses, não, que este enleio
Possa findar!

Sim, tu és minha, e na vida
Outro sol não me illumina;
Quanto me alegra e fascina
Provem de ti.
Ha luz do ceo na minha alma
Quando agitado te beijo:
O que eu sonho, o que eu desejo
Termina aqui.

Amar-te é viver, e eu quero
Levar cantando esta vida;
Só nos teus braços, querida,
Quero expirar;
Oh, mas sentindo que o peito
Inda te bate e lateja,
E que um raio inda lampeja
No teu olhar!»—

Escusado é dizer quem murmurava
Este canto de amor; por mais virtude
Que o leitor tenha em si, eu perco tudo
Que é possivel perder, se não é certo
Que já desconfiou de quem soltava
Estas palavras ternas e amorosas.
Fica, portanto, assente que a condessa,
A despeito de tudo, amava Jacques.
O que mais succedeu depois do canto
Que deixamos soar, é pomo augusto
Defeso a dente cru; demais, a noute
Era escura e sombria, e os dois amantes
Vagavam no mais denso da espessura
De um copado jardim. Oh, quem podera
Ouvir quantos suspiros maviosos
O vento repetiu, quantos protestos
De infinita paixão gemeram brandos
Entre os ramos em flôr da laranjeira!—

Deixai, deixai viver quem ama e sente
Bater-lhe o coração, doudo de affecto;
Deixai colher as rosas, que despontam
N'este duro pragal chamado a vida;

Deixai gosar: o goso é quanto resta
Ao que tem alma, e, farto d'este mundo,
Inda pode sonhar co'o paraiso!
Que importa o mais?... Eu quero em minha fronte
Uma c'rôa de lyrios, em meus braços
O meu anjo infantil, sobre os meus labios
Um beijo ardente e longo, e o mundo inteiro
Que desabe em redor: feliz e altivo
Heide viver de amor entre as ruinas!—

XI

O certo é que a condessa amava Jacques,
E o conde nem de longe suspeitava
Esta negra paixão; verdade seja
Que a esposa encantadora já não tinha
O mesmo agrado e affecto como d'antes;
Mas, que eu saiba, ninguem por tal mudança
Dera logar no espirito ao phantasma
De uma ideia ruim. Passava o tempo,
As visitas de Jacques repetiam-se
Cada vez mais, os animos alheios
Iam sentindo já, de vez em quando,
Seus momentos de duvida: a má lingua
Começava a grassar na visinhança.
Beatriz pensou, vio bem que era impossivel
Viver assim, fingindo, atraiçoando,
Mentindo a cada instante; era preciso
Remir-se, quando menos, d'esse crime
Da traição desleal;—que lhe restava?...
O que fazia alli?... pois não temia
Que, desfeita a illusão que inda cegava

O velho conde, subita procella
Desfechasse nos dois horridamente?...

Pensou, vio tudo, combinou mil casos,
Embebeu-se na ideia, e sempre ao cabo
D'essas cogitações vinha-lhe á mente
Affastar-se d'alli, fugir, roubar-se
Aos affagos do esposo, e só com Jacques
Entre arrobos do ceo passar a vida.
Este alvitre, de certo, era o mais prompto
Que podia accodir, a quem se visse
Na posição terrivel da condessa.
O caminho era agreste, a senda rude,
Não faltariam pés que antes quizessem
Ter a alfombra do lar, inda que impura.
Mas a pobre mulher, que só peccara
Cega de amor, que ouvia a consciencia
Condemnal-a na voz de seu marido,
Sabia que arrancar da face a mascara,
O seio desvelar, rouxo dos beijos,
Dizer ao mundo: «Eu sou!»—era mais digno
Do que fingir pureza, quando n'alma
A pustula da infamia ia lavrando!—

Assim foi; certo dia, a desgraçada,
Entre lagrimas tristes, disse a Jacques
Que era força partir, irem sosinhos
Viver longe do mundo, não sentindo
O rumor da procella que já perto
Ia rugindo atroz; elle, beijando-a
Na face desmaiada, disse apenas
Co' um sorriso de amor:—«Oh, sim, querida,

«É preciso partir; sou teu, és minha!...»—
Pouco tempo depois, ambos viviam
Na mais doce união, na paz mais doce
Que podemos sonhar; o ceo banhava-os
De luz e de prazer, e as brandas horas
Deslisavam serenas, como um rio
Entre o frescor e o cheiro das boninas.

O conde, o pobre conde retirara-se
Do bulicio do mundo, e alguem dizia
Que, pungido de magoa, ultimamente
Fôra—coitado!—recolher-se a Trappa,
E devorar no horror o fel da vida.
O certo é que partira; onde parava
Não posso já dizer, porém suspeito
Que a balela da Trappa é falsa em tudo.
Isto é fallar de mais; eu deveria
Conservar o mysterio até as ultimas,
Cobrir co' um veo de nevoa as peripecias
Que tenho a relatar, baralhar tudo,
E assim ganhar terreno onde podesse
Mostrar no desenlace os meus recursos.
Isto manda o bom siso, e os grandes mestres,
Que valem muito mais; oh, mas não posso,
Seja dito a final, não posso nunca
Prender-me em grande acção, aproveitar-lhe
Quanto ella tem de bom, torcer, viral-a
Em trato de polé; toco-a de leve,
Tomo apenas a flôr, vou pela rama,
E acabo exhausto e farto; estou no caso
Do simples La Fontaine:—«As grandes obras
Nunca as pude tragar, tenho-lhes medo!»

XI

Eia, gosemos; pela florea taça
Beba-se o nectar de eternal prazer:
O goso é fumo que se esvai, e passa,
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gozemos muito; sabe Deus se agora
Negra procella vem rugindo ao perto,
Se o puro brilho d'esta immensa aurora
De horrendas trevas ficará coberto!

Somos convivas no festim da vida;
Que tem que a morte com seu frio horror
Deixe uma rosa no jardim pendida,
Se abril em tantas nos accende a côr?...

Que tem, se em meio dos festivos cantos
Que ardente o goso nos inspira já,
Susurra o ecco de abafados prantos,
Que a desventura soluçando está?...

Que tem que o mundo se atropelle e corra
Apoz um sonho que atravessa o ar?...
Que o perca, embora, que esmoreça, e morra....
Que eu só, ditoso, viverei de amar!—

Vôa, minha alma, pelo espaço em fóra,
O ceo te inleva resplendendo aberto:
Gozemos muito! sabe Deus se agora
Negra procella vem rugindo ao perto!

Vôa, minha alma, que d'além do prado,
Sobe o perfume que embalsama o vento;
Deixa este mundo, que, a chorar curvado,
Modula apenas sepulchral lamento.

Eia, gosemos; pela florea taça
Beba-se o nectar que nos dá prazer:
O goso é fumo que se esvai e passa,
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gozemos muito! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que viçando estão;
Ceifem-se todas,—uma só não deve
Soltar nas brisas seu perfume em vão.

Gozemos muito! que o prazer rescenda,
Em quanto a aurora mil lampejos tem;
Deixai que a sombra do pesar se estenda
Sobre os que ficam meditando alem.

Somos convivas no festim da vida,
Ergamos todos n'um só canto a voz.
Se um parte, embora! que uma flor pendida
Não turba o goso que lateja em nós!—

XIII

Beatriz estava só; Jacques saira.
Tinha passado um anno dêsque a bella
Commettêra o delicto imperdoavel
De abandonar o conde; a providencia
Não lhe tinha, porém, como em castigo,

Amortecido a esplendida belleza
Do rosto encantador: anjo caido,
Inda ostentava o mimo, a graça pura
Que o ceo lhe havia dado, como a poucos.
Era amada e feliz, toda a existencia
Espraiava-se então n'um paraiso
De ventura ideal; como pensara
Na escura cerração que em torno d'ella
Se condensava já, quando em sua alma,
Grata aurora de amor gentil brilhava?...
Beatriz estava só; rapidamente
Um confuso tropel lhe invade a sala.
Que foi?... quem era, pois?... porque viriam
Amedrontar a pomba que arrulhava
No seu ninho de murtas e açucenas?...

Ceos! eu a vi sem côr, sem voz, sem tino,
Rojada aos pés de um velho, que bradava
Á chusma dos algozes:—«Eil-a, é esta!...»—
Ceos! eu a vi sem côr, sem voz, sem tino,
Morta de assombro e angustia, arrebatada
D'aquelle ceo de paz, como a folhinha
Que o norte agudo arranca ao jasmineiro,
E a vai deitar nos agoaçaes immundos!...
Ceos! eu a vi... não vi, peço desculpa,
Porém ouvi contar; um dia o conde,
Firmado em dois artigos truculentos
Do *Codigo-penal*, foi co'a justiça
Dar principio ao castigo memoravel
Que a lei lhe concedia;—ó Christo, Christo,
Como tu eras bom, como sabias
Quanto é facil cair no horrendo abysmo

Que se nos rasga aos pés!... Que atire a pedra
Á mulher que peccou, quem jámais teve
Um remorso a morder-lhe a consciencia!...

XIV

Estou certo que alguem, de gosto e critica,
Censura esta passagem, como avessa
Ao lyrismo, ao perfume, á singeleza,
Á graça natural, e a muitas cousas
Que os versos devem ter; oh, mas se a gente
Seguir, como ovelhinha, estes pastores
Que nos estão guardando as lettras patrias,
Tomba da serra abaixo em pouco tempo.
Cada qual tem seu rumo; a minha estrella
É meu farol,—caminho e não percebo
O canto-chão dos criticos roufenhos.
É trivial o assumpto?... que me importa!...
Fôra melhor talvez sagrar a musa
Ao genero de truz, aos grandes cantos,
E aos retumbantes versos que apavoram;
Fallar no Parthenon, em Gnido, em Paphos,
Nas abelhas do Hymeto; entrar no Egypto,
Conversar co'as pyramides altivas,
Dar voz ao raio, ao vento, aos esqueletos,
Ás montanhas, ao pégo, ao mundo inteiro,
Aos demonios crueis; fazer um côro
De estrondo á Meyerbeer, que produzisse
Tres vágados mortaes, e depois d'isto
Adormecer na gloria satisfeito.
Talvez fosse melhor; creio até mesmo
Que este ponto é de fé; mas quem me dera

Que em logar d'isso tudo, um dia cedo
Eu podesse escrever *El diablo mundo!*—

XV

Jacques sabia tudo; a sua amante
Soffria o vil castigo, a pena infame
Que a cegueira dos homens lhe impozera.
Chorou, coitado!—o pobre amesquinhou-se,
Quiz morrer de pesar, porém não poude.
Ella expiava só,—ella, tão moça,
Tão linda, que rasgava os seios d'alma
Vêl-a penar assim; nem uma lagrima
Podera derramar, nem um gemido
Desprendêra siquer; pasmada e louca,
Incerto o olhar, as faces maceradas,
Erma co'a sua dôr, sem voz, sem força,
Luctando peito a peito co'o gigante
Da amargura cruel, sentia apenas
Vacillar-lhe a rasão n'aquelle embate.
E fugio-lhe,... ai de mim!...—deixae que o pranto
Corra em meus olhos tristes, que um momento
Orvalhe as rosas murchas d'esse affecto;
Deixai que a magoa me lacere o peito
Costumado a bater, convulso e farto
De amor, de ceo, de luz, de aroma e vida;
Deixai, deixai,... que em breve eu torno aos cantos!

Poucos mezes depois partio o conde.
Para onde foi, não sei; dizem, comtudo,
(E eu creio), que, sem mais, pozera termo
Á crua dôr que lhe pungia a vida.

Jacques tinha perdido, a pouco e pouco,
Aquella vaga sombra de tristeza
Que lhe toldára o rosto; começava
A metter pé no mundo como d'antes,
E mais de uma aventura escandalosa
Ia correndo, então, de bocca em bocca.
Se era ou não era fel que as linguas torpes
Deitavam sobre elle, não affirmo
Porque não quero errar; mas sei, mas juro
Que alguns mezes depois d'estas noticias
Terem lavrado já, quando a saudade
Inda devia ardente compungir-lhe
Inteiro o coração, feliz e amado,
Elle contava as horas da existencia,
Doudo de amor, no seio d'outra pomba!—

XV

Eia, gozemos; pela florea taça
Beba-se o nectar d'eternal prazer;
A densa nuvem que troveja, e passa,
Nem uma sombra nos vem dar siquer.

Gozemos sempre! da ventura breve
Ceifem-se as rosas que despontam já.
Que tem, que importa se um montão de neve
Rosaes inteiros sepultando está!?...

Que tem que as faces da mulher perdida
Vão definhando na amargura atroz?
Somos convivas no festim da vida:
Ergamos todos n'um só canto a voz!

Vôa, minha alma, pelo espaço em fóra,
Tu és o aroma que respira a flôr;
Deixa este mundo que se prostra e chora...
Vôa, minha alma, procurando amor!

Não falta um dia em que infernal desgraça
Azede o nectar que nos deu prazer:
O goso é fumo que se esvai, e passa,
Quando mais ebrios nos parece ver.

Gozemos tudo! que o prazer resplenda,
Em quanto a aurora mil lampejos tem:
Basta que um dia sobre nós se estenda
A sombra eterna que divaga além!

Agosto de 1864.

A VOLTA DAS ANDORINHAS

> Heureux qui sur une aile agile
> Peut s'éloigner quelques instans!
> Les oiseaux que l'hiver exile
> Reviendront avec le printemps.
>
> (BÉRANGER.)

Eram ellas: ao solposto
Vi-as em bando passar;
Iam doudas, era um gosto
Ouvil-as, como eu ouvi.
Vinham de longe cantando
As pobres das andorinhas,
Procuravam, coitadinhas,
Este ceo que nos sorri.

Na beira do meu telhado
Pousaram duas, depois,
Do musgo mais delicado
Foram seu ninho fazer.
Como esse par venturoso,
Que andára fugindo ao inverno,
Se aconchegava alli terno
Vendo o sol que ia a morrer!

Beijavam-se as innocentes
Como dois noivos se beijam;
Lembrei-me ao vêl-as contentes
D'esse abril que todos tem:
Ai, mocidade risonha,
Minha curta primavera,
Quem me dera, quem me dera
Que tu voltasses tambem!

Quando esta verde folhagem
Fôr levada pelo vento,
Sabe Deus em que paragem
Hão de ir ellas descançar;
Mas eu ficarei sósinho,
E na estação desabrida,
Vendo a flor da minha vida
Folha a folha desbotar!

Porque ha de a neve do monte
Achar-me aqui solitario?
Porque desce á minha fronte
A sombra de immensas dôres?
Porque não ha de a minha alma
Divagar de ramo em ramo,
Se, como a andorinha, eu amo
O perfume, o ceo, e as flores?...

E dizem que esta existencia
É bella, porque n'um dia
Veio um riso d'innocencia
Dourar-nos a escuridão?...
Porque n'uns labios colhemos

Do prazer o doce gomo?...
Oh, quanto é melhor que o pomo
A casta rosa em botão!...

Andorinha descuidada
Que junto de mim vieste,
Canta na rama copada
Que já começa a florir;
Desprende no fim da tarde
Os teus murmurios suaves:
Eu gosto de ouvir as aves
Porque me fazem sorrir!

Abril de 1867.

DESEJOS

> O ma charmante,
> Ecoute ici
> L'amant qui chante
> Et pleure aussi!
>
> V. HUGO.

Se eu fosse a relva ondeada,
Entre a qual, de madrugada,
Viceja a flor,
No meu regaço viria
Dormir bello, ao pôr do dia,
O meu amor.

Se eu fosse um raio celeste,
Deixaria o monte agreste
Sem esplendor;
Deixando mesmo o horisonte,
Brilharia só na fronte
Do meu amor.

Se eu fosse o vento encantado,
Em vez de espirar no prado
Tanto frescor,

De manhã dera um bafejo,
E de tarde um beijo,... um beijo
No meu amor.

Mas se eu fosse um pensamento,
Um delirio, um sentimento,
Um vago ardor,
Andaria eternamente,
No seio, n'alma, e na mente
Do meu amor!

Junho de 1862.

MAL DE AMOR

And love is still an emptier sound,
The modern fair one's jest:
On earth unseen, or only found
To warm the turtle's nest.

GOLDSMITH.

Passou! Na face abatida,
Nos olhos, cheios de vida
Quando eu na terra a adorei,
No seio outr'ora anhelante,
No porte grave e elegante,
Na voz, no gesto, na côr,
Debalde lhe procurei
A doce luz da poesia,
E aquella vaga harmonia
Do tempo do nosso amor!

Como ella estava mudada!
Co'a fronte meia inclinada
De continuo olhava o chão;
Já não tinha esse olhar puro,
Comque ao scismar no futuro
Levantava o rosto ao ceo;

Não tinha a voz da innocencia,
Nem vinham da mesma essencia
Tantos suspiros que deu.

E o mundo parava olhando-a,
E o mundo sorria amando-a,
D'esse amor medonho e fero,
Amor que não vem do ceo,
Sem vêr que dôr insoffrida
Ia n'essa alma--perdida...
Deus sabe quem n'a perdeu!

Mas como? que mão occulta
Me involvêra o pensamento?
Livre e só, n'esse momento
Porque agitado fiquei?
Quem me disse que aos seus braços
Lançar-me então não podia?
Quem me roubava a alegria
Dos tempos em que a adorei?

Que amor, que ventura immensa!...
E os annos que longe vão!...
Foi-nos breve o amor e a crença;
Mas se o sol brilha, quem pensa
Nas sombras que apoz virão?...
Ella, esplendida e formosa,
N'esse amor fez-se ditosa,
E a sorrir no mundo entrou:
Que fragrancias que espirava,
Que delicias que me dava,
Que sonhos por mim sonhou!

«Oh, como a vida me encanta,
«Como esta alegria é santa,
«Como tudo aqui seduz.
«Ao longe—quantos gorgeios,
«Ao perto—quantos enleios,
«Comtigo—que ceo, que luz!—»

E feliz, no seu delirio
Do prado ao longo corria;
Creança, nem presentia
Um vislumbre de pesar.
Como a pomba abria as azas
Pelos floridos caminhos,
Sem vêr que occultos espinhos
Lhe iam as azas rasgar!—

«Vem comigo, a vida é santa,
«Cada momento me encanta
«N'esta grata solidão;
«E sem pesar, sem receio,
«Abro o peito ao vago enleio
«Da ventura e da paixão!—»

Que alegre correu o dia!...
Que dia roubado á dôr!...
Foi-nos breve essa alegria,
Logo a quadra mais sombria
Seguiu-se á quadra do amor.

E hontem passou ao meu lado
O que fôra anjo adorado,
Anjo caido do ceo;

E eu não lhe alentei a vida,
Deixei-a, deixei—perdida...
Deus sabe quem n'a perdeu!—

Abril de 1862.

VISÃO

Ha! laugh'st thou, Lochiel, myvision to scorn?

CAMPBELL.

Brilhava a aurora: subito,
Rompendo essa luz pura,
Anjo de casta alvura
Junto de mim desceu.
No rosto aceso em jubilos
De mysterioso encanto,
Lhe refulgia o santo,
Vago esplendor do ceo.

Baixou, baixou; sorria-se
Ao vêr não longe a terra,
Passou de serra em serra,
Voou de flor em flor:
E a viração dizia-lhe,
Folgando entre o cabello:
—«Ai, como tu és bello,
«Anjo de casto amor!—»

«Porque me foges timido?

«Porque te córa a fronte?
«Que buscas no horisonte
«Onde te vás, meu bem?
«No meu regaço inclina-te,
«Perfumarei teu seio,
«Terás ventura, enleio...
«Oh, vem comigo, vem!—»

«Vem, anjo meu; do empyreo,
«Dize, porque desceste?
«No puro amor celeste
«Sonhaste o ardente amor?—
«Bem sei, teu seio candido
«Busca outro seio amigo...
«Não tardes, vem comigo
«Brincar de flor em flor!»—

«O ceo é vasto e amplissimo,
«A luz do sol divina,
«E a estrella peregrina
«Segredos conta aos mil.
«Mas eu dou-te mais jubilos,
«Mais luz, mais harmonia,
«No despontar do dia
«Em grato mez de abril!»—

«Dou-te o frescor, os canticos
«Que á tarde eleva o prado,
«O aroma embalsamado
«Que a natureza tem;
«O teu viver angelico
«De amor será ditoso:

«Não pares receioso...—
«Oh, vem comigo, vem!»—

E o anjo ergueu-se rapido
Batendo as asas puras;
Só longe e das alturas
Á terra o olhar volveu.
A brisa arrebatava-o,
Sempre de amor fallando;
E o anjo ia voando...—
Mas não tornou ao ceo!

Maio de 1862.

DESALENTO

Oh, quand ce doux passé, quand cet âge sans tache,
Avec sa robe blanche où notre amour s'attache,
Reviens dans nos chemins,
On s'y suspend, et puis que de larmes améres
Sur les lambeaux flétris de vos jeunes chimères
Qui vous restent aux mains!

V. HUGO.

Sumiu-se a chamma que a minha alma out'rora
Vinha acender-me de celeste ardor;
Meus dias tristes vão passando agora
Em negros sonhos de desfeito amor.

Como esses rios que um momento correm
Sobre as boninas que a campina tem,
E que entre abrolhos pouco a pouco morrem,
Tu, minha vida, vás morrer tambem!

Ai, minha vida, como o ceo brilhava
Nas meigas tardes do florente abril,
Que doce aroma que do val manava,
Quantos gorgeios, que sorrisos mil.

Como essas flores pareciam bellas,
Como esse campo scintillava então;

E á noute, á noute que fulgor d'estrellas,
Oh, que mysterios de infantil paixão!

Um mundo puro, como o alvor da neve,
Fulgindo em torno, fascinar-me eu vi;
Doce mentira que fugiu em breve,
Ai, como tantas que a chorar perdi!

Lembra-me tudo; no meu peito, ainda
Candida imagem me domina a dôr,
Que eu vivo agora da saudade infinda
D'essas delicias de perdido amor.

Quem ha na terra, que ao sentir a chamma
Que uns olhos meigos acender nos vem,
Não crê, não sonha, não sorri, não ama,
Não sente a vida recrescer tambem?

E a vida passa n'esse vago enleio,
Como avesinha, que em seu louco ardor,
Desprende á tarde em divinal gorgeio
Ternas endeixas d'innocente amor!—

Ai, minha vida! pavorosa e densa
A nova quadra surgirá, bem sei:
Não vejo os dias de ventura immensa,
Não dou co'as noutes que a scismar passei.

Scismar no prado, quando treme o seio
Sobre outro seio que por nós palpita,
E a meiga lua vem bater em cheio
Sobre a folhagem que o rumor agita:

Scismar encantos, desenhar no espaço
Aureos futuros de ridente amor;
E ver os anjos, que em subtil regaço
Nos trazem rosas de celeste alvor.

Scismar!...—engano! que me foge agora,
Perfida sombra perseguida em vão,
Sombra que ao longe nos estampa a aurora
Dourando os mundos da infantil paixão!

E como os rios que um momento correm
Sobre as boninas que a campina tem,
Mas que entre abrolhos pouco a pouco morrem,
Tu, minha vida, vás morrer tambem!

Março de 1862.

COMO TU ÉS

Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti — a ti!
GARRETT.

És bella! No teu semblante
Resplandece-te a pureza;
És bella! e tanta belleza
Só para ti Deus a fez;
Para ti só, que entre os anjos
Não ha nenhum, Deus me ajude,
Que tenha maior virtude,
Que seja como tu és!

Alonga os olhos formosos
Por este espaço, querida,
Contempla quanto tem vida,
Quanto fascina e sorri;
Olha o ceo brando e sereno,
Olha o val, mira a deveza,
E vê se encontras belleza
Como a que sentes em ti!—

Modesta! tu córas toda,
E escondes a linda frente,
Mas não sabes, innocente,
Como encanta esse rubor:
Estrella que envergonhada
Entre as nuvens esmorece,
Tem mais luz quando apparece,
E a terra inunda de alvor!—

Ai, como eu te amo, querida,
Quando esses labios risonhos
Me fallam de tantos sonhos
De ventura e de paixão;
Quando depois, enleiada
Das fallas que proferiste,
Pensativa e quasi triste
Me apertas tremula a mão!

Oh, como é bom ser amado,
Como é bom passar a vida
Longe da terra e da lida,
Isento de vãos rigores!
Quando o ruido dos homens
Passa louco e desvairado,
Oh, como é bom ser amado,
Como é bom fallar d'amores!

És bella, meu bem! no brilho
Da tua face divina,
Sinto que mais se illumina
O fogo que me seduz.
Já viste o ceo que resplende?

Olhaste o val que floreja,
E dize, tiveste inveja
D'outra flor ou d'outra luz?

Pela minha alma t'o digo,
Ai, por a minha alma, querida,
Que nunca acharás na vida
Quem seja como tu és;
Que a peregrina belleza
Que o teu ser candido encerra,
Só para ti veio á terra,
Só para ti Deus a fez!

Junho de 1860.

VIBORA D'AMOR

(A Cléopatra)

Cleópâtre! encor toi! voluptueux genie!
L. BOUILHET.

Não! a damnada vibora
Que envenenou teu seio,
Não foi colhida em meio
Das orvalhadas flores;

Nasceu-te, ó Cleopatra,
No inferno das caricias:
Colheste-a nas delicias
Dos teus fataes amores!

Agosto de 1860.

A ESTRELLA

Like a star on eternity's ocean!
MOORE.

Por entre o raro veo, que, pouco a pouco,
Viera o ceo toldar,
Eu, deslumbrado, contemplava a estrella
Que via além brilhar.

Oh, era bella, sim; seus raios tremulos
Sobre a terra desciam;
Mas n'aquelle esplendor pallido e santo
Os lyrios se reviam.

Era bella, perdida e solitaria
Em meio d'amplidão,
Como um fanal d'esp'rança, radiando
Na escura cerração.

E o meu espirito evocava, inquieto,
Delicias que eu perdi;
E o meu passado, inteiro e redivivo,
Sorria-me d'alli.

E o coração batia-me convulso,
Como jámais bateu;
A minha vida toda estava presa
Na luz d'aquelle ceo.

É que a estrella era a imagem saudosa
De um sonho d'alegrias:
Astro consolador, raio perdido
Na treva dos meus dias!

Julho 64.

ILLUSÕES

Mon feu pour vous est pur, aussi pur que le jour.

SAINTE BEUVE.

Amo-te, sim, porque a vida
Corre mais bella ao teu lado,
Porque me esquece o passado,
Porque me sinto feliz,
Porque até sonho um futuro
Das venturas mais bemditas,
Quando por vezes me fitas,
E pensativa sorris.

Como?... quando?... que motivo?...
Qual a magica palavra
Que este fogo que hoje lavra
Me inflamou com tanto ardor?
Pensa, vê porque eu te sigo
Humilde, timido, incerto;
Porque és tu no meu deserto
A minha estrella de amor?...

Não sei; vivia comtigo,
Comtigo os dias passava,

Mas nem siquer suspeitava,
Jámais sonhei que uma vez
Podesse ter a loucura
De sentir n'alma este affecto,
De te adorar, indiscreto,
De me curvar a teus pés.

É que o fogo sopitava
Occulto, fundo e latente,
Como dorme a lava ardente
Nos abysmos de um vulcão;
E só Deus sabe o mysterio
Porque ás vezes, n'um momento,
Sobe inteiro ao pensamento
O fogo do coração!

Olha, amor; em certas horas,
Chego a pensar que é peccado
Varrer da mente o passado,
Para inlevar-me em ti só;
Dar-te os cultos da minha alma,
Bemdizendo a providencia,
E os lyrios d'outra existencia
Deixal-os murchos no pó.

Amar-te, e não ver ao menos
Que ao pé de mim, que em ti penso,
Palpita esse amor immenso,
Que é crime vil macular,
Que me diz entre carinhos,
Que a não deixe um só momento,
Pobre flor que teme o vento,
Que póde vil-a açoutar.

E não vèr, não ver na terra
Outra delicia querida,
Senão a ti, minha vida,
Senão a ti, meu amor;
Chamar-te sempre anhelante,
Na febre do meu transporte,
Como se exora na morte
Um anjo consolador!

Oh, tu não vês, não percebes
Como, ao fallar-te, estremeço,
Como, comtigo, me esqueço,
De quanto o mundo em si tem,
Como entrevejo um futuro
Das venturas mais bemditas,
Quando, se acaso me fitas,
De pejo córas tambem.

Mas que importa?... a minha vida
Com teus raios se illumina:
Veio d'agua crystalina,
Bate-lhe o sol a brilhar;
N'esta illusão que me encanta
Meus dias seguem risonhos...
Feliz quem póde, entre sonhos,
A vida inteira passar!

Abril de 1867.



O OUTONO

Horror wide extends
His desolate domain. Behold, fond Man!
See here thy picture life!
THOMSON

Eil-o, chegou o outono; as folhas seccas
Caindo, a espaços, vão;
Desmaia a luz, a pallida saudade
Inunda o coração.

Callou-se a toutinegra, que, no ulmeiro,
Ao resvalar do sol,
Nos fazia esquecer, com seus requebros,
Cantos do rouxinol.

Perdeu-se o grato aroma das giestas,
Dos verdes laranjaes;
Estas flores gentis, que definharam,
Não viçarão jámais.

Oh, como a sombra vai crescendo, e cobre
As montanhas d'alem;
Como é carpida a voz dos passarinhos
Que tristes vão e vem!

4

Como os campos, ha pouco verdejantes,
Seccaram de repente;
Quem sabe quantas rosas vão perdidas
Nas aguas da corrente!

Por entre estas acacias, que se despem
Das folhas desbotadas,
Quantos beijos de amor sussurrariam
Nas brisas perfumadas!

Quantas vezes viria o canto alegre
De um bando juvenil,
Saudar, co'a cotovia, o claro assomo
D'entre-manhãs d'abril!

E a minha alma, tambem, pungida e triste,
Murchar em breve espera;
Cairam, folha a folha, as rosas todas
Da minha primavera.

Sumiu-se a viva luz que me banhava
De fulgidos clarões;
Vai longe a doce quadra dos enleios,
O tempo das canções.

Hoje, sento-me á tarde, olhando as nuvens
Que vão correndo alem:
Como as nuvens, meus sonhos encantados
Eu vi fugir tambem!

Outubro 63.

NA PRIMAVERA

> Je suis la fleur des murailles,
> Dont avril est le seul bien.
> Il suffiit que tu t'en ailles
> Pour qu'il ne reste plus rien.
>
> V. HUGO.

Desfez-se a nevoa do inverno,
Começa a vir o calor;
No campo despontam rosas,
No seio palpita amor.

As andorinhas fugaces
Chilrando alegres já vem;
Sorriem-se os pequeninos
Nos ternos braços da mãe.

O sol beija docemente
Os cimos dos alcantis;
Desdobra a relva um tapete
Do mais gracioso matiz.

O vento suspira e brinca
Nos ramos da laranjeira;
O cysne canta e deslisa
Sobre as aguas da ribeira.

Tudo é luz, tudo perfumes,
Tudo alegrias singelas;
De manhã vicejam flores,
De noute brilham estrellas.

Como a vida corre amena
N'esta florida estação!
Como a sombra foge aos campos,
Foge à magoa ao coração.

Aqui respira-se a vida,
Aqui traga-se o prazer.
A nuvem d'uma tristeza
Não vem turbar-nos, sequer.

Oh, dá-me o braço, querida,
É nossa a quadra do amor:
O sol é grato aos amantes,
Como ao campo, e como á flor.

Vem, não temas, divaguemos,
Não fiques, não penses mais.
Como os beijos são tão doces
Á sombra dos laranjaes!

E eu quero aspirar comtigo
Todo este aroma subtil,

Em teus braços reclinado
Contente saudar abril.

Sim, eu amo a primavera,
Os vivos clarões do sol,
De noute as brandas endeixas
Que gorgêa o rouxinol.

Amo tudo que scintilla,
Tudo que é raio e esplendor,
O canto que vem das aves,
O cheiro que vem da flor.

Mas sem teu meigo sorriso
Nada me encanta e seduz;
Nas rosas perde-se o viço,
Nos astros desmaia a luz.

Que tem que o sol encha a terra
Com seu fulgente clarão,
Se escura noute sentimos
Toldar-nos o coração?

Que valêra a primavera,
Que engrinalda a terra e o ceo,
Se os teus olhos não dissessem
Que és minha como eu sou teu?

Vem, pois, comigo, querida,
Gosar do campo o frescor:
O campo é grato aos amantes,
Como o sol é grato á flor.

Vem, não temas, não vacilles,
Não fiques, não penses mais...
Que doces beijos daremos,
Á sombra dos laranjaes!

Abril de 1864.

A LUIZ DE CAMÕES

(Na inauguração da sua estatua)

I

Ergueu-se o altar, fundiu-se o eterno bronze,
Alçaram-se os trophéus,
Enfeixaram-se as palmas do triumpho
Aos pés do semi-deus.

Era já tempo! Os seculos correram
No seu lethargo atrós;
Cabe ao passado a mancha dos ingratos:
Os grandes somos nós!

Aquelle cuja lyra sonorosa
Fez a patria immortal,
Tem hoje, como as aguias tem na rocha,
Seu throno e pedestal.

O povo immenso, os principes da terra,
As longas multidões,
Foram dobrar o collo ante esse genio,
E repetir: «Camões!»—

E elle, então, parecia que um sorriso
Mandava em premio aos seus...
E do triumpho as palmas enfeixavam-se
Aos pés do semi-deus!

II

Santa missão! Surge um povo,
Guia-o destino propicio,
Talha o seu vasto edificio
Por esses mundos d'alem;
Estende o braço e domina,
Tudo é seu, diffunde assombros,
Pende-lhe altivo dos hombros,
O manto que os reis só tem.

Dilata com a forte espada
O seu poder soberano,
Recebe pareas do Oceano...
Deslumbra tanto esplendor!
É Deus que as armas lhe sagra,
É Deus que o manda á victoria:
Soa-lhe o canto da gloria
Entre os loureiros em flor.

De repente as sombras descem,
Ai do povo, é certa a noute,
Corta o ar, como um açoute,
O vento que além rugiu.
Ai do povo! Esse gigante
Não tem vigor já nos braços,
Cae-lhe a purpura em pedaços,
E o mundo grita: «Caíu!»—

Caíu, bem o sei, caímos,
Cumpriu-se em nós o destino;
Mas do pranto sae o hymno,
Sae do gemido a canção:
D'entre as cinzas resfriadas
A faísca se levanta,
Soprou-a o genio... que espanta?...
É chamma, é facho, é clarão!

Brilha, como um véu de estrellas,
Sobre o monte das ruinas...
Caem scentelhas divinas
Da fronte d'esse immortal.
Oh, bemdito, oh, sim, bemdito
O genio, que, lá do espaço,
De luz inunda o regaço
D'este que foi Portugal.

III

Pagou-se emfim a divida sagrada,
Alçaram-se os tropheus,
Foram hoje tres seculos curvar-se
Aos pés do semi-deus.

Podemos levantar sem pejo a fronte,
Em meio das nações:
Estende sobre nós sua aza d'oiro
O genio de Camões!

9 de outubro de 1867.

IDYLLIO DE UM REI

> Estavas, linda Ignez, posta em socego,
> De teus annos colhendo doce fruito.
>
> CAMÕES

As aguas do Mondego deslisavam
Entre os puros verdores,
E doce murmurinho derramavam
Pela varzea, onde as flores
Espiravam fragrancias voluptuosas.
Ardia a accesa calma; as saudosas,
As avesinhas timidas, corriam
Em bandos doudejantes,
Procurando frescor;
Corriam e chilravam delirantes:
Era a estação do amor!

No ceo nem uma nuvem branquejava;
Formoso ceo d'anil!
Na terra um vago canto em cada selva,
Em cada folha um som... até na relva:
Era um dia d'abril.
E Ignez, a linda Ignez, sósinha errava
Pelo campo florido;

A fina trança d'ouro lhe ondulava
Na branda viração;
O olhar inquieto, o seio palpitante,
O passo vacillante,
A viva commoção,
Tudo, em muda eloquencia, traduzia
Segredos d'esse amor:
Mal que um sussurro leve presentia
Parava, mas sorrindo estremecia,
Como estremece a flor!

Que de sonhos a mente lhe povoam!
Que ardentes sóes, que jubilos resoam
N'aquelle intimo peito inda innocente!...
O espirito fremente
Em saudosas memorias se lhe embebe;
Não ouve, não percebe,
Não vê senão de Pedro a cara imagem;
Nos murmurios do rio,
Nos canticos da aragem,
No mais debil cicio,
Pensa escutar a voz tão conhecida,
Que balbucia ao perto:—«Ignez,—querida!»
E na visão fallaz, no grato enleio,
As mãos aperta ao seio,
E, sem saber porque,
Sente no rosto avermelhar-se o pejo,
E então nas frescas auras manda um beijo
Á sombra que entrevê!

Ia baixando o sol:
As veigas transpiravam mais fragrancia,

Com suave elegancia
Agitavam-se as arvores do monte;
O resplendor das aguas azuladas
Misturava-se ao brilho do horisonte.
Tudo era um ceo, no bosque e na campina,
No prado e na ribeira crystalina,
Um ceo de paz, de encanto e de poesia,
Onde cantava alegre o rouxinol;
Tudo era um ceo,—ali tudo sorria:
Ia baixando o sol!

Mas que rumor se ouviu?... Ella estremece.
—«Ignez!»—eil-a, parece
Que uma loucura, um sonho a desvairou,
Lá corre, lá sorri, lá desfallece...
Meu Pedro!...»—soluçou.
E Pedro, aquelle nome tão sabido,
Pelo vento mil vezes repetido,
Sôa agora festivo e todo amor:
—«Pedro»—murmura a trepida corrente,
—«Pedro»—responde o val, e docemente,
—«Pedro!»—suspira a flor!

Quem podera, meu Deus, oh! quem podera
Saber, da confidente primavera,
Os beijos que ella ouviu;
Quantos protestos de ternura immensa,
E quantos devaneios, quanta crença
N'um bem, que se esvaio!

«Ignez!»—«Pedro, meu bem, sou tua!»—És minha!»
E affagava o semblante, caricioso,

Da misera e mesquinha,
Que bem cedo, talvez: — «Esposo! esposo!» —
Entre os braços da morte gemeria.
Mas elle, ai, não! e quem, quem poderia
Pensar que tal bonina
Em breve deixaria
De perfumar a florida campina!...

Acaso ninguem viu, no ardor da sésta,
Dois rouxinoes, occultos na floresta,
Á beira do seu ninho?
Que delicias d'amor, que santa festa
Que extremos de carinho!
Como as azas se apertam e entrelaçam,
Como as horas lhes passam,
E como ali contentes viveriam;
Assim os dois amantes se abraçavam,
E os seus anjos da guarda, que velavam,
Corando estremeciam!

Depois, sós, divagaram passo a passo,
Por entre os arvoredos;
Tinham, n'um curto espaço,
Vivido, quanto póde a natureza
De vida conceder.
Ella dera-lhe os mimos da belleza,
Elle em premio a ventura;
Que póde mais sonhar a creatura?
Deve ser bom morrer!

Então, já sobre o cume das montanhas
Se espargia o luar,

Vinha mais forte o vento baloiçar
As delicadas flores;
O ceu de azul ferrete se tornava,
E na franja das nuvens desmaiava
O facho de mil côres.
Ineffavel saudade transluzia,
Do ceu, do val, da rosa, e da harmonia
Do terno rouxinol;
Pairava triste o archanjo da poesia:
Escondera-se o sol!

22de Março de 1868.

O POETA

En vain vos légions l'environnent, sans nombre,
Il n'a qu'à se lever pour couvrir de son ombre
A la fois tous vos fronts.

V. HUGO.

Nunca viste um vulcão? A erguida fronte
De verdejantes myrthos se engrinalda;
É bello, é grande o vêl-o no horisonte
Como um gigante incolume elevar-se;
É bello! mas no seio a lava escalda,
No seio ruge o fogo da voragem
Atroz, negra, maldita, irrequieta:
E sabes tu de que o vulcão é imagem?
Não sabes?—do poeta!

Quando elle passa altivo e coroado,
Fallando de prazer, de gloria e crença,
Quando um carme d'amor solta inspirado,
As multidões escutam-n'o a sorrir.
Oh, como elle é feliz! mas ninguem pensa,
Quando essa fronte augusta envia ao mundo
Um raio, a dissipar-lhe a escuridão,
Que ruge dentro d'alma, no mais fundo,
A lava do vulcão!

Maio de 1859.

CREIO

Eu creio e espero
No Deus das almas generosas, puras.
A. Herculano.

Creio, sim! No futuro
Meus olhos vão perder-se,
Buscando no infinito
A estrella que os seduz;
E n'esse oceano immenso
Minha alma irá rever-se,
Banhada toda em luz!

Creio! Que importa a onda
Que aos pés brama revolta,
Se a fronte acesa em fogos
Reluz,—novo Synai?
Que importa o rir da plebe,
Se a voz do Eterno solta,
Do ceo me grita: «Vai!»

E eu vou, caminho; aonde...
Não sei, mas vou seguro,

Como caminha o vento
Do fundo abysmo aos ceos;
Romeiro infatigavel,
Nortêa-me o futuro,
Guia-me a voz de Deos!

Por entre esses rugidos
Que o vento ao correr solta,
Distingo-a, escuto-a, entendo-a:
É ella que resae;
É ella, a voz suprema,
Que na procella involta,
Me grita sempre: «Vae!»

—«Oh, vae, caminha sempre,
«Lá, onde acaba a vida,
«D'este lavor tremendo
«Repousarás; então,
«Eu hei-de, sobre nuvens,
«Á terra promettida
«Levar-te pela mão!»

E eu vou, mas onde? ao largo,
Á immensidade, e creio
Na voz que vem de cima,
Na voz que me conduz:
Romeiro só da ideia,
Caminho sem receio
Fitando sempre a luz.

E vou! Que importa a onda
Que aos pés brama revolta,

Se a fronte acesa em fogos
Reluz—novo Synai?
Se a plebe ri do crente,
A voz do Eterno solta,
Do ceo lhe grita: «Vae!»

E como o cysne candido,
Que as pennas mil descerra,
Das azas o poeta
Sacudirá o pó.
Radiante, immune e livre
Passando sobre a terra,
Irá—contente e só!

Novembro de 1860.

EXTASE

Se é doce, mares, ceos vêr anilados
Pela quadra gentil, de amor querida,
Que esperta os corações, floréa os prados:

Mais doce é vêr-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Bocage.

Quando os teus labios anhelantes, tremulos,
Depõe mil beijos sobre os labios meus,
Ai, tu não pensas em que enleio magico
Minha alma ardente se arrebata aos ceos.

Como então sinto no acanhado ambito
D'este meu peito dilatar-se a vida,
Arder intensa, delirar phrenetica...
E toda é pouca para amar-te, querida!

Que doces horas de ventura esplendida,
De amor, de encanto, de ideal paixão,
Nos tem brilhado na existencia rapida,
E grato aroma desparzido então!

Que doces horas! Nos meus braços morbidos

*

Teu debil corpo amortecida pendes;
Lyrio singelo que açoutou o zephiro;
Vago perfume sobre mim recendes.

Então, nas auras que respiram languidas
Por entre as balsas que o jardim povoam,
Nossos suspiros vão correndo fervidos,
E ao longe, e ao longe brandamente soam.

Oh, como és bella n'esse ardor angelico,
Quando em minha alma concentrando a tua,
Deixas voal-as nas regiões ethereas,
Á luz suave que derrama a lua.

Depois, se acordo, se te vejo pallida,
Se lembro os sonhos da illusão perdida,
Ai, que saudades do encantado extase,
Ai, que tristezas de volver á vida!

Maio de 1859.

SONHO DE UMA NOUTE DE VERÃO

The warmest sigh that pleasure heaves,
Is cold, is faint, to those that swell
The heart where pure repentan ce grieves,
O'er hours of pleasure loved too well!

MOORE.

I

Como é bello vagar pelas montanhas
Sob os clarões da lua enamorada!
Como é bello escutar os murmurinhos
Do ribeiro, e do vento que deslisa
Entre as ramas do val! Como fascina
O canto mavioso, o doce canto
Do rouxinol, que ao longe acorda os eccos
D'esta soidão de paz! Deixar por vezes
O bulicio do mundo, e vir sósinho
Tomar todo este aroma das campinas,
É tragar liberdade, amor e vida,
É sentir-se mais homem do que d'antes!

Mas o que digo eu? que parvo idyllio
Vou,—sem sentir,—traçando n'estes versos?...
Errar á meia noute sobre os montes,

Vêr as bruchas folgar, contar estrellas
Como qualquer astronomo das duzias,
Dizer á viração quantos segredos
Nos estão titillando dentro d'alma,
Certamente que é bom, mas é mais bello
Dormir em fôfa cama a somno solto!

Desculpem-me as leitoras d'estes versos,
(Se é certo que estes versos tem leitoras),
As rajadas brutaes e grosseironas
Que me ouviram soltar,—mas o que querem?...
Amo as flores, os campos, o perfume,
O musgo das ruinas, os gorgeios
Da natureza inteira; o que detesto
São os vates chorões, negros vampiros,
Cerrado batalhão que intôa nenias,
E que atravessa o mundo entre gemidos.
Por isso, não me enlevo apoz seus cantos
De harmonia fatal: do proprio tumulo,
Rosas d'amor, que brotam junto aos goivos,
Nós podemos colher, e ornar a fronte!

Feita esta confissão, que talvez ache
Muitos odios mortaes na sabia curia,
Vou começar a historia *in continenti.*

II

O barão do Pragal era um papalvo,
(Como muitos barões), que ha quatro mezes
Habitava uma casa em Campolide.
Baixo, gordo, roliço, achavascado,

—Em prosa muito pouco, em verso nada,—
Tinha milhões, porém;—barão da gemma!
Sua patria era o Minho; em pequenino
Fôra para o Brazil como outros muitos;
O que fez lá não sei, mas em trinta annos
Voltou a Portugal—pôdre de rico!—

Deram-lhe uma gran cruz, quatro commendas,
Fizeram-n'o barão, par, e mais cousas;
Juntou-se a fidalguia em sua casa,
—Velhos e moços, donas e donzellas—
Tudo enchia de mimo o heroe ricaço:
E o minhoto estallava de contente!

III

Um dia sentio no peito
Um vacuo immenso e profundo,
Em vão buscou pelo mundo
Conforto para essa dor;
Festas, danças, mil requebros,
Tudo que encerra alegria,
Tudo em balde lhe sorria...
Porque o mal era d'amor.

Amor—barão! ninguem pense
Que este amor é pequenino,
Cego, pavido e sem tino
Como é costume pintar;
Este amor é corpolento,
Tem barriga avolumada,
E na farda agaloada
Duas gran'cruzes a par.

Foi deputado algum tempo,
Mas n'um doce e ledo engano
Fingiu-se republicano,
Fez-se o Marat da nação.
Um dia, meio contricto,
Até Roma andou caminho;
Remiu-se,—volveu ao ninho...
E eis que o fizeram barão!

Oh, como o bom do minhoto
Andava erradio e inquieto!
As chammas d'aquelle affecto
Cada vez lhe ardiam mais.
Alma accesa, alma inspirada,
Buscava um anjo na terra,
Como as abelhas da serra
Buscam no prado os rosaes.

E achou! mimoso da sorte,
Immolaram-lhe a belleza;
Innocencia e gentileza
Renderam-lhe o coração.
Ai, como tu eras bella,
Anjo d'amor e ternura,
Como em tua face pura
Brilhava a alegria então!

Eu te vi! se foi peccado,
Se te amei fero e sem tino,
É que foi negro o destino
Que os meus olhos pôz nos teus.
Responde,—porque sorrias

Quando de mim te apartavas?
Se ao pé de mim te alegravas?
Porque me disseste adeus?...

Adeus! e eu fiquei sósinho
N'este val triste e profundo;
Um dia vi-te no mundo
Bella, graciosa e gentil:
Lembrei-me d'aquelles sonhos
Do nosso tempo da infancia;
Senti de novo a fragrancia
Das frescas tardes d'abril.

Comtigo fui, só comtigo
Folguei ditoso no prado;
Quem pensava no peccado
D'essa perfida união?...
Quando o peito arqueja livre,
Quando é vivo o sentimento,
De que serve um pensamento?
Quem se lembra d'um barão?

Vivemos! foi larga a vida
Que nos deu a providencia,
Senti de novo a innocencia
Dos teus affagos d'amor.
Candido lyrio batido
Pelos vendavaes do norte,
Surgias então da morte
Cheio de graça e esplendor!

IV

O leitor certamente está pasmado
Do desvio da acção, dos desatinos
Com que perdi o enrêdo; o caso é grave,
Confesso-o, até, com a mão na consciencia;
Porém,—o que escrevi está escripto,
Nem costumo emendar duzias de versos.

Quem era a bella em que fallei ha pouco?
Como a conheci eu? quando? em que tempo
Se uniu ao tal barão em casamento?
São pontos que esqueci, mas que não deixam
De ficar brevemente em pratos limpos.

A esposa do barão tinha dez annos
Quando eu a conheci; contava treze
O misero escriptor d'este poema.
Ella habitava alem, n'uma casinha
Que se vê d'este monte; eu costumava
Vir passar n'este val a primavera.
Ao pôr do sol, se a tarde estava amena,
Iamos sós vagar, sós e contentes.
Oh, como então folgavamos no campo,
Seguindo a borboleta em doudos giros!
O lyrio, o malmequer, a flor singela
Que entre a relva desponta, a madresilva
Que em festões se debruça pelos muros,
Tudo iamos colher, tudo enfeitava
Nossas frontes, rosadas e innocentes.

Ai, sabe Deus se a voz do amor materno

Se erguia ate o ceo pedindo bençãos;
Sabe Deus quantas lagrimas furtivas
Se choravam por nós, que palpitantes
Cresciamos na paz, sorrindo a tudo!

Corria o tempo assim, talvez seis annos
Passámos longe, isentos d'este mundo,
Felizes n'esse amor, que a pouco e pouco
Já de pudor lhe avermelhava as faces.
Quem temêra de nós? quem se importára
Co'os folguedos do val, co'as longas tardes
Gastas em conversar pelas campinas?
Quem sonhára, siquer, que um pensamento
Podia macular aquelle affecto
Nascido na innocencia? O paraiso
Brilhava-nos em torno, o som do vento
Era um canto do ceo, de noute—a lua
Banhando-nos de luz, tantas estrellas,
Tanto aroma subtil, tudo fallava,
Aos nossos corações, de um vago jubilo,
Como haverá no ceo entre dois anjos!

Ella crescéra esplendida. O cabello,
Que em seus bastos anneis folgara solto,
Já lhe adornava em tranças luxuosas
A encantadora fronte; os olhos meigos
Resplendiam lhe subito, se ousado
Lhe pegava na mão, dando-lhe um beijo.
Então—a boca, o seio arfando em ondas,
A voz sonora, o corpo delicado,
Tremiam-lhe de susto, e nos meus braços
Vinha depois caír, qual debil planta
Que o vento fustigou soprando agudo.

Ai, amor, deixa lembrar-me
Das venturas que logramos,
Dos dias que alli passamos
Sósinhos na solidão:
Minha alma é como a harmonia
De uma lyra espedaçada;
Murmura desconsolada
Nos sopros da viração.

Deixa lembrar-me de novo
D'aquelle prazer profundo;
Que te importa a voz do mundo
Que este affecto condemnou?
Não te creara o destino
Para mim? não te fez minha?
Pois de quem, d'onde provinha
A chamma que te abrasou?

Não! Voaste do meu lado
Sem saber que era ao martyrio;
Deixavas aquelle empyreo
Buscando mais lindo ceo.
Enganaram-te, mentiram
Á tua incauta innocencia;
Porque deves ter clemencia
D'esse amor que não é meu?

Não foi comigo tranquilla
Que passaste a mocidade?
No vago da immensidade
Não fui eu que te guiei?
Não foi para mim que, alegre,

Colheste tantas boninas?
Tantas delicias divinas
Não fui eu que t'as sonhei?

Porque brilhaste ao meu lado?
Porque sorriste contente?
Esse amor casto, innocente
Não se fadára nos ceos?
E então devia quebrar-se
Aquelle affecto profundo,
Porque alguem houve no mundo
Que te fez dizer-me adeos?

Não creias! e tu não creste
N'essa illusão mentirosa;
Meiga, santa e venturosa
Sempre ao meu lado te vi:
Dava-te força o destino,
Sorrias vendo-te minha,
Que era do ceo que provinha
O fogo que ardia em ti.

Bem haja! que inda esse tempo
Tem mais ventura escondida,
Do que tem magoas a vida
Que depois cá nos ficou;
Inda temos a harmonia
D'aquelle prazer profundo,
Que responde á voz do mundo
Que este affecto condemnou?

VI

O caso foi assim: a minha Julia,
(Era o nome do anjo), começava
A dar mate ás bellezas mais falladas.
A pobre mãe, receosa, como todas,
Pela sorte futura, ardia em ancias
De a casar bem,—(o bem quer dizer rica)!
Succedeu apparecer por este tempo
O barão do Pragal, e de repente
Só se fallava n'elle em todo o sitio.
Um lhe buscava o olhar, outro o sorriso,
Outro lhe mendigava uma palavra,
Palavra de barão—sempre minhota!
Aqui, vagava o pae scismando inquieto
Na filha, que podia, sem milagre,
Esse Midas filhar em casamento;
Alli, a mãe, o irmão, a tia velha,
Appeteciam todos o papalvo.

O mal fez-se epidemico deveras;
Chegou á mãe de Julia,—a pobresinha,
A minha rosa, a pomba immaculada,
Não pensava, que eu sei, nos desvarios
Da paixão maternal; cega, indiscreta,
Quando tudo esfolhava o amor e as rosas
Na senda que feliz trilhava o nobre,
Ella apenas sorria, recordando
As horas do prazer no fim da tarde!

VII

Eu disse no principio d'este conto,
Se inda me lembro bem, que um certo dia
Venus prendeu no laço o millionario,
Disse, e foi por então, que em torcicollos
Comecei a saltar por *tutti quanti*
Tenho visto ditar a alguns Horacios.
Que havia de fazer? quem poderia
Dizer ao coração: «Pára, não falles,
«Segue a regra de tal, pensa n'aquella,
«Porque a carta aos Pisões assim o ordena?»
Ai de mim—bom seria que eu podesse
Volver no pensamento esses assumptos!

Desvairei-me, perdi-me, ardi em chammas
De loucura infernal, gritei sem tino,
Sem moral, sem rasão, doudo varrido!
Que outra cousa fazer, se a minha Julia,
Se era ella—infeliz—ella, a votada
Á sanha d'ambição e da torpeza!

Via-a caìr; da flôr da laranjeira
Vi-lhe ornar essa fronte, que eu beijara
Em transportes febris d'amor immenso.
Vi-a perante o altar, que era patibulo
Da pureza e da paz; via-a mais tarde
Sem côr, sem louçania, sem frescura,
Sem o calor dos beijos que eu lhe dera,
Sem o tremor da voz que me dizia:
«Amo-te, sim,—sê meu como eu sou tua!»

Ceos! que negro e fatal correu o tempo!
Que noutes que eu passei scismando n'ella!
Se a bossa da lamuria fosse minha
Como é de muitos vates, quantos versos,
—Em fel, e sangue, e lagrimas banhados—
Correriam talvez, côxos e mancos,
N'este canto immortal que eu deixo aos evos!

VIII

Julia uniu-se ao barão. Eu tinha lido,
(Não cito o livro agora, pois não tenho
A memoria feliz de frei Macedo),
Que, ás do corpo semelham febres d'alma;
Quem d'ellas se quer livre d'ares mude.
Deixei portanto o val, e em mil torpezas
Quiz affogar a dôr, matar saudades
Que me andavam rallando os seios d'alma;
Tudo em balde tentei;—amava-a sempre!

Não sei como vivi, não sei que seculos
Passei no desalento e desconforto;
Uma tarde, porém, (aquella tarde
Fôra fadada só para delicias)!
Encontrei-a sósinha; o que dissemos
Não sei, pouco talvez, sentimos muito!

Fui com ella, tornei de novo ao campo
Onde passára alegre a meninice,
Onde crescêra em paz, onde sorrira
Ebrio d'amor, d'espaço e de ventura.
O passado volveu; a minha Julia

Fez-se a donzella timida e formosa;
Eu c'roei-a de lyrios como d'antes.
Muitas tardes, como esta, oh, muitas, muitas,
Nos foi dado gosar; n'aquelle engano
Andava o coração rindo festivo.
A atroz realidade inda tentava
Inlutar-nos o ceo em que viviamos,
Mas em balde tentava,—uma luz pura
De affeições, de prazer, d'aureos encantos,
Com suave esplendor brilhava em roda!

Ninguem tinha um vislumbre de suspeitas
D'essa união fatal; a minha pomba
Vinha sempre encontrar-me no recosto
Da montanha d'alem, passar as tardes
Comigo só, bem longe das angustias
Do seu negro martyrio, e sempre altiva
Me dizia, beijando-me contente:
—«Sou tua! o meu amor, a minha vida
«És tu só; que te importa a desventura
«Que este mundo nos deu, se aqui no prado,
«Se alem no val refulge um paraiso?
«Viveremos assim, como as palmeiras
«Que bracejando os ramos namorados,
«Vão, apesar do espaço e dos furores,
«Estreitar-se, e viver n'um largo amplexo!»—

IX

Uma tarde, era em julho, inda me lembro
Como se fosse agora,—caminhava
Para o sitio feliz, quando ao meu lado

Vejo parar alguem;—saudou-me logo.
Sem nada me dizer deu-me uma carta
Que em sobresalto vi que era de Julia.
A pessoa partiu, e eu, arquejante,
Tremulo, ancioso, devorei co'os olhos
Essas lettras, meu Deus, que assim diziam:

—«Ai, amor, foi bem negro o destino
Que nos fez encontrar na existencia;
Tantos dias de paz, d'innocencia,
Vão ser pagos com dias de dôr.
E quão triste é lembrar a ventura
Quando a vemos de todo perdida;
Como custa deixarmos a vida
Quando o peito se inflora d'amor.

Fugiu tudo! Não venhas agora
Procurar-me de novo na terra;
Vou deixar-te, provar-me na guerra
Dos martyrios mandados por Deus.
Nunca mais, pela fresca da tarde,
Nos verêmos no amigo recosto,
Nunca mais aos clarões do solposto,
Hei-de unir os meus labios aos teus.

Vou deixar-te, deixar a alegria
Que restava aos meus dias de lucto;
Vou tragar os amargos do fruto
Que este inferno da sorte gerou;
Vou dizer-te esse adeus malfadado
Que nos quebra mil sonhos ridentes,
Vou deixar estes campos virentes
Onde o seio feliz palpitou!

Ouve, pois,—foi quebrado o mysterio
D'este affecto immortal e profundo;
Veio a voz do dever e do mundo
Condemnar os meus dias de amor.
Uma idéa, um phantasma da mente
Pôde mais que podéra o destino:
Desfazer-nos o élo divino
Que estas vidas prendêra inda em flor!

Sim! é hoje, no olhar derradeiro,
Que este ceo, que estes montes contemplo;
Amanhã, solitaria no templo
Hei-de erguer minhas preces a Deus!
Mas que vezes esta alma agitada,
Esquivando-se á prece fervente,
Pensará n'esse tempo innocente
Em que unia os meus labios aos teus!

Que maldigam, embora, os transportes
D'este affecto immortal e profundo,
Porque a voz do dever e do mundo
Fez culpada esta ardente paixão;
Que maldigam o dedo do Eterno,
E que venham—sem crer no destino,
Desfazer-nos o élo divino
Que estas vidas prendêra em botão!

Hei-de amar-te; cresci ao teu lado,
Costumei-me a affagar-te no rosto,
A sorrir aos clarões do solposto
Co'os meus labios unidos aos teus
Oh, sou tua, qual são da campina

Estes lyrios que ao longe contemplo;
Serei tua, inda mesmo no templo,
Quando erguer minhas preces a Deus!»

Quando acabei de lêr perdi o acòrdo,
Faltou-me a luz, rugi, não sei que tive,
Ardeu-me o sangue; n'um febril delirio
Agitei-me por dias, quando a vida
Começou a volver, lembrou-me tudo.
A minha dôr foi muda, ninguem veio
Sondar-me o coração,—seria um crime!

X

O barão do Pragal soubera tudo.
Um devoto sem par, d'esses que miram
O pôdre e o são da vida ao mundo inteiro,
Fôra contar mui lepido ao minhoto
A criminosa historia d'este affecto.
O barão recolheu-se, e algumas horas
Ficou virando e revirando o assumpto.
A perfidia era o menos que rallava
O pensamento inquieto d'aquelle homem;
Mas a gran'cruz, o titulo manchado,
A vergonha do mundo, a sociedade
Apontando um barão á chança publica ...
Oh, tres vezes horror! horror tres vezes!
Gritava o parvo heroe com Shakespeare.

A vingança chamou-o; aquella mente
Affeita a meditar sobre as torturas,
Aquelle coração que insurdecêra

Entre o gemer feroz de vis escravos,
Prégaram-lhe o furor,—cedeu-lhes logo!
Poucos dias depois, a minha Julia
Erma e triste chorava n'um convento,—
Mas lagrimas d'amor,—não de remorsos.

Que devia eu fazer? se acaso ousasse
Dar pasto ao meu rancor, o que diria
Este mundo de honestos e beatos?
Depois, a minha luz, a providencia
Da minha vida inteira, a que eu perdêra,
Que pensára de mim? martyr e santa
Dizia-me de lá que perdoasse!

Quando tudo acabou, quando o silencio
Veio cobrir co'as azas implacaveis
O bulicio fatal,—da desventura
Só restava uma victima innocente,
Eu, triste e só; e ao longe, e muito acima
Do mundano rumor, um conselheiro,
Um valido da sorte, um potentado,
Um barão do Pragal, um grande, um nobre..,
Y muchas cosas mas que yo callo ahora!

XI

Hontem—quando vagava pensativo
Sobre o monte d'alem, onde ha tres annos
Fui passear com ella, olhei em roda...
Vi a mesma campina, as mesmas arvores
Que nos davam outr'ora a sombra amiga,
O mesmo escuso val; ouvi ao longe

O murmurio subtil do mesmo rio
Que deslisava então, senti o aroma
Que embalsamava o espaço—e olhei em roda...
Ai de mim, ai de ti, pomba celeste,
Em que scismavas tu n'aquellas horas?...

Pouco a pouco minha alma commovida
Foi socegando então, vaga saudade
O peito me inundou, volvi de novo
Ao passado feliz,—perdido ha tanto.
Quando na balsa o rouxinol soltava
Os seus carmes d'amor, lembrei-me triste
D'aquelle doce canto que lhe ouvíra
Baixinho murmurar, dando-me um beijo:

—«Recebe amor, consagro-to
N'este entranhado beijo;
Meu unico desejo
É só viver por ti.
A minha vida encerra-se
N'este prazer profundo;
Quanto ha de bom no mundo
Tudo fenece aqui!

Quando pequena e timida
Folgava na campina,
Não sei que voz divina
Dizia então dos ceos:
—«Cresce, florinha pallida,
«Nascida entre os abrolhos!»—
Erguia então meus olhos
Para fitar os teus.

As faces inflammavam-se
Sem ter inda motivo;
Ficavas pensativo
Quando eu te olhava assim;
É que a tua alma erguia-se
Pensando no futuro,
É que o teu sangue puro
Ardia então por mim.

Crescêmos, costumaram-nos
Áquelle affecto santo;
Cercaram-nos d'encanto,
Abriram-nos o ceo.
Quem diz agora: «Extinga-se
«Essa paixão maldita,»
Se em ti meu ser palpita,
Se o teu viver é meu!

Não, não te deixo! Encanta-me,
Namora-me a existencia,
E a voz da consciencia
Não turba o nosso amor.
Quero correr esplendida
Á luz da madrugada,
Beijar-te affogueada,
Colher no prado a flor!

Quero dizer:—«Escondam-se
«Tristezas d'esta vida;
«Eu sou feliz, querida,
«Senhora, amada eu sou!—»
Quero dizer-te: «Abraça-me,

«Não tenhas já receio;
«D'este fervente seio
«Todo o prazer te dou!»

Quero morrer amando-te,
Morrer n'esta ventura,
Como avesinha pura
Revendo-se nos ceos:
Oh, vem comigo, apressa-te,
Que é breve esta existencia,
Quando em celeste essencia
A banha a mão de Deus!

Recebe amor! consagro-to
N'este entranhado beijo;
Meu unico desejo
É só viver por tí:
A minha vida encerra-se
N'este prazer profundo;
Quanto ha de bom no mundo
Tudo fenece aqui!»—

Não pude mais. Quando desci do monte
Inda olhei pelo val, onde passára
Tantos annos feliz; a minha vida,
Os sonhos da minha alma, os meus encantos
Tudo perdêra alli,—e eu dei a tudo,
O que é puro nos homens,—uma lagrima.

Agosto de 1862.

INDIFFERENTE

> Non cangio più colore,
> Quando il tuo nome ascolto:
> Quando ti miro in volto
> Più non mi batte il cor.
>
> METASTASIO.

Agora é tarde; bem tarde
Pensaste que eu merecia
O que ancioso te pedia
Nos meus tempos de illusão;
Agora é tarde; o destino
Trocou-se em nós de repente:
És tu que pedes tremente,
Sou eu que te digo não!

Não, e não! Pois tu julgavas,
Que, após tudo o que fizeste,
De amor um raio celeste
Me inflammasse inda outra vez?
E que bastava em teus labios
Ver um sorriso mentido,
Para que, cego e rendido,
Me prostrasse inda a teus pés?

Pois não sabias que a chamma
D'aquelle amor infinito,
Foi teu desprezo maldito
Que de todo m'a extinguiu?
Que as horas da minha vida
Sem ti me correm serenas?...
Que a minha alma occulta apenas
Vergonha do que sentiu?

Pobre louca! mal pensáras
Quando eu te amava, e só via
Teu brando olhar, que algum dia
Podesses causar-me horror;
Que houvesse um tempo na vida
Em que eu de ti me affastasse,
Em que essa voz me exorasse
Um raio de impuro amor!

E amei-te; como eu te amava
Na minha ardente imprudencia,
Como te dera a existencia,
Como te cria o meu Deus,
Como era ás vezes ditoso
Se a debil mão te apertava,
Ou se um momento encontrava
Teus olhos fitando os meus!

Quantas vezes, quasi a medo,
Te jurei, te disse tudo;
Mas teu olhar frio e mudo
Não respondia que sim;
E eu, bem sabes, sempre humilde,

Ia sentar-me ao teu lado,
E o coração desvairado
Estallava dentro em mim!

Alem de ti, nada via
No mundo que me cercava;
Tu eras quanto eu sonhava,
Quanto eu podia sentir,
Quanto ha que póde banhar-nos
De paz, d'amor e ventura:
Cherubim que em noute escura
Via brilhar e sorrir.

Porque foi que repelliste
Toda a paixão que eu te dava?
Não vias como eu te amava,
Como era puro esse amor?
Porque sem dó, sem piedade,
De mim, douda, te affastaste?
Porque foi que me trocaste
Tanto affecto em tanta dôr?

Era então que tu podias,
Com teu languido sorriso,
Dar-me inteiro o paraiso
Que eu mendigava a teus pés.
Agora é tarde; não penses
Que após tudo o que fizeste,
De amor um raio celeste
Inda me inflamme outra vez.

Agora é tarde; bem tarde

Pensaste que eu merecia
O que ancioso te pedia
Nos meus tempos d'illusão.
Trocou se em nós o destino,
Desfez-se o condão d'outr'ora:
És tu que pedes agora,
Sou eu que te digo—não!

Agosto de 1864.

VERSOS

Entalhados n'uma laranjeira.
(Trad. de Parny.)

Laranjeira que encobriste
Os meus extases d'amor,
Guarda em ti sempre estes versos:
São de ternura um penhor.

E dize aos que a tua sombra
Buscarem na primavera,
Que, se o jubilo matasse,
Ha muito que eu já morrera!

Agosto de 64.

FELIX CULPA!

Aimons-nous toujours davantage!
Unissons-nous mieux chaque jour.

V. HUGO.

Quiz fugir-te, varrer da memoria
Essa imagem fatal e celeste,
Apagar este amor que acendeste,
Esquecer quantos sonhos nutri;
Quiz fugir-te, deixar-te, perder-me,
Arrastar-me entre as brenhas da vida...
E não pude;—minh'alma insoffrida
Mais e mais se endoudava por ti.

Oh, bem sei que o dever me condemna,
Que este amor é cem vezes maldito,
Que nos estos do goso infinito
Não terei sem remorso um prazer,
Que jámais te hei-de unir ao meu peito,
Embebido em teus raios de encanto,
Sem que venha, entre as magoas e o pranto,
Negro horror em minh'alma bater.

Mas que importa, se a luz dos teus olhos

Nos meus olhos constante dardeja,
Se o teu seio em meu seio lateja,
Se me dizes que és minha, e sorris,
Se te agitas de amor e ventura
Em meus braços, e os labios frementes
Vens pousar nos meus labios ardentes,
Devorando os em beijos febrís!

Quero amar-te, sorrir desdenhoso
Aos motejos da turba que passa,
Encarar fronte a fronte a desgraça
E dizer-lhe:—«Chegae-vos, sou eu!
«Podeis breve arrancar-me estas flores
«Que engrinaldam meus ultimos dias:
«Já meu peito fartei de alegrias,
«Já traguei quanta gloria ha no ceo!»

Tu és minha; deixar-te é perder-me,
É jazer n'este inferno profundo;
Eu só creio, só vivo no mundo
Porque o douram teus raios de amor.
Quando a noute crescer na minh'alma,
Hei-de em paz, bemdizendo o destino,
Espirar no teu seio divino,
Como o orvalho no seio da flor!

Setembro de 64.

AMOR

..... et, not.e amour, c'ést Die.u
V. HUGO.

Eu canto o amor!—de murta e verdes rosas
Venham cingir-me a fronte;
A minha musa é loura, como as deosas
Do velho Anacreonte.

Eu canto o amor, o jubilo, os delirios,
As horas do prazer,
E as doces commoções do que estremece
Á voz de uma mulher.

A vida, para mim, cifra-se apenas
Na eterna lei do amor:
O ceo namora a terra; o sol dardeja
Porque namora a flor.

Bemdito o que sorri, quando as tristezas
Crescendo em torno vem,
E que adormece em paz, como o filhinho
No regaço da mãe!

Fitemos sempre a aurora!—Quem vacilla?
Quem treme e diz:—«Talvez?»...
Ai, do que pende a fronte para a sombra
Que se lhe roja aos pés.

O mundo é bello; estende-se um tapête
De variegadas flores,
A gentil primavera inunda o campo
De vividos fulgores.

O coração dilata-se, aspirando
As fresquidões do ar;
Oh, como é doce a voz que alem gorgeia
Entre as ribas do mar!...

Eu canto o amor! De murta e verdes rosas
Venham cingir-me a fronte.
A minha musa é loura, como as deosas
Do velho Anacreonte.

As ambições da terra não me offuscam,
Nem me agitam siquer.
Não hà rumor de gloria que se eguale
Á voz de uma mulher.

Que ardentes expansões, ai, que suspiros,
Que sorrisos gentís,
Quando dois corações palpitam juntos,
Em peitos juvenìs!

Quem pensa, então, nas illusões mentidas,
Na saudade e na dôr,

Quando nos seios d'alma, perfumada
Rompe a manhã do amor?

Oh, deixae-me viver entre as delicias
D'este encanto ideal;
Deixae-me ouvir os beijos que transpiram
Do solitario val.

Não me aponteis a noute, que, sombria,
Tolda os montes d'alem.
Quero sorrir em paz, como o filhinho
No regaço da mãe!

Minha alma é como a pomba, que ora arrulha
Entre viçosas flores,
Ora subito vôa, e fende o espaço,
Banhada de esplendores.

A terra foge então, desapparece...
O ceo começa alli;
E os anjos, que perpassam, vão dizendo:
—«Bem-vindo sois aqui!»—

Eu canto o amor! de murta e verdes rosas
Venham cingir-me a fronte;
A minha musa é loura, como as deosas
Do velho Anacreonte!

Setembro de 64.

PENSATIVO

A shade immense!
THOMSON.

Que importa a luz que em meu peito
Sinto erguer-se e dardejar?
Eu tenho ás vezes saudades
Que até me fazem chorar.

Oh, bem sei que é bella a quadra
Dos suspiros, dos amores,
Dos beijos longos, e a furto
Colhidos por entre as flores.

Bem sei que ha vaga harmonia
Na voz que pergunta;—«És meu?...»—
Que o puro azul da nossa'alma
Tem mais estrellas que o ceo.

Que é tudo arrobo e poesia,
Que nos inleva o porvir,
Que os anjos, fendendo o espaço,
Vôam cantando, e a sorrir.

Que as rosas viçam na encosta,
Que os lyrios crescem no val,
Que as toutinegras gorgeiam
Nos ramos do laranjal.

Que a verde relva luzente
Enfeita o monte a primor,
Que as brisas que em torno folgam
Entre si fallam de amor.

Bem sei, bem sei; mas que importa
Vêr tudo alegre raiar,
Se eu tenho ás vezes saudades
Que até me fazem chorar?

Oh, quem me dera o passado,
E os louros annos de então!,..
Nem da vida uma só nuvem
Me toldava o coração.

Corria alegre e ditoso...
Vive Deus! que o mundo assim
Brilhava inteiro aos meus olhos,
Como nos brilha um jardim.

Hoje, eu sei?—Caminho e penso
N'uns fumos de gloria van,
No rumor que escuto ao longe,
No que ha de ser amanhan.

Nas avesinhas implumes
Que ao pé de mim vem chilrar;

E em tanta flor da minha alma
Que eu vi pender e murchar.

E a fronte curvo abatido,
E os olhos ficto no chão...
Oh, quem me dera o passado,
E os louros annos de então!

Outubro de 1864.

SOMBRAS DO INVERNO

Come, gentle spring; ethereal mildness, come!
THOMSON.

Porque estou triste de inverno?
Porque sou como a avesinha,
Que abate o vôo e se aninha
Mal que o frio em torno cae.
Ao sol que brilha, minh'alma
Se inunda de luz mais pura,
E entre arrulhos de ventura
Como que espira e se esvae.

A sombra que ennubla os campos
Tambem meu peito escurece;
O prado quando immudece
Faz-me pender e scismar.
Gosto da luz que affoguêa
As montanhas verdejantes,
De ouvir um beijo de amantes,
E as canções que vem do mar.

Gosto da amena bafagem

Que o rosto affaga ao de leve;
O vento que açouta a neve
Geme funebre em redor:
É como o côro soturno
D'almas que em pena vaguêam;
De moribundos que ancêam
Recorda o longo estertor.

Que é das louras creancinhas
Quando o gelo envolve a serra,
Quando a chuva alaga a terra,
Quando baixa a escuridão?
Que é das aves que chilravam,
Que é dos raios matutinos,
Que é dos aromas divinos
Perdidos na viração?

Onde a alegria inefavel
Que a natureza ostentava?
O claro mar que espelhava
Em seu fundo o azul dos ceos?
Onde a vida, a paz, o encanto,
O prazer vago e profundo?
Onde as bençãos, que do mundo,
Se elevavam junto a Deos?

Torna cedo, ó primavera,
Vem-me dar teu meigo abraço;
Enche de aromas o espaço,
Afina os cantos, e vem;
Desparge as rosas virentes
Da tua c'rôa bemdita:

Santo amor, alma infinita,
Abre o teu seio de mãe!

Deixa que eu sinta de novo
Arder-me o sangue fervente,
Sorrir alegre e contente,
Crer em tudo, e tudo amar,
Pender de um beijo que espira
Como um languido perfume...
Oh, vem cedo, eterno lume,
Estas sombras dissipar.

Dezembro de 64.

A CONDESSA PALATINA

(Trad. de Henri Heine)

A condessa palatina
Passava o Rheno ao luar;
Na prôa da airosa barca
Ia-lhe a serva a remar.

A corrente era de prata,
O vento de embalsamar;
E a condessa palatina
D'este modo ia a fallar:

—«Não vês tu sete cadaveres
Que nos seguem sem parar?—
Oh, como é triste, de noute,
Vermos os mortos nadar!

Eram sete cavalleiros,
Cada qual mais de inlevar;
Entre os meus braços vieram
Ternas juras suspirar.

Lembrei-me que algum podia

O juramento quebrar,
E das noutes de volupia
As delicias recontar.

Mandei matal-os a todos,
E a todos aqui lançar.
Oh, como é triste, de noute,
Vermos os mortos nadar!»—

A serva, sentada á prôa,
Inda vae muda a remar;
Da condessa um riso fero
Foi nos montes revibrar.

Os mortos que a vão seguindo
Levantam-se hirtos no mar,
E, as frias mãos retezando,
Parecem todos jurar.

Depois, lá seguem de novo
A barca, sem descançar:
Oh, como é triste, de noute,
Vermos os mortos nadar!

Novembro de 64.

A

A. Borghi-Mamo

É ella!... silencio!—O espirito
Ergue-se em nós agitado;
No canto ardente e sagrado
Palpita-lhe a inspiração;
Do genio a centelha esplendida
Toda a fronte lhe illumina,
Em cada olhar, que fascina,
Rende inteira a multidão.

É ella! Que estranha musica
Resôa pura no ouvido!...
Agora, como um gemido,
Logo, energica e feroz;
Agora, casta Desdemona
Que treme qual sensitiva,
Depois, Sapho, a musa altiva
A que a dôr incende a voz!

Animou-se o eterno marmore:
A estatua grega, mais bella,
Move-se, vive, revela

Graças de infindo poder.
No porte, no gesto olympico,
Ante o qual o mundo exulta,
Presente-se a deosa occulta
Em ti, genio, em ti, mulher!

Oh, como és bella, se em extase,
Desprendendo a trança ondeante,
Com teu olhar delirante
Percorres tudo em redor;
Se depois, graciosa e languida,
Entre effluvios de ternura,
Soltas a voz meiga e pura
Nos teus requebros d'amor!

Oh, como és bella! distingue-se
A luz brilhante e celeste
Que te circunda, e te veste
Com seu vivido clarão;
Do genio a centelha esplendida
Toda a fronte te illumina,
E a tua voz peregrina
Rende inteira a multidão.

Salve, pois; meu rude cantico
A ti vôa, e em ti se inspira;
Deixa a nota de uma lyra
Aos teus hymnos responder:
Quando tu brilhas, o espirito
Dentro em mim se inleva e exulta,
Que eu presinto a deosa occulta
Em ti, genio, em ti, mulher!

Dezembro de 64.

MESMO ASSIM

unstain'd, and pure
As is the lily, or the mountain snow.

THOMSON.

Quero-te assim mesmo;
Porque sentes pejo?
Nada mais desejo
Do que o teu amor.
Dera a vida toda
Por te unir ao seio...
Mas se tens receio...
Nem te aspiro, flor.

Oh, se tu murchasses
Na aridez sombria
D'este peito, e um dia
Te escondesse o pó,
Que fizera eu, triste,
Caminhando incerto,
N'este inferno aberto,
Peregrino e só?

Quero-te assim mesmo,
Singelinha e pura,
Sem fingir brandura,

Sem mentir no olhar,
Com o rubor na face,
Com o temor no gesto,
Com o sorriso honesto
Que me faz scismar.

Quero-te assim mesmo,
Melindrosa e esquiva,
Como a sensitiva
Quando se retrae;
Cherubim que á tarde,
Se ao meu lado pousas,
Perguntar não ousas
Porque solto um ai.

Quero-te assim mesmo!
Que me importa a vida
Que em fervente lida
Se evapora alem?
Tu és só no mundo
Quem minha'alma inflora,
Minha doce aurora,
Meu amor, meu bem.

Doudejante a festa
Vae correndo as sallas,
Mentirosas fallas
Vão dizendo amor,
Nas grinaldas seccas
Nem já viça um lyrio,
De cruel martyrio
Se presente o horror.

E eu não sei, não vejo,
Não percebo o encanto
Que seduz, e tanto,
Que desvaira assim;
E o tropel que ondula,
Que serpêa inquieto,
Não perturba o affecto
Que se occulta em mim.

Hontem, pela tarde,
Vinhas tu do monte;
Via-te na fronte
Divinal clarão,
Dava-te a bafagem
No vestido leve,
Teu pesinho breve
Nem tocava o chão.

Contemplei-te oppresso
De ventura infinda,
Tão gentil, tão linda
Me assomaste alli;
Como o aroma espira
Na veloz corrente,
A minh'alma ardente
Se engolphava em ti.

Quando então, já perto,
Teu olhar ergueste,
Um pudor celeste
Te embargou a voz.
Dei-te o braço, e fomos,

Entre os arvoredos,
Caminhando ledos,
Caminhando sós.

Que dissemos?—tudo.
No silencio fundo
Palpitava um mundo
De infinito amor.
Arrobado em esto
Quiz cingir-te ao seio:
De infantil receio
Desmaiou-te a côr.

Desprendendo o braço
Co'um sorriso triste,
Nem síquer me ouviste
Murmurar «perdão.»
Succumbias, quasi,
De innocente pejo,
Ao rumor d'um beijo
Que eu te dera então.

Quero-te assim mesmo,
Melindrosa e esquiva,
Como a sensitiva
Quando se retrae.
Cherubim, que, á tarde,
Se ao meu lado pousas,
Perguntar não ousas,
Porque eu solto um ai!

Fevereiro de 1865.

AMORES DE UM ANJO

C'est une femme aussi, c'est une ange charmante.
A. de Vigny.

Eu tenho um anjo na terra
Que inda ninguem conheceu;
Veio um dia ter comigo...
Não sei se vinha do ceo!

Trazia roupas de neve,
Tão alvas que nem eu sei;
Os olhos tinham tal brilho
Que ao vêl-os quasi ceguei.

Vinha entre nuvens de rosas,
Das nuvens brando desceu,
Depois sentou-se ao meu lado...
Por certo vinha do ceo.

Porque outros olhos tão meigos
Nunca na terra encontrei;

Ai, que fallem tanto n'alma,
Não os ha, que eu bem o sei.

Fui perguntar-lhe quem era,
Sorriu-se sem murmurar;
Toquei-lhe a mão ao de leve,
De leve deu-ma a beijar.

Fallei-lhe de amor, fallei-lhe
Como é costume fallar,
Respondeu-me co'um suspiro,
De medo vil-o corar.

Depois ergueu-se e fugiu-me,
Cortando as nuvens voou;
Oh, mas nunca mais na terra
Perdido e só me deixou.

Comigo sempre, á mesm'hora,
No mesmo sitio vem ter;
Com suas azas de neve
Do mundo quer-me esconder.

E o meu anjo mysterioso,
Que inda ninguem conheceu,
Foge sempre, e sempre volve,
Mas não sei se vem do ceo.

Sei só que ás vezes, de noute,
Quando desmaia o luar,
Por entre as estrellas d'ouro
Tambem o vejo passar.

Sorri-me então lá de cima,
Bate as azas pelo ceo:
Mas ninguem sabe onde vòa,
Ninguem o vê senão eu!

Julho de 1860.

JÁMAIS

Never, never, never!
LORD CHATAM.

Ai, quão bellos, quão bellos que foram
Os meus dias de amor e ternura;
Ai, quão bellos! de tanta ventura
Nunca mais n'esta vida os terei.
Ceos e terra, clarões e perfumes,
Paz, conforto, alegria infinita,
Tudo eu tive na quadra bemdita
Que ao teu lado contente passei.

Não te lembras, Helena, querida?
Tu folgavas, meu Deus, sem receio;
No teu rosto, no timido seio
O prazer vinha então palpitar;
Eras mais do que a louca d'abelha
Que voltêa e que zumbe no prado,
Hoje, triste, sorris ao meu lado,
E sorrindo pareces chorar.

Onde foi que deixámos a vida,

Tão serena, tão rica d'encantos?
Onde foi que deixámos os cantos,
Sonhos d'alma,—meus sonhos e teus?
Quem desfez esse jubilo immenso
Que eu sentia ao cingir-te rendida?
Onde foi que deixámos a vida?
Onde foi que a deixámos, meu Deus!

Era outono: das lucidas nuvens
Tibio o sol resvalando brilhava;
Nem um sopro do vento agitava
Os esguios pinheiros do val;
Que saudades na flor e na relva,
Que saudade no trilo das aves,
E nas ondas, que vinham suaves
Espraiar-se no vasto areal.

E nós ambos, sósinhos e livres,
Esquecidos do nada do mundo,
Não sentimos no affecto profundo
Um só travo, dos muitos que tem;
Nem as folhas caindo já seccas,
Quando um leve bafejo passava,
Ai, nem isso siquer nos lembrava
Que o prazer murcharia tambem.

Pois quem pensa nas brenhas da encosta
Quando os anjos nos c'rôam de lyrios?
Quem procura da terra os martyrios,
Se ditoso descança nos ceos?
Os meus olhos só viam teus olhos
Doudejarem, mais vivos e inquietos;

N'um transporte de ardentes affectos
Os teus olhos só viam os meus.

Oh, que o digam as ramas da selva,
E os sumidos clarões do solposto,
Se uma sombra, se um ai, se um desgosto
Nos turbava n'essa hora a paixão;
Ai, amor, mas os campos do outono
Hão de ter bem depressa verdura,
Mas os dias de amor e ventura
Nunca mais os teremos,—ai não!

Fevereiro de 1860.

A MORTE DE CESAR

...... great Cæsar fell!
Oh, what a fall was there.

SHAKSPEARE.

Caiu! Cobrindo o rosto
Com o manto ensanguentado,
Gigante fulminado,
Gigante em terra deu.
Dos gladios homicidas
Jámais, jámais tremêra;
Morreu como vivêra:
Heroe de heroes, morreu!

Oh, quem pudera ao menos
Sondar n'aquelle instante
Essa alma de gigante
Que se arrojava ao ceo,
Cobrindo—como a aguia,
Debaixo d'aza altiva,
A sombra fugitiva
Do genio de Pompeo!

Quem foi que o viu—soberbo—

N'essa hora de delirio,
Ao ferro do martyrio
Mostrar o seio nu?
Quem foi que ouviu a Cesar,
Na fervida alarida,
Dizer, soltando a vida:
—«Ó filho, e tambem tu?»—

Ahi, entre o senado
Ergueu-se a mão de Bruto,
E a mão do algoz corrupto
Descer ao pae se viu;
Lá, o punhal de Casca
Vibrou atroz e fundo;
E o vencedor do mundo,
Heroe de heroes, caiu!

Ai, como a grande vida,
Acesa em dôr e espanto,
De tanto ferro e tanto
Ás laminas voou;
Mais vida n'aquell'hora
Soltando a luz extrema,
De pé, sobre o diadema,
Impavida brilhou.

Mas que!... nenhum dos ferros
No crime ainda era novo;
O povo fez-se povo,
Não refugiu da sorte:
Hoje—infamado servo
Que um despota encadêa,

Depois, sobre a Tarpêa
Ditando aos reis a morte.

Caiu! Do peito o sangue
Cobriu-lhe o manto nobre,
Mas não cobriu nem cobre
O que jorrou no chão;
Esse, lá conta ao mundo
O feito vil dos bravos,—
Dos que hão de em breve, escravos,
Beijar de Nero a mão!—

Viveu! Com uma palavra
Traçára ao mundo a historia,
E pelo mundo a gloria
Em cada passo viu;
Astro fugaz de uma'hora
Reverberou em chamma,
Depois cansou da fama,
Quiz repousar, caíu!

Caíu, cobrindo o rosto
Com o manto ensanguentado;
Gigante fulminado,
Gigante em terra deu;
Dos gladios homicidas
O golpe não temêra;
Morreu como vivêra:
Heroe de heroes, morreu!

Maio de 1861.

ROSA MYSTICA

O rose! entr'ouvre tes corolles
Et tes perfums, et tes paroles
Nous feront respirer les cieux!

TURQUETY.

Eu gosto das flôres, gosto
De as vêr no campo, ao solposto,
Quando me alongo a scismar;
Faz-me bem aquelle aroma
Que sae, como de redoma
Deposta em votivo altar.

Todas eu amo: quizera
Ser o sol da primavera,
Que apenas brilha no ceo,
Logo com raios travessos
Vem devassar os recessos
Da ingenua flor que rompeu

Todas eu amo. Se as vejo

Tão lindas!... se o meu desejo
Era alli, na solidão,
Entre os umbrosos folhedos,
Perceber quantos segredos
Entre si ellas dirão!...

Mas a rosa, a minha rosa,
Aquella flor caprichosa
Que um dia encontrei no val.
Essa sim, essa é que é vêl-a;
Nem beija o sol flor mais bella,
Que Deus não fez outra egual!

As folhas são tão coradas!...
Sempre que as vejo orvalhadas
Quero beber-lhes o mel;
Ella fecha-se, a lasciva,
A tremer; ó rosa esquiva,
Porque has de ser tão cruel?

Acaso atrevida bocca
Não te chega? ninguem toca
N'esse teu calix de amor?
Que queres em premio? pede;
Mas ouve,—mata-me a sede...
Que tu me accendeste o ardor!

Ai, rosa, rosa vermelha,
Que anjo mau que te aconselha!
Não n'o queiras mais ouvir.
Olha, vem... sorri-te... olha,

Esta mão não te desfolha,
Nem siquer te ousa bulir.

O que eu quero, o que eu desejo
É sorver n'um longo beijo
Esse teu nectar do ceo;
E o meu peito solitario
Deixar como um sanctuario
Que de perfumes se encheu.

Ninguem te rouba a pureza;
Inda terás mais belleza
Minha vida, minha flor;
Que não ha sol, nem estrellas
Para as rosas, que são bellas,
Como estes beijos de amor.

Tu ficas, sem ter piedade,
N'essa triste soledade
D'onde eu te quero arrancar;
Mas não me dizes:—«Concedo,
«Vem, louco... não tenho medo,
«Podes-me o seio aspirar.»—

Não dizes; prende-te o enleio.
Abrochas timida o seio
Ardendo em pejo infantil,
E o rumor da minha falla
Nas tuas folhas resvala
Como um bafejo subtil.

Ai, rosa, que se eu n'um dia,

Soubesse que alguem podia
Unir-te aos labios... Jesus!
Pela tua primavera,
Juro-te, sim, que morrêra,
Como nos morre esta luz!

Setembro de 1868.

QUEM TE VIU E QUEM TE VÊ

.. .. un jour, helas! ô reînes éphémères!
De vôtre jeune empire auront fuit les chimères.

A. DE VIGNY.

Eis-te, mulher—esposa: a donzelinha d'hontem
Já fugiu!
És outra, és toda outra: nem já ris nem folgas...
Quem te viu!

Nem já divagas livre entre a ramagem densa
Da campina,
Buscando a rosa amiga, a namorada rosa
Purpurina.

Se os rouxinoes gorgeiam, se as abelhas zumbem
Junto á flor,
Acaso inda comprehendes as mimosas fallas
D'esse amor?

Quando este ceo que esplende nos convida aos sonhos
Da illusão;
Quando cada alma pura se embriaga e treme
De paixão;

Quando o universo todo se namora, e todo
Diz: «gosae!»
Tu, pensativa e séria, sabes tu acaso
Do que vae?

Mal haja essa grinalda que importuna dextra
Te cingiu!
Mal haja! E eras tão meiga, tão risonha e bella...
Quem te viu!

Hoje só mão d'esposo póde dar-te affagos;
Que tos dê!
Ai, quem te viu, donzella, donzellinha d'hontem...
Quem te vê!

Maio de 1860.

NA CAMPINA

Venez autour de moi; riez, chantez, courez!
Votre œil me jettera quelques rayons dorés,
Votre voix charmera mes heures.

V. HUGO.

Oh, deixae-os brincar; é tempo agora!
As aves cantam sempre vendo a aurora,
E a viração travessa beija a flor?
Oh, deixae-os brincar; é tempo agora
De alegria, e de amor.

Eil-os, lá correm, lá doudejam todos
Entre a verde espessura;
Tres anjos de innocencia e de candura,
Tres perfumes, tres sons d'essa harmonia
Chamada a humanidade!
Eil-os, lá correm; o clarão do dia,
Que o ceo, e o mar, e os campos illumina,
Inunda-lhes de luz os rostos bellos,

E os dourados cabellos
Que esvoaçam na brisa matutina.

Oh, folgae junto a mim! Que importa o canto
Da solitaria lyra,
Que languida suspira
Saudades e amores?
Oh, folgae, junto a mim! Eu amo as flores
Agrestes e singelas
Que desabrocham livres pela terra;
São rudes, mas são bellas!

Ride, folgae, brincae! Este ruido
Acorda um mundo inteiro de harmonias;
Ao canto inda sumido
Que espira o val, juntae as melodias
Do vosso canto unisono e infantil:
Raios—voae á aurora que se acende,
Perfumes—recendei, que a flor recende,
Aves—saudae abril!

O que é no mundo o poeta? é a corrente
Que passa pelo campo a murmurar;
Reverdece, dá vida, inflora a planta
Que ao pé d'ella cresceu;
Mas quem, ao brando som que se alevanta
Das vagas, dá poesia?
É a meiga luz do dia,
São as silvestres flores,
Que a mocidade ingenua lhe lançou,
Quando junto da margem divagou,
Scismando em seus amores!

Ride, folgae, brincae: é tempo agora!
O riso, como o orvalho, como a aurora,
Depressa perde a divinal essencia:
Folgae, que as alegrias da existencia
Apenas são as illusões de um'hora!

Minha alma é como a noute triste e escura;
Vós sois os rouxinoes, que entre a espessura
Preludiam o cantico divino,
        Que diz—amor, poesia:
Cantae, ó rouxinoes, chilrae um hymno;
        Enchei-me de harmonia!

Ride, brincae na relva das campinas
        Que ondeam orvalhadas,
Ide vêr como as sonsas das abelhas,
        Nas papoulas vermelhas,
        Se embalam regaladas.
A cada flor do val dae um segredo
Como ellas dão; voae, voae sem medo,
        Que o sol já vae brilhando;
Folgae todas, zumbi por entre as flores:
Ellas, o doce nectar aspirando,
        Vós aspirando amores!

Depois vinde ao redor de mim sentar-vos;
Quero ver-vos, ouvir-vos, affagar-vos,
Correr a mão pelos cabellos louros
Que vos hão-de toldar as faces bellas.
Oh, chilrae junto a mim: eu amo as aves
        Agrestes e singelas.

Minha alma é como a noute triste escura;
Vós sois os rouxinoes, que entre a espessura
Preludiam o cantico divino,
        Que diz—amor, poesia:
Cantae, ó rouxinoes, chilrae-me um hymno;
        Enchei-me de harmonia!

Abril de 1859

O SONHO

Stravaganze d'un sogno!
F. de Lemene.

Anda cá, vem sentar-te ao meu lado,
Vem sentar-te, não fiques ahi;
Vou dizer-te o meu sonho encantado,
Lindo sonho—que eu tive por ti.
Foi... foi hontem; se ris não to digo...
Anda cá, vem sentar-te comigo.

Ouve bem: junto áquella janella
Assentada a fallar te encontrei;
Não me engano, bem sei, foi n'aquella...
No que então conversavas—não sei.
Tibia luz em teu pallido rosto
Dava em cheio: já era solposto.

Vinha o vento affagar-te os cabellos,
Respirando as fragrancias do mar;
Que amorosos, que santos desvelos,
Que suspiros soltados no ar!—
Ai, vê tu,—n'esse grato momento,
Que ciumes que eu tinha do vento!

Quando a lua por fim divisaste
Socegada a reinar na amplidão,
Pensativa um momento ficaste,
E com a fronte pousada na mão.
Déste um ai, um gemido,—fallei-te,
Veio um riso, coraste,—beijei-te!—

Oh, que ardor, que ventura infinita,
Que momentos de encanto e de paz!
Ceos! que amor, que existencia bemdita,
Nos arrobos de um sonho fallaz!
Tudo em volta manava perfumes:
E eu do vento não tinha ciumes!

Inda mais: entre a densa ramagem
Pouco a pouco sumiu-se o luar;
Não sei como—callou-se a bafagem,
Nem se ouvia o sussurro do mar!...
Mas não córes, não fujas de mim,
Porque o sonho tem graça no fim:

Ai, tu, córas? e em vez de meiguice,
Dás-me um gesto d'altivo desdem?
Pois escuta, quem foi, quem te disse
Que o meu sonho candura não tem?...
Não, não córes; não gostas? não digo:
Anda cá, vem sentar-te comigo!

Março de 1860.

CONSELHOS

La caza de amor
Es de altanaria;
Trabajos de dia,
De noche dolor.

G. Vicente.

Que tens, o que fazes
Donzella innocente,
Que ao mundo indiff'rente
Já scismas na dor?
Bem cedo deixaste
Teus brincos risonhos,
Bem cedo os teus sonhos
Encheste de amor.

Na walsa, onde outr'ora
Contente giraste,
Não mais me encantaste,
Não mais te avistei;
Se dizem: «walsemos!»
Co'um ar de desgosto
Inclinas o rosto,
Dizendo:—«não sei!»—

Fugiu-te a alegria
Da face mimosa;
Donzella, se és rosa,
Perdeste o rubor;
Da aurora os murmurios
Só ouves com gosto,
E á luz do solposto
Já fallas de amor.

Tontinha! Pois julgas
Que alguem póde amar-te,
Sem vir, e roubar-te
Suave illusão?
Não vês que a grinalda
Que amor embalsama,
Definha na chamma
Que arroja o vulcão?

Ai, volve de novo,
Ao tempo encantado,
Que alegre no prado
Folgavas sem medo;
Não vás pôr-te á sombra
Da densa ramagem,
Co'os sopros d'aragem
Fallando em segredo.

Quem sabe se um dia,
Prevendo a mentira
Na voz que suspira,
Que anceia por ti,
Quem sabe se triste

Dirás, e descrente:
—«Que vida innocente
«Que em sonhos perdi!»—

Ai, vida! donzella,
Não creias na vida
Que em sonhos perdida
Desvaira a rasão;
Nas brandas delicias
Que affagam a mente,
Donzella innocente
Não creias, ai, não!

Repara, este mundo
Que vês delirante,
É onda inconstante
Que ascende e que vem:
Na face o sorriso
Bemdito e sereno,
No fundo o veneno...
Repara, meu bem!

Rosinha, não creias
Nas vozes da abelha,
Que á rosa vermelha
Desbotam a côr;
Ai, fecha o teu calix
Aos brincos risonhos,
Que ás vezes em sonhos
Nos fallam de amor.

Promettes? responde,

Não córes de pejo;
Promettes? bem vejo
Que amor te sorri:
Deus queira que um dia
Não digas descrente:
—«Que vida innocente
«Que em sonhos perdi!»—

Novembro de 1860.

UMA NOUTE DE MAIO

Não eram trevas;
Era ausencia do dia. Esse ar suave
Bafeja leite e mel: tem tal encanto
Que enleva a quem o aspira.

FYLINTO ELYSIO.—Martyres.

Era por noute de maio,
Quando entre os frescos verdores
As aves cantam amores,
Cada uma em seu cantar;
E no ribeiro que passa
Entre a relva lusidia,
Vem, despertando a ardentia,
Bater de chapa o luar.

Era por noute de maio;
Nunca vi outra tão bella:
Tanto lampejo de estrella
Não tornou a haver no ceo.
Brisas de tanto perfume,
Das que vem d'alem da serra,
Nunca mais as teve a terra,
Nunca mais as senti eu!

Alli, no val que floreja
Por entre a verdura ondeada,
Alli minha alma inlevada
Sentiu-se então renascer:
Sorrindo á paz d'esses campos,
Do mundo livre, esquecida,
Viveu, gosou quanta vida,
Quanto amor se póde ter!

Que santa melancolia
N'essa triste soledade!
Oh, que indizivel saudade
Me vinha fallar de ti!
Paixão como n'aquell'hora
Se me ergueu do seio fundo,
Não se sente cá no mundo,
Não se póde ter aqui!

Meu ser teu ser aspirava,
Minha alma buscava a tua;
Na luz pallida da lua
Que vezes te julguei ver!...
Coração que em ti palpita,
Ai, n'esses momentos, qu'rida,
Viveu, gosou quanta vida,
Quanto amor se póde ter!

Que pura noute de maio;
Nunca vi outra tão bella!
Tornei á vida, e por ella
Novos enleios senti.
Inspirei-me da tristeza

D'essa amena soledade,
Que toda branda saudade
Me vinha fallar de ti.

E tu não sabes que est'alma,
Como a flor mysteriosa,
Fecha o seio pesarosa
Se a madrugada rompeu:
Mas quando a terra se inleva
Nas estrellas em cardumes,
Desabrocha entre perfumes,
Que se perdem—pelo ceo!

Maio de 1860.

A EMMA

Pues bien manifesta y clara
Es la hermosura d'ellas
Y el valer.
Pues a vos no se compara
Ni ellas ni las estrellas,
Á mi ver.

G. Vicente.

Dizes bem: a voz que outr'ora
Saudava os risos d'aurora,
O ceo, o prado, a bonina,
O rouxinol que divaga
Á noute pela campina,
O som longinquo da vaga,
A lua que rompe a medo
Entre os visos do rochedo,
A balsa que se illumina,
O vento que folga e ri;
Dizes bem: a voz d'outr'ora
De nada se inspira agora,
De nada—senão de ti!

Pois tu não vês ao solposto,
Quando a luz doura o recosto

D'aquelles montes d'alem,
Não vês a avesinha triste
Divagar? e nunca viste
Como ella revôa, e vem
Esconder-se entre a folhagem,
Sósinha, sem voz, sem tino?
Mas depois, quando na aragem
Presente o trilo divino
Do rouxinol que volveu,
Não vês como tudo a encanta,
Como vôa, e canta e canta
Pela terra e pelo ceo?

Pois eu, amor, sou como ella:
Que me serve a flor singela
Se lhe não sinto o perfume
Que solta na viração?
Que me diz o alvor da estrella,
Se a minha alma não presume
Que elle inunda a solidão?
Mas quando essa voz querida,
Suave me chama á vida;
E depois, meiga e sentida,
Que és minha, mil vezes diz,
Então est'alma contente
Vôa e canta de repente,
Como avesinha innocente
Quando divaga feliz!

Outubro de 1860.

O PRIMEIRO AMOR

POESIA RECITADA PELA ACTRIZ MANUELA REY

EM A NOUTE DE 4 DE JANEIRO DE 1866

I

O lyrio desponta e cresce
Á luz da manhã que assoma,
Tudo é viço e tudo aroma
N'aquella graciosa flor;
A doce gota de orvalho
Das folhas lhe desce em meio,
Como desce a um casto seio
Uma lagrima de amor.

Desponta e cresce: sosinho,
No seu retiro innocente
Não ouve, não vê, não sente
As tempestades d'alem;
É como avesinha implume
Que, no seu ninho esquecido,
Não sabe prestar ouvido
Aos cantos que vão e vem.

Desponta e cresce: mais tarde,
Brilha o sol, rompe a alegria,
Tudo é festa, é dia, é dia,
Retoucam-se as solidões;
A luz inunda as campinas,
O rubor accende a rosa,
A vida palpita anciosa
No mundo,—nos corações!

E o lyrio treme; inlevado
Ergue o seio inda entre-aberto,
E escuta o murmurio incerto
Que entre as ramas accordou;
Pobre flor! e incauta perdes
Tantas graças peregrinas,
E essas perolas divinas
Com que a manhã te orvalhou!

II

Assim fui eu: vívia socegada
Isenta da tristeza e do rumor;
Um dia abri o seio á madrugada,
E deixei-me banhar de luz, e amor.

O ceo, a terra, o mar, e tudo e tudo
De repente aos meus olhos se encantou:
Oh, que infindo o poder d'esse olhar mudo
Que sobre mim tão bello se espraiou!

Sentia-me nascer, novo horisonte
Se rasgava ante mim, sonhos gentis!

Tudo era santo e puro, ergui a fronte
Ebria de espaço—ai, Deus!—ebria, e feliz!

O perfume do val que me cercava,
O murmurio subtil do prado em flor,
A tibia luz do sol quando baixava,
Tudo então me dizia: «amor, amor!»

E eu quantas vezes, quantas, pensativa
Me sentava á janella a meditar,
N'essas horas de paz, por noute estiva,
Quando é saudoso o timido luar!

Depois, não sei que fumo de tristeza
De dentro da minh'alma então se erguia,
E do vago espirar da natureza
Quantos nomes o vento me trazia!

Tinha-o visto n'um baile, distrahido,
Sem reparar nas danças, sem as ver,
Encostado ao sophá,—ermo, perdido
N'esse tropel de enganos, e prazer.

Era pallido; os anjos tem no rosto
A doce pallidez que vem do ceo.
Ha sombras de tristeza e de desgosto
No que, indiscreto, ao mundo assim desceu!

Sentou-se ao pé de mim; que lhe importavam
Essas nuvens que em volta lhe corriam?...
Como os seus olhos negros se alongavam
Pelos vastos salões que resplendiam!

Subitamente ergueu-se; d'improviso
Vi-o descer'té mim seu brando olhar,
E a doce luz de um magico sorriso
Pelos labios em flor lhe vi passar.

Corei, tremi, não sei, não sei que affecto
No convulsivo peito me rompia;
Corri d'em torno o olhar, turvado e inquieto,
Mas quanto mais olhava mais o via!

Pallido e triste: a sombra do desgosto
Lançara-lhe na face um raro véo;
Pallido e triste; os anjos tem no rosto
A doce pallidez que vem do ceo!

III

Corria a valsa; delirante a musica
Enchêra as sallas de infantil paixão,
E um doudo bando, volitando aereo,
Ante os meus olhos ondulava então.

Corria a valsa; no volteio celere
Giravam roupas do mais puro alvor,
Brandos suspiros se trocavam languidos,
E os olhos meigos vão dizendo amor.

Corria a valsa; de repente, em extase,
Senti que um braço se enlaçava ao meu;
Tremi... que importa? caminhámos, subito—
Dentro em minh'alma se revia o ceo!

Juntos, unidos, palpitando em jubilos,

Corremos cegos, confundidos, sós;
Oh, como os anjos, perpassando rapidos,
Vinham sorrir-me no ondear veloz!

Juntos, unidos... minha fronte exanime
Sobre o seu hombro descancei por fim;
Depois ouvi-lhe o respirar dos labios,
Perto, tão perto que o sentia em mim.

Um mundo novo me agitava o espirito,
No seio oppresso me crescia o ardor,
Tudo aos meus olhos avultava esplendido,
Tudo em minh'alma segredava amor.

Era ditosa! pouco a pouco, olhando-o,
Senti que a medo me apertava a mão;
Cingiu-me, e fomos, rodopiando fervidos
Na douda valsa que girava então!

Ia alta a noute, minha mãe dizia-me:
«Como essas danças te serão fataes!...»
Mas outra voz, que me soava angelica,
Dizia: «segue-me,» e eu dançava mais.

Porfim parámos, deslumbrantes, candidos,
Novos espaços descobria então;
Como eu, sorrindo, o contemplava em extase,
Como elle, ardente, me apertava a mão!

Oh, quantas horas n'esse enleio mystico
Juntos passámos! que viver nos ceos!...
E como tudo se desfez em lagrimas!...
«Adeus, ai, qu'rido! meu amor, adeus!»

E nunca mais, oh, nunca mais no espirito
Tão casta alvura rebrilhar senti;
Desfez-se a imagem que assomára vivida:
Sonho da infancia, nunca mais te vi!

IV

Morreu, desfez-se o encanto
Que eu crêra immenso e eterno;
Meu sol foi sol de inverno
Que aponta e que se esvae.
Sumiu-se o alvor ethereo
Do meu viver risonho,
Como se quebra um sonho,
Como se extingue um ai!

Fiquei, sosinha; em balde
Busquei, já morta a esp'rança,
Esta fatal lembrança
Do coração tirar;
Oh, mas quem foge á sombra
Que aos pés triste se enlaça,
Embora a vista baça
Na luz tente fictar!

Fiquei; como estes lyrios
Ha pouco inda florentes,
Meus dias innocentes
Tambem murcharam já.
Sou como a folha solta
Que vaga ao longe e ao perto:
Deus só, Deus sabe ao certo
Onde essa folha irá!

Ai, meu amor, meus risos,
Minha ventura immensa,
Anjos da minha crença,
Rosas do meu jardim,
Sol que me déste alento,
Manhã sempre florida,
Vida da minha vida
Por que morreste assim!

Ai, Deus! desfez-se o encanto
Que eu crêra immenso e eterno;
Meu sol foi sol de inverno,
Que aponta e que se esvae.
Sumiu-se o alvor ethereo
Do meu viver risonho:
Acordo emfim de um sonho,
E acordo ao som de um ai!

LAURA

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

GARRETT.

I

Vou contar uma historia. A minha musa
Levantou-se da cama estremunhada;
Dei-lhe o braço e saímos,—pouco a pouco
A fresca viração foi dissipando
O mau humor, que lhe rallava os ossos.
O sol rompêra ha muito; deixo aos vates
A descripção dos montes e da relva,
Da campina e da luz, do brando enleio
Que em maçudas estrophes tem cantado.
Eu passo entre a ramagem das florestas,
Aspiro a brisa, escuto o murmurinho
Do ribeiro, se o ha; saúdo os canticos
Das aves que despertam; mas entendo
Que não devo escrever tresentos versos
Dizendo o que mil vezes se tem dito.

Vamos á historia: apenas descobrimos
(No fim de um val que a passo atravessámos),
Certa casinha branca, a minha musa
Assentou-se, mostrou-me uma menina
Que chegára á janella, e co'um sorriso
Disse-me só: «Não vês? põe-te ao meu lado,
«Vou-te contar a historia d'aquelle anjo.»
Quando já preparava a narrativa,
Ella que ia cantando d'este modo:

—«Vôa, suspiro, apressa-te,
Amor a amor te invia;
Ha muito que é já dia,
Vae alto o sol, se vae!
Por entre as folhas humidas
Transpira sem receio:
Vôa-lhe em torno ao seio,
Desprende, acolhe um ai!

Que ha muito o espero, conta-lhe,
Pergunta-lhe em que pensa,
Recorda a paz immensa
Que n'este val sorri:
Se elle tremer de jubilo,
Se lhe brilhar a fronte,
Dize-mo do horisonte,
Que eu te ouvirei d'aqui.

Oh, tu bem vês que é intimo
O ardor do meu delirio;
Bem vês que atroz martyrio
Me tem murchado em flor.

Deixei da infancia limpida
Toda a alegria infinda;
Mais deixaria ainda,
Mais,—pelo seu amor.

Porque padeço misera,
Porque sonhei ventura,
Porque a minha alma pura
Sem tino desfolhei?
Quem me attrahiu sorrindo-se
Ao mundo das delicias,
Quem me fingiu caricias,
Quem me enganou?—não sei.

E agora solitaria
Vejo passar a vida;
Sombra de amor querida
Seguindo errante vou.
Quem me dirá: «Levanta-te,
«Folha que amarlelece;
«Levanta-te e florece,
«Que o chôro te orvalhou?»

Mas tu, dize, recordas-te
Que eu vivo inda no mundo,
Tu, meu amor profundo,
Tu, meu ingrato amor?—
Oh, por piedade, inflamma-te
No nosso affecto antigo,
E vem, vem ter comigo
Que me enlouquece a dor.

Ai, meu suspiro, apressa-te,

Amor a amor te invia,
Que este formoso dia
D'esp'rança me sorri.
Vôa! se acaso o extase
Lhe illuminar a fronte,
Dize-me do horisonte,
Que eu te ouvirei d'aqui!

A menina do val immudecêra;
Eu puz-me a meditar n'essas endeixas
Que o descuidado vento suspirava.
D'onde vinha esse amor, esse desprezo
Porque tanto chorava? quem murchara
O viço, a louçania, a côr mimosa
D'essa bonina na aridez perdida?
Tomando a posição de um academico
Quando falla em sessão de muitos sabios,
Levantei a cabeça, ergui os olhos,
Corri pelo cabellos os cinco dedo
Murmurando com voz de *primo-basso:*
«Rosa de amor, rosa purpurea e bella,
«Quem entre os goivos te esfolhou da campa!»

II

Se eu fosse dos romanticos da moda
Tinha muito a dizer sobre este assumpto.
A pessoa, o logar, o sentimento,
A hora, tudo emfim, tudo me dava
Para um grande poema onde chiassem
Quatrocentos exdruxulos de arromba.
Mas eu sou mesmo um barbaro! conheço

Que me vão já faltando os predicados
Para ser de futuro um bom poeta.
Não fallo de cyprestes, não medito
Sobre as quebradas lousas do sepulchro,
Nem sou nenhum Young que de noute
Jogue a pella co'os craneos insepultos:
Pois o genero é bom, se não é unico!
Já vêem, pois, que os topicos famosos,
Que arripiam sem dó tantos leitores,
São banidos por mim; reconto a historia
Como tambem a ouvi da minha musa:
«Nua e crua», conforme diz o vulgo.

III

A menina do val chama-se Laura;
Conta dezeseis annos e alguns mezes,
Se é que não mente o assento do baptismo.
Ha dois annos vivia honestamente
Co'o a mãe, ceguinha, pobre e desgraçada,
Sem arrimo, sem luz, longes do mundo,
Mas na paz do Senhor, que é sem remorsos.
Como era bello ao descair da tarde
Vêl-as sentadas no portal humilde
Da casinha do val! como o sol puro
Vinha cercar de brilho aquellas frontes!
A mãe, qual doce imagem da tristeza,
Corria a debil mão pela filhinha,
E as lagrimas bailavam-lhe nos olhos.
—«Quando eu deixar o mundo, quando a vida
«Se evaporar no derradeiro alento,
«Quando tu, orphan, pobre, abandonada,

«Tu, meu bem, minha Laura, minha filha,
«Filha do meu amor, quando ficares
«Só n'este val, quem guardará teus dias?
«Que anjo bom cobrirá com as suas azas
«Esta alva pomba que sem ninho eu deixo?»
Laura abraçava então a mãe querida,
Beijava-a, misturava ao pranto amargo
O pranto da innocencia, erguia o rosto
Para o ceo, todo azul, todo harmonias,
E repetia, co'o fervor da crença,
O hymno que aprendêra em pequenina:

—«Dorme em paz, minha mãe, ceo e terra
Tudo attesta a bondade suprema;
Quem protege a florinha da serra
Que entre espinhos sem conto brotou?
Quem de encanto suas folhas reveste,
Quem n'a livra d'abelha atrevida,
E de noute, que anginho celeste
O seu calix de orvalho inundou?

Quem dá força á andorinha que gira
Em procura de lar e de ninho?
Quando o inverno nas balsas expira
Quem lhe diz:«vem buscar o calor?»
Quem no ceo tantos astros acende
E lhes mostra o caminho seguro?
Tanto prado que inleva e recende
Quem n'o enche de sol e de amor?

Não se escuta desd'alva ao solposto
Um murmurio indizivel e santo?

Da creança no florido rosto
Não resumbra a ventura dos ceos?
Dorme em paz, minha mãe, que na terra
O meu anjo da guarda é meu guia;
E hei de eu sempre, qual lyrio da serra,
Attestar a bondade de Deus!»

A mãe sorria então beijando a filha,
Porque a voz da innocencia a socegava.
Se ella podesse presentir ao menos
Que essa voz, talvez cedo, gemeria
Na dôr, e na afflicção!... talvez?—quem sabe!

IV

Algum tempo depois Laura era orphan.
O mundo deu com ella, e o resultado
Prevê-o quem conhece um pouco o mundo.
Por Deus, não vão mofar do meu conceito!...
Vêm-me aos bicos da penna estas palavras,
E escrevo-as como um rol de bagatellas,
Quero dizer, sem ar de moralista.
Ora o que ha de fazer uma creança
Que se vê pobre e só, quando é formosa?
O que ha de ella fazer? errei a phrase,
Deveria ter dito:—o que lhe fazem?
Laura amou, mas do amor dos quinze annos,
Do amor cego e febril, amor sem calculo,
Do que se arroja ao mar buscando a perola,
E que apenas na vaga enloda as azas;
Do amor que não medita, que não pensa,
Que abala o coração, que o sangue queima,

Desvairando a rasão, que em breve exhaure.
Laura amou; Don Gastão era o mancebo:
Alto, bem feito, esbelto, intelligente,
Nobre na geração dos pergaminhos,
Contava mil avós que tinham sido
Condes, barões, marquezes, e até duques!

Gente fidalga! Ó musa, se eu podesse
Fazer um quadrosinho a quatro tintas,
Como a pintára bem: cabello crêspo,
Sobranceira na fronte, altivo o porte,
Sorriso de ironia ou de despreso
Nos labios, quasi sempre um pouco grossos;
Nas pupillas o raio que fulmina
O formigueiro dos burguezes charros.
E se o quadro fallasse?... mas silencio!
Tiremos o chapeo comprimenteiro
Ás nobrezas do mundo patarata,
E sigâmos ávante a nossa historia.

Laura amou Don Gastão, disse eu ha pouco.
Encontraram-se um dia por acaso,
Olharam-se, sorriram, e esse riso
Foi, como é sempre, um precursor de affectos.
Nasceu a convivencia; a desgraçada,
Vendo tanta affeição, tanto desvello,
Julgou que a voz do crime não podesse
Juntar-se á terna voz do seu amante.
Como lhe refloriam novas graças!
Como as horas da vida a enfeitiçavam!
Que doce paz, que de illusões risonhas
Brincavam na sua alma! Esse futuro,

Que em negras sombras lhe avultara d'antes,
Via-o raiar esplendido e formoso,
Como o vira entre os sonhos de creança.
Pela fresca da tarde iam sósinhos
Passear pelo val, depois sentavam-se
Á sombra de alguma arvore frondosa,
Apertavam as mãos, balbuciavam
Meigos protestos de ventura infinda;
E quando ao coração da innocentinha
Uma duvida atroz vinha acolher-se,
Quando aos seus olhos, de um azul celeste,
Acodia uma lagrima furtiva,
O mancebo abraçava-a, unia os labios
Aos labios inda puros d'aquelle anjo,
E dizia-lhe então no seu transporte:

—«Amo-te, Laura; na vida
Serás sempre o meu encanto;
Vi-te só, triste, abatida,
Cobri-te co'o meu amor:
Tu eras o lyrio pallido
Queimado pelo nordeste,
E eu fui o orvalho celeste
Que dei graça e cheiro á flor.

Oh, não scismes no futuro,
Não o encares com receio;
O prazer vive em teu seio,
Vive no meu coração.
N'esta bemdita existencia
Tudo em roda nos fulgura,
E aspirâmos a ventura
Nas brisas da solidão.

Porque choras? quem te disse
Que ha-de morrer este affecto?
Que ha-de acabar a meiguice
Com que te affago a sorrir?
Quem foi? não penses, querida,
Que esta paixão delirante,
N'um fatal, n'um louco instante
Póde deixar de existir.

Que me importa o falso brilho
Das grandezas d'este mundo,
Se todo este amor profundo
É maior que essa illusão?
Que me importa, se a minha alma,
Na sua ardente impaciencia,
Tem tudo na grata essencia
Do teu puro coração?

Vivâmos ditosos sempre;
Teu seio em ternura immerso
Não teme o destino adverso,
Palpita, fugindo á dôr:
Já não és o lyrio pallido
Batido pelo nordeste,
Ja tua vida acendeste
No fogo do meu amor!» —

O canto da serêa enganadora
Ia calando n'alma da donzella.
Lembrou-lhe a mãe, lembraram-lhe as palavras
Que lhe ouvira soltar entre soluços;
Chamou pelo anjo bom, pediu-lhe auxilio,

Gemeu na soledade e na tristeza,
Vacillou, quiz fugir... o amor rendeu-a!
Mas quem ha-de accusar a peccadora?
Quem ha-de ir arrancar as murchas flores
D'entre os cabellos louros d'essa martyr?
«*La faute en est á nous*» digo eu sem medo,
Na sublime expressão de Victor Hugo!

V

Corria o tempo, e o fogo do mancebo
Ia perdendo o ardor da novidade.
Aquellas tardes de alegria immensa
Em que vagavam sós, tantos delirios,
Tanto futuro vão, tudo acabara.
Desde o romper do dia, a pobre Laura
Ia pôr-se á janella pensativa;
Cada rumor do vento, cada sombra,
Cada vulto que ao longe descobria
Julgava ser Gastão,—julgava em-balde.
Que seria? outro amor? talvez o tedio?...
Mas que importava ao nobre se a amargura
Ia apagando o lume d'essa face?
Que lhe importava o lyrio murcho e involto
No pó da encrusilhada? a sua vida
Não era acaso o divagar constante?

No dia em que eu vi, em que o seu canto
Vagamente agitou toda a minha alma,
Ella aguardava o amante, anciosa e triste,
Quando se ouviu rodar uma caleça.
Era Gastão: a misera em seu jubilo

Saíu, correu, voou para esses braços.
Oh, que avidez no olhar, que longos beijos,
Que ventura, que ceo, que immensa gloria!
Não sei o que disseram, mas o nobre
Pouco tempo depois partiu de novo.
Ella entrou na casinha solitaria,
Mas fulgiam-lhe os olhos rasos d'agua.

Sahi do val oppresso e taciturno,
A imagem d'aquelle anjo, o som querido
Da sua branda voz, tudo excitava
A dor e a compaixão dentro em minha alma.
Quiz esquecel-a, desterrar da mente
A lembrança fatal, e via-a sempre,
Sempre, até nos meus sonhos descuidados.
Mas que tinha eu com ella? d'onde vinha
A mão que me arrastava até seu lado?
Não sei, mas decorridos quatro dias,
Fui ao val, só co'a idéa de vêr Laura.

VI

Não me enganei; sentada ao pé do ulmeiro,
Que ensombrava a casinha onde nascêra,
Erma, perdida estava: o sangue todo
Correu-me ao coração n'esse momento.
Pallida e triste a vi; triste mas bella!
Na mão firmava o rosto, as louras tranças
Caíam-lhe annelladas sobre o collo.
Olhava o ceo, e o sol que ia morrendo,
E o sorriso da paz lhe illuminava,
Co'a extrema luz, o angelico semblante.

Approximei-me d'ella; estava absorta.
Sem me vêr, sem me ouvir siquer os passos,
Erguia um hymno a Deus, brando e sereno,
Que era talvez o derradeiro hymno:

—«O sol expira no monte,
O claro azul do horisonte
Pouco a pouco perde a côr;
As aves que ha pouco ouvia
Deixaram, co'o fim do dia
Os seus canticos de amor.

O mar suspira na praia,
E a florinha que desmaia
Não sei que tristeza tem;
O prado já não florece,
E a minha alma que estremece
Tambem se exhaure, tambem.

Oh, que saudade profunda,
Como este sol que me inunda
Me prende nos raios seus!...
Mas que outra vida já sinto!...
Que de alegrias presinto!...
Como sou feliz, meu Deus!

O passado—não o vejo;
Foi um'hora de desejo,
De mentira, de illusão.
Baqueei—foi minha sorte,
Transfiguro-me na morte:
Ergue-te, meu coração!

Abrindo as azas de neve
Vou nas auras ao de leve
Soltando meu vôo aos ceos.
Dou á terra o que é da terra,
Tudo mais que a vida encerra
Vae comigo e sobe a Deos.

Sim, já ouço a melodia
Que n'outros tempos ouvia...
Conheço-a; dos anjos vem;
É mais pura que a das aves,
E as suas notas suaves
Não sei que doçura tem.

Ai, e pôde haver um'hora,
Em que eu visse a luz d'aurora
Sem dar com toda a illusão?
Foi bem negra a minha sorte...
Transfiguro-me na morte;
Ergue-te, meu coração!

Calou-se, olhou, e ao ver-me de si perto,
Tremeu, como de susto, ao levantar-se.
Fil-a sentar, contei-lhe o que sabia,
O que pensava até do seu martyrio;
E dei-lhe as minhas lagrimas sinceras,
Como ella dava ao mundo os seus suspiros.

Quando me despedi, ergueu-se a custo,
Deu-me a mão, que eu beijei como a de um anjo,
E disse-me com a voz mais sonorosa
Que jámais escutei na minha vida:

—«Quando tornar aqui, já não me encontra.
«Olhe, então, ouça bem, tome estas flores,
«São duas rosas que eu tirei da fronte
«De minha pobre mãe, quando expirava;
«Bem vê como estão seccas, não importa...
«Vá lançar-mas alem, na terra fria
«Que ha-de cobrir meu corpo; não se esquece?...»
Quiz dissipar-lhe os negros pensamentos,
Não pude; a pallidez d'aquelle rosto
Não me deixou fallar: chorei apenas.
Ella não; com o sorriso da innocencia
Saudava o patrio ceo, o lar, o ninho,
Onde se ia abrigar das tempestades!

VII

Quando tornei ao val, não sei que pena
Veio inlutar-me o espirito confuso.
Tudo estava deserto, o ulmeiro, a casa;
Deserto,—ai, sem a pomba que morrera.
Busquei errante a campa solitaria
Onde ella já dormia o somno eterno,
Para esfolhar as rosas, talvez unicas,
Que haviam de bordar aquella relva.
Junto de uma cruzinha, não distante,
Vi alguem de joelhos que resava.
Fitei, conheci logo, era o mancebo,
Que entre soluços de amargura extrema
Contricto erguia a prece da sua alma:

—«Anjo, perdôa ao misero!
Foi grande o meu peccado;

Teu ser immaculado
Fui eu que to manchei.
Eras formosa; erguendo-me
No meu furor insano,
Levei-te o amor, o engano,
A seducção...—bem sei!

Eras formosa e timida,
Sem luz, sem ter abrigo,
E eu conversei comtigo
Fallando-te de amor.
Vias ao longe um tumulo,
E eu apontei-te o empyreo;
Crêste no meu delirio,
E eu desfolhei a flor.

Depois, não sei, parece-me
Que a voz que vem do mundo,
Ao seu viver jocundo
Um dia me chamou.
Ninguem me disse: «lembra-te
«Do anjo que deixaste,
«Da pomba que acordaste,
«Da que por ti amou!»

E eu fui, deixei-te pavida
No horror da soledade;
Suspiros de saudade
Sem numero te ouvi.
Ai, peccador, tentava-me
A luz d'outro futuro:
Deixei teu seio puro,
E á perdição corri.

Agora venho, e encontro-te
No derradeiro leito;
Já cobre a terra o peito
Que eu fiz pulsar na dor:
Anjo, perdôa ao misero,
Esconde-lhe o peccado:
Ergue-me a Deos, sagrado
No teu divino amor!—

Tive dó do mancebo; os desvarios
Com que perdêra um amor tão bello e santo,
Remia-os largamente n'aquella hora
De contricção estreme e de remorsos.
Se ella o ouviu?... se os anjos que descançam
Aos pés de Deus, tem olhos para a terra,
Coração para o amor,—se o tem, de certo
Escutaria Laura aquella prece,
Ungida pelas lagrimas do amante!

Retirei-me d'alli; pelo horisonte
Vinha em silencio a lua resvalando;
E um dos seus raios que descia acaso
Entre as folhas do ulmeiro, dava em chapa
Na casinha onde ha pouco ella morava.
Julguei vêl-a á janella como d'antes,
Meiga, pura e feliz,—fugi do encanto,
E fui-me, todo o val, scismando triste,
E a repetir as funebres palavras
Com que a saudara pela vez primeira:
«Rosa, d'amor, rosa purpurea e bella,
«Quem entre os goivos te esfolhou da campa?»

Maio de 1862.

VOLTAS

> Conforto mais duvidoso
> Me é este que tomo assi;
> Deus vos dê melhor ventura
> Do que tiveste té aqui.
>
> B. Ribeiro.

Quem volve o olhar ao passado
Sem que veja uma ruina?
Quem deita a vista á campina
Sem vêr murchar uma flor?
Em tanta lyra, onde ha pouco
Soava um carme innocente,
Porque estallou de repente
A corda sagrada a amor?

Tudo tem dias de luto:
Cada qual paga o tributo,
Pezado,—bem n'o sei eu:
A rosa dá seu perfume,
A luz um raio de lume,
E tu, minha rola implume,
Os teus ais que vão ao ceo.

Espera sempre, o conforto
Tardio chega, mas vem;
Todos que choram no horto,
Tem um anjo ao pé de si.
Por cada lagrima pura
Que os teus olhos tem vertido,
Dar-te-ha Deus melhor ventura
Do que tiveste até aqui!

Junho de 1862.

VOLTAS

Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem ninguem;
Não foreis vós, se eu não fôra,
Não sei se fiz mal, se bem.

B. Ribeiro.

Eras bella! Na existencia
Vi-te entrar timida e incerta,
Vi-te corar de innocencia
Quando o mundo te sorrio;
Vi-te, minha alma te vio
N'aquella hora abençoada!...
Eras bella! um desvario,
Um delirio, uma loucura,
Me arrastaram para ti:
Doces fallas de ternura
Primeiro que outrem te ouvi!

Chamei-te á vida do encanto,
Cingi-te a fronte de rosas,
Nas horas angustiosas
Dei-te a luz do meu amor.
Se de tristeza choravas,

Se de ventura sorrias,
Sempre ao teu lado me vias,
A mim sempre,—e a mais ninguem;
Fiz tua a minha existencia,
Fiz-te a minha providencia...
Não sei se fiz mal, se bem!

Agosto de 1861.

BEIJOS D'AMOR

Viens, mes lèvres veuleut parler aux tiennes!
CHATEAUBRIAND.

Colhei as rosas candidas
Que desabrocha a aurora;
Colhei, é tempo agora,
Mais tarde murcharão:

Quando cair do vespero
A aragem desabrida,
Talvez sem côr, sem vida
As encontreis no chão.

Assim,—nos vossos labios,
Aonde, entre a frescura,
A rosa da candura
Já desabrocha em flor:

Deixae colhel-a rapido,
Em quanto a rosa é bella;
Deixae, deixae colhel-a
Em beijos só de amor!

Agosto de 1859.

SEMPRE

Mysoul shall depart in the sound.
OSSIAN.

Porque canto apesar da amargura?
Porque canto inda mesmo na dor?
Pois não sentes as brisas suaves,
Pois não ouves o canto das aves,
Sempre, sempre fallando d'amor?
O que importa a procella que ruge
Entre as quebras do monte e da serra,
Quando os cantos que sobem da terra
Entre aromas se elevam a Deos?
O que importa á minha alma acendida,
A tristeza sombria e profunda,
Quando a luz dos teus olhos me inunda
Co'um reflexo de amor e dos ceos!
Vês? o mar que fremente doudeja,
Que murmura, que brinca, que esplende,
Que nas margens se espraia e recende,
Não te falla, não falla de amor?...
Pois no fundo, no escuro, no abysmo,
Onde estoura a voragem medonha,

Dos clarões d'esta aurora risonha
Nem siquer bruxulêa um fulgor.
E o mar canta o seu hymno inspirado,
E a avesinha o seu canto innocente,
E entre as ramas do val perfumado
Meigas auras suspiram na flor:
E a minha alma, apesar das tristezas
Que da vida se occultam no fundo,
Tambem ha-de passar pelo mundo,
Sempre, sempre fallando de amor!

Abril de 1860

A UM POETA

Quand le poète en pleurs, à la main une lyre,
. . . .
S'élance, et plane seule et qu'il chante et soupire,
La foule en bas souvent, qui veut rire a tout prix,
S'attroupe, e l'accueillant au retour par des cris,
Le montre au doigt.

SAINTE-BEUVE.

Ide, ensinae, cantae, prégae o verbo
Que n'ess'alma inflammou a providencia,
Onde ouvirdes da magoa o brado acerbo,
Onde brilhar um riso d'innocencia!

Ide, cantae,—no êrmo, ao vento, ás aves,
Ás montanhas, ás arvores, ao ceo;
Saudae a cruz em canticos suaves,
Dae vida á creação, qual novo Orpheo.

Sêde o rio que passa e que suspira
Entre os juncaes, a relva e as verdes flores:
Dae a todos um cantico na lyra;
Enchei os corações, enchei de amores!

Aos que folgam, de rosas coroados,

Dizei:«ride, brincae á luz dos ceos!»
—«Crêde!»—aos pobres—«temei!—» aos potentados,
Ás donzellas:—«amae!»—a todos:—«Deos!»—

O mundo é qual uma harpa silenciosa
Que espera quem lhe acorde a melodia:
Oh! accendei-lhe a voz harmoniosa,
Enchei a immensidade de poesia!

Ide, ensinae, cantae; na vossa fronte
Scintilla o raio da suprema luz;
Ide, apontae aos povos o horisonte;
Apontae-lhe inda alem: mostrae-lhe a cruz!

Dizei que aquem da terra promettida,
Onde o homem feliz repousará,
Alonga-se o deserto d'esta vida,
Sem columna de fogo, sem manná!

Oh, se alguem rir descrente ao vosso lado,
Se vos disser: «que importa esse cantar?»
Erguei a voz; não canta a flor e o prado,
O vento da montanha, a selva e o mar?

Sêde assim, cantae sempre,—á madrugada,
Á sesta, á tarde, ao desmaiar do sol,
E pelas mortas horas de callada,
Quando apenas gorgeia o rouxinol.

Cantae, quando no pincaro silvestre
O rugir do bulcão trôa infernal,
E a vaga estoura no alcantil agreste,
E os ramos gemem no sombrio val!

Harmonia do ceo baixada á terra,
Encante, e volva ao ceo inda harmonia;
Bem como o orvalho que a florinha encerra
Em perfumes se esvae no fim do dia.

Á natureza—o susurrar profundo,
O murmurio eternal da creação;
A nós—o amor, a gloria, a luz, o mundo:
A nós o canto;—a Deus a inspiração!

Julho de 1859.

PAN

Amor, chega aos meus labios sequiosos
A tua taça, onde o prazer espuma;
Deixa que a minha vida se resuma,
Um dia ao menos, em viver por ti;
Deixa que n'esta fronte, onde a tristeza
Tantas e tantas sombras me derrama,
Tambem possa brilhar a doce chamma
Que nos acende um anjo que sorri.

Eu tenho caminhado pelo mundo
Tão só, tão peregrino e tão cansado,
Que sonho, emfim, sentar-me n'algum prado
Em que verdeje a relva e cresçam flores,
Em que a rama das arvores suspire,
Em que nos beije a viração da tarde,
E se dilate o peito que nos arde,
Entre as rosas da vida, entre os amores!

Oh, deixae-me um momento erguer o espirito
Sobre este mar que ruge e se encapela;
Deixae-me crer, deixae, que a vida é bella
Quando um raio de sol a vem dourar:

Como as aves do ceo, passado o inverno,
Sahem do bosque e em turba vão chilrando,
Assim eu, minhas lagrimas seccando,
Tambem por noute e dia hei de cantar.

Amor, tu és meu Deus, em ti só creio,
És tu que dás alento ao pobre e ao triste,
O mundo te abençôa, a terra diz-te
O que dos teus effluvios lhe provem;
Tu és o manancial, o fogo, o germen,
O sopro creador, a luz propicia,
O genio, a seiva, a magica delicia...
Amor, és Deus: a Terra é tua mãe!

Quando ás vezes me assento pensativo
Á beira dos regatos que murmuram,
E sobre as mansas aguas se penduram
As ramagens dos choupos seculares;
Quando attento no amplexo, na volupia,
No requebro gentil da natureza,
De enleio, então, minh'alma sinto presa,
E estendo a vista ao longo d'esses ares!

É tudo uma attracção, tudo um consorcio:
Palpita Deus na rocha e na bonina;
Se a meiga toutinegra a voz afina,
Que diz ella? o que pensa? o que traduz?
Quem sabe as confidencias amorosas
Que ao musgo das ruinas faz o insecto,
Ou quem ouviu jámais o que em secreto
A nuvem conta ao astro que reluz?

Não serás tu, meu Deus, esse mysterio
Que paira, e vela a natureza inteira?
Não te hei já visto ao longo da ribeira,
No val, na gota d'agua, em cada flor?
Não és tu que prepassas na rajada
Quando os cedros do monte se revolvem?...
Meu Deus, que de mysterios que te involvem...
Mas em cada mysterio quanto amor!

Tu ergues-te, minh'alma, tu procuras
Despedaçar o jugo que te aperta:
Caminha, oh, sim, caminha, embora incerta,
E aspira o doce aroma divinal.
Sacode as azas d'ouro, que se arrastam
Por cima d'estas brenhas e silvedos:
Vae contar melancolica os segredos
A quem t'os saiba ouvir, pomba immortal!

Feliz do que adormece ao vir a noute,
Sem que lhe bata o coração inquieto;
Eu amo, eu quero amar; immenso affecto
Dentro do peito se me agita em vão;
Quero sentir os labios escaldados
Na lava ardente que o prazer suscita,
Quero morrer em ti, chamma bemdita,
Banhado jubiloso em teu clarão!

Anjos de Deus que em extase embebidos
Vagaes por entre a murta e os jasmineiros,
Sumí da terra os densos nevoeiros,
Erguei a aurora, as trevas descerrae,
Dizei aos corações que desabrochem,

Ás rosas que se touquem de mais côres:
Cantae esse hymno eterno dos amores,
Que entre as fragrancias tepidas se esvae!

Amar é a lei; o mais que importa agora?
Amar é crer em Deus, é crer em tudo:
O campo, a sebe, o matto agreste e rudo,
Celebram seu noivado em cada mez;
As folhas tecem ninho delicado
Onde as rollas se casam peito a peito,
E a vaga, como o esposo no seu leito,
Na margem freme, e lhe sorri talvez!

Por isso eu quero amar, soltar a vida
Ao sopro, ao vendaval das paixões loucas,
Libar o puro nectar d'essas boccas
Que tremem, de desejo e de pudor,
Sentir na minha face as vivas lagrimas
Da pallida mulher que anceia e chora,
Lagrimas doces, perolas da aurora
Que vem dessedentar vulcões d'amor!

Corre o batel nas ondas qne se engrossam,
Assim corra tambem minha existencia;
Nortêa-nos a luz da providencia,
A estrella amiga, o candido fanal.
Eia, galguemos sobre o vasto oceano
Em busca da justiça e da belleza,
O remo em punho, o braço com firmeza
A fronte erguida, e os olhos no ideal!

O que é viver? É confundir n'um sonho

Toda a força dos intimos desejos,
É dar intensidade aos mil lampejos
Que nos irrompem n'alma, é crer no bem,
É dar o braço á timida innocencia,
Á velhice, á pureza, á desventura...
É crer em Deus amando a creatura,
Que amor é Deus, e a terra é sua mãe!

Fevereiro de 1867.

LEMBRANÇAS DO PASSADO

E quem te disse, presbytero, que o teu amor
não era um crime?

A. Herculano.

Amei-te! foi longo o tempo
D'essa loucura inaudita;
Oh, bemdita a mão, bemdita,
Que ao teu furor me arrancou.
Fui cego, tremulo, ancioso
Pedir-te um raio celeste,
E a luz que a sorrir me deste,
Ai, que inda mais me cegou!

Alli, rendido, prostrado,
Sem ter no mundo outro esteio,
Sentindo arquejar-te o seio
Estreitado contra o meu,
Abrindo os labios em beijos
Sobre os teus labios, querida,
Tinha alli mais sol, mais vida,
Tinha em teus braços o ceo!

E tu, pallida, tremendo
Como a pombinha innocente,
Me arrulhavas brandamente
Protestos de eterno amor:
As brisas que então sopravam
Tinham mais gratos perfumes,
E as abelhas em cardumes
Pousavam de flor em flor!

Oh, como eu era ditoso
N'aquelle engano divino,
Como sorria ao destino
Sem lhe temer um revez!...
Mal sabia o fundo abysmo
Que tu me havias cavado,
Esse abysmo do passado
Que rugia ante os meus pés.

E alli mesmo, á beira extrema,
Resvalando a despenhar-me,
Alli mesmo ia abraçar-me
Comtigo, buscando a luz;
Cingir-te ao peito convulso,
Chamar-te minha um momento,
Dar-te o sangue e o pensamento...
Pregar-me vivo na cruz!

Depois,— rapido, imprevisto,
Sem mesmo o pensar n'essa hora,
Não sei que mão protectora,
Me ergueu subito d'alli;
E o mundo dos meus encantos,

Rasgado o veo que o cobrira,
Mostrava toda a mentira
Que se colhe ao pé de ti!

Ai, ceos, que ineffaveis sonhos
Tam breve se dissiparam,
Que rosas que se murcharam,
Que enleio que se desfez!
E como eu era ditoso
N'aquelle engano divino,
Em que sorria ao destino
Sem lhe temer um revez!

Foi tarde, bem sei, foi tarde
Que eu pude ver quem tu eras
Dos beijos que tu me deras;
Bem tarde foi que eu descri;
Mas bemdita a providencia
Que me salvou n'aquell'hora,
Embora me lembre, embora,
O meu ceo junto de ti!

Fevereiro de 63.

SOLIDÃO

(Trad. de Paolo Rolli)

Bosque umbroso, venho agora
Procurar refugio em ti;
Só tu pódes consolar-me
D'aureos sonhos que perdi.

As delicias inefaveis
Que enchem todos de esplendor,
Só minha alma hoje entristecem:
De mim proprio eu tenho horror!

O meu bem, a minha amada,
Dize, ó bosque, viste-a já?—
Debalde ancioso a procuro...
Oh, quem sabe onde estará!

Quantas vezes d'estes ramos
Fresca sombra nos cobriu...
Vida, amor, ceos de ventura,
Tudo rapido fugiu!

Dize, ó campo verdejante,
Se o meu bem ha-de tornar.
—«Nunca mais,»—escuto a brisa
D'eco em eco murmurar.

Ouço um languido murmurio,
Brando suspiro é talvez,
Do meu anjo, que responde:
—«Serei tua inda outra vez!»

Ledo engano! é o som do rio
Que desliza pelas flores,
Que não murmura, mas geme,
Lamentando as minhas dores.

Ai, se acaso ella na vida
Inda aqui tornar a vir,
Só nos goivos de uma campa
O seu chôro ha-de caír!

Abril de 64.

ADORAÇÃO

Oh che felici pianti!
Che amabile martir!
Pur che si possa dir.
Quel core é mio.
Di due bell'alma amanti.
Un'alma allor si fa;
Un'alma che non ha,
Che un sol de io!

METASTASIO.

Adoro-te, mulher, encanta-me
A luz do teu olhar divino;
Minha alma, sem razão, sem tino,
Palpita-me a aspirar por ti.
Adoro-te, mulher; curvando-me
Á tua formosura immensa,
Consagro-te illusões e crença,
E a vida que inda em flor sorri!

Tu pensas, quando eu cinjo tremulo
Teu corpo delicado e bello,
E corro sobre o teu cabello,
Por vezes, brandamente a mão;
Tu pensas que esse affago timido

Não falla d'este amor secreto,
Nem busca traduzir o affecto
Que o peito me allucina então?

Se eu digo que te adoro, alegras-te,
E a face te avermelha o pejo;
Se acaso te deponho um beijo,
Encaras-me, e depois sorris;
Se ao peito te comprimo, e estrinjo-te
N'um esto de paixão bemdita,
Teu peito sobre o meu palpita...
E eu sinto-o palpitar feliz!

Se lembro esses enleios fervidos
Que tentam desvairar-me a vida,
Escutas-me em silencio, qu'rida,
Fitando pensativa o ceo.
Se fallo d'algum ser angelico
Por quem todo o meu ser existe,
Contemplas-me, e sorrindo triste
Pareces perguntar:—«sou eu?»—

Pois bem, se me comprehendes, dize-me
Porque, porque vacillas tanto,
E foges ao infinito encanto
Do amor que ao teu olhar sorri?
Não sabes que o viver amando-te
É tudo quanto eu sonho e penso?
Não sabes que este amor immenso
Redobra-me a aspirar por ti?

Pois que, porque não dizes:«—Creio-te,

«Creio n'essa paixão profunda;
«Minh'alma de prazer se inunda,
«No sangue me recresce o ardor;
«Bem sei que em teus affagos timidos,
«Bem sei que em teu olhar inquieto
«Procuras explicar-me o affecto
«Que o peito te allucina, amor!»

E eu, louco de prazer, curvando-me
Á tua formosura immensa,
Sentira renascer-me a crença,
E a vida pullular febril.
Do meio d'esses sonhos rapidos
Que agitam meu viver incerto,
Abrira-se-me um ceo,—coberto
Das rosas do eternal abril!

E dando-te mil beijos soffregos
Na face melindrosa e linda,
Dar-te-hia essa alegria infinda
Que brota co'um sorrir de Deos.
Então, já delirando em extases
De amor, de commoções, de affecto,
Teu seio, palpitando inquieto,
Ditoso bemdiria aos ceos!

Janeiro de 63.

CANÇONETA

(Imitada de Crudeli)

Brandas auras matutinas,
Suspirae languidamente;
Niveas aguas da corrente,
Espargi grato frescor;
Mimosos lyrios da encosta,
Darramae doce fragrancia:
Silencio!—n'aquella estancia
Dorme agora o meu amor!

Maio de 64.

O INVERNO

He whistles as he goes, light-hearted wretch,
Cold and yet cherful; messenger of grief
Perhaps to thousands, and of joy to some,
To him indifferente whether grief or joy.

COWPER.

Ai, amor—como o gelido inverno
Cobre a terra de sombra e tristeza,
Como ao campo fugiu a belleza,
Como ao prado murchou o verdor!
Nem um som d'avesinha inspirada
Brando acorda o silencio da selva,
Nem os lyrios despontam da relva,
Nem se escuta um murmurio de amor!

Olha bem esta immensa campina
Já despida de encantos risonhos;
Olha-a bem,—como agora tristonhos
Vem saudal-a os clarões da manhan.
Dize, falla, não sentes no peito
A saudade crescer vagamente,
Vendo a terra perder de repente
A alegria, a verdura louçan?

Era a noiva: c'roada de rosas,
Vinha a brisa trazer-lhe o perfume,
E das aves um doudo cardume
Adejava—cantando—ao redor.
Era a noiva! florida e contente,
Sem tristezas, sem dor, sem receio,
Trasbordava-lhe a vida do seio
Agitada em delirios de amor!

Oh, então, como o ceo era bello
Quando o sol lhe dourava o horisonte,
Quando as flores brilhavam no monte
Respirando a fragrancia no ar;
Quando as aves corriam em bandos
Delirantes de espaço e ventura,
Quando tu, na mais densa espessura,
Vinhas êrma comigo fallar!

Não te lembras? Tam doces instantes
Não se encontram de novo na vida;
Uma vez, e só uma, querida,
Passam n'alma, bemditos por Deus;
São quaes doces clarões d'essa aurora
Que entre as balsas desponta ao de leve,
Para logo esconder-se entre a neve
Sem deixar-nos um raio dos seus!

Oh, que dias risonhos passamos
N'esse tempo ditoso e tão santo;
Ai, que tardes d'abril e de encanto,
Perfumadas de aroma dos ceos!...
Como tu te inlevavas comigo

Da ventura no extase puro,
E sorrindo ás visões do futuro
Como os anjos sorriem a Deus!...

Toda a terra floria encantada,
Grato cheiro manava a deveza;
E tu, bella, sorrindo á belleza,
Reflorias em graça e frescor:
Como a noiva radiante e formosa,
Que em seus dias não conta um receio,
Trasbordava-te a vida do seio,
Agitada em delirios de amor!

Ai, amor—como o gelido inverno
Cobre a terra de sombra e tristeza!
Como ao prado fugiu a belleza,
Que saudades que o campo nos diz!
Mas est'alma, que foge do mundo,
E que ancêa por luz e por vida,
Inda vôa aos teus braços, querida,
E em teu seio descansa feliz!

Novembro de 1864.

DESTINO

Para ser yo suyo y no de otra alguna
me arrojó la naturaleza al mundo.

CERVANTES.

Sim! Nos intimos delirios
Com que a vida me sorria,
Eras tu que eu sempre via,
Sempre,—ó anjo encantador:
Eras tu: o mesmo talhe
Esbelto, gracioso e leve,
O mesmo olhar meigo e breve,
Banhado em casto pudor!

Via-te sempre; n'ess'hora
Em que o sol tibio resvala,
Quando o bosque ao ceo exhala
Toda a fragrancia que tem;
Quando o rio em seus murmurios
Conversa com o arvoredo,
E o rouxinol, inda a medo,
Entre as balsas cantar vem.

Era então! minha alma em extase
Olhava-te só no espaço;
Entre um fulgor vago e escaço
Via-te bella avultar;
Anjo d'amor, que alta noute
Vaga timido na serra,
Tu passavas pela terra,
Ninguem te via passar!

Só eu sabia quem eras,
Ai, só eu te conhecia;
Ninguem mais, ninguem te via
Levantar o vôo ao ceo,
Agitando as leves azas
Que cegavam de brancura;
E sorrir toda candura
Só eu te via—só eu!—

Depois, n'um dia em que a lua
Quasi que estava rompendo,
Vi-te descendo, descendo,
Descendo só pelo ar:
Não vinhas batendo as azas
Com que a mim sempre voaras,
Mas não sei onde as deixaras,
Onde as deixaras ficar.

Assentaste-te ao meu lado,
Era á sombra do arvoredo;
E nós, baixinho e em segredo,
Fallamos então de amor:
Beijei-te a mão tantas vezes!...

*

Ai, tantas!... e tu sorrias,
Mas, não sei como, tremias
De ventura e de pudor.

Agora és minha; da vida
Vás gosar o sonho breve,
Que outras azas côr de neve
Não terás para voar;
Só minha, como no tempo
Em que do ceo me fitavas,
E se junto a mim passavas
Ninguem te via passar.

Sosinhos de novo iremos,
Quando o sol tibio resvala,
Sentir o aroma que exhala
O prado ameno d'além;
Sosinhos, entre a ramagem,
Fallar de amor em segredo,
Quando o rouxinol, a medo,
Entre as balsas cantar vem!

Outubro de 1860.

SÓ

Thus solitary, and in pensive guise,
Oft let me wander o'er the russet mead,
And thro' the saddened grove; where scarce is heard
One dying strain, to cheer the woodman's toil.

THOMSON.

Deixae-me solitario
Vagar por entre as flores,
E conversar de amores
Com os sons da viração.

Deixae-me! Este murmurio
Do val, que sauda a aurora,
Só posso ouvil-o agora
Na paz da solidão!

Aqui palpita o jubilo,
Aqui tudo é belleza;
De toda a natureza
Nem um gemido vem:

Mal a bafagem tepida
Enruga levemente

As aguas da corrente
Que vae passando alem.

Retine o ar aos canticos
Que a selva densa espira;
Resôa a immensa lyra
Chamada a creação!

E o ceo, chovendo as perolas
Que a mão de Deus lhe dera,
Sorri-se á primavera,
Inflora a solidão!

Eil-a! graciosa ostenta-se;
Eil-a! que é toda encanto!
Deserto ameno e santo
Como eu resurjo em ti!

Do teu regaço esplendido
Ergue-se o meu passado:
Anginho enamorado
Que folga, e que sorri!

Deixae-me solitario
Vagar por entre as flores,
E conversar de amores
Com os sons da viração.

Deixae-me! este murmurio
Do val, que sauda a aurora,
Só posso ouvil-o agora
Na paz da solidão!

Ave, que um dia timida
Carpiu sosinha e preza,
Refoge da tristeza
Nos largos vôos seus:

Assim, minha alma alonga-se,
E busca lar mais puro
No monte agreste e duro,
Que aponta o azul dos ceos!

Abril de 1860

NA SOMBRA

> Li conobbi solo alcuni mesi, e mi avevano
> già posto tanto amore!
>
> MARONCELLI.

Quero sentar-me, á tarde, á sombra do arvoredo,
E recordar comtigo os sonhos d'este amor;
Na face juvenil depôr-te um beijo a medo,
Quando mais doce espira a larangeira em flor.

Aquelle anginho, que folga
Entre as arvores do monte,
Tem dez annos; n'essa fronte
Radia vago clarão.
Folga, sim,— mas em que pensa?...
Porque divaga sem tino?...
Acaso, tam pequenino,
Já lhe ondêa o coração?

Quero sentar-me, á tarde, á sombra do arvoredo,
E recordar comtigo os sonhos d'este amor;
Na face juvenil depôr-te um beijo a medo,
Quando mais doce espira a larangeira em flor.

Eil-o, pára! de repente
Desce o monte de corrida,
Vae buscar amor e vida
No seu amor infantil;
Abraçados, palpitantes,
Vão rindo mais que fallando:
São duas pombas voando
Por entre as murtas d'abril!

Quero sentar-me, á tarde, á sombra do arvoredo,
E recordar comtigo os sonhos d'este amor;
Na face juvenil depôr-te um beijo a medo,
Quando mais doce espira a larangeira em flor.

Como é santo aquelle affecto
Na quadra da meninice!...
Onde ha tam pura meiguice
Nas paixões que ao mundo vem?
Ai, como é bello, querida,
Este amor da mocidade:
Olha-o de longe a saudade;—
Sombras que lhe dê não tem!

Quero sentar-me, á tarde, á sombra do arvoredo,
E recordar comtigo os sonhos d'este amor;
Na face juvenil depôr-te um beijo a medo,
Quando mais doce espira a larangeira em flor.

Não os vês?—lá se assentaram
Entre os lyrios do recosto;
Doce raio do solposto
N'aquelles semblantes dá;

Quem me dera ouvir do amante
Os protestos de ternura;
Quando baixinho murmura,
Quem sabe o que elle dirá!

Quero sentar-me, á tarde, á sombra do arvoredo!
E recordar comtigo os sonhos d'este amor;
Na face juvenil depôr-te um beijo a medo,
Quando mais doce espira a larangeira em flor.

Veio o adeos! olhando em roda,
Deram um beijo furtivo;
Elle foi-se, e pensativo
De longe olhava o seu bem.
Ai, como é triste, querida,
Vêr o amor da mocidade,
Quando as sombras da saudade
N'aurora cobril-o vem!

Oh, que ditosa tarde, á sombra do arvoredo!
Que jubilo nos trouxe aquelle terno amor!
E tu, contra o meu peito, arfavas já sem medo,
E em torno inda espirava a larangeira em flor!

Junho de 1862.

PEDIDO

Vivre ensemble, d'abord! C'est le bien necessaire
Et réel.
Après on peut choisir au hasard, ou la terre
Ou le ciel!

V. Hugo.

A abelha vive do nectar
Só da flor;
Eu vivo dos teus sorrisos,
Meu amor.

Se a rosa dissesse á abelha,
Lá n'um dia:
—«Vae-te insecto!»— a pobresinha
Que faria?

Zumbindo, vagando em torno
Da cruel,
Nunca mais fabricaria
Doce mel.

Talvez de pena morresse...
Que sei eu!...

Talvez o vento a levasse
Pelo ceo!

Não me digas nunca:—«vae-te!»—
Como a flor;
Que eu morrera como a abelha,
Meu amor!

Maio de 1860.

COMEDIA HUMANA

A REBELLO DA SILVA

Bueno es el mundo! ¡bueno! ¡bueno! ¡bueno!
ALVAREZ.

I

Vou tratar d'um barão; ha sete mezes
Que eu contei simplesmente os episodios
Da vida d'outro heroe, que tambem tinha
Gran'cruz, commenda, e titulo comprado
No sortido leilão das excellencias:
Hoje o caso é diverso,—a minha musa
Não vem banhar de pranto as folhas seccas
D'uma rosa d'amor, perdida ha muito,
Mas vae, ora sisuda, ora travessa,
Pôr de certo barão a calva á mostra.

Não! a musa que opprimida
Rasteja por entre abrolhos,
Não póde fechar os olhos
Á mundana corrupção;
Depondo a lyra sagrada
Sobre os ramos do salgueiro,

Maldiz o seu captiveiro,
Com saudades de Syão!

Que importa que viva e pene,
Triste e só, perdida e occulta,
Se é livre, se crê, se exulta
Quando rompe ou baixa o sol;
Se as flores quando despontam
D'aromas lhe enchem o seio,
Se lhe responde o gorgeio
Que modula o rouxinol?...

Que importa á folha caída
Nos aguaçaes da deveza,
Se o mundo louco a despreza,
Se o mundo passa e sorri?...
Quando pallida esmorece
Recende mais docemente,
E diz á brisa contente:
—«A patria não era aqui!»—

—«Anda e vem, quero ir comtigo
«Largo, ao longe, ao ceo que aspiro!
«Nem siquer voto um suspiro
«Á terra que deixo alem.
«Teu vôo é sereno e rapido,
«Teu som mil cantos afina,
«Não pares, brisa divina,
«Vem comigo, oh, anda, vem!»—

E fende o espaço radiante
Em busca da eterna vida,

E deixa a terra perdida
Nas ondas da corrupção:
Assim tambem ha de a musa
Deixar o seu captiveiro,
E esquecer o mundo inteiro
Nas delicias de Syão!

II

Depois d'estas rasões que ficam ditas
Creio que posso já, sem crime horrendo,
Fallar do meu heroe; pois que, pergunto,
Eu,—que não sou barão, nem vejo em sombras
A poltrona curul dos paes da patria,
Devo esconder no seio a minha historia,
Ter mão n'este furor que o sangue abraza,
E de cabeça baixa, e mãos no peito,
Ir mendigar perdão de porta em porta?
Não, descerrem-se os labios francamente;
A gente séria, os dragos da republica
De certo hão-de afogar no seu desprezo
Desleixadas canções da minha musa!

III

O barão d'este conto era ha dois annos,
Um d'esses vis sandeus, que em negro trafico
Souberam converter o sangue alheio
Em luzentes dobrões;—bemdita raça!
Era feliz! Do throno das riquezas
Ditava a lei aos servos agachados,
E a multidão risonha, os bons casquilhos

Vinham dobrar o collo mansamente,
E bemdizer os raios de tal astro!

Uma filha gentil, anjo fadado
Para acender d'amor um mundo inteiro,
Vivia á sombra negra d'esse...—callo-me,
Deus me perdõe agora o pensamento!

Chamava-se Maria
A pomba immaculada,
Formosa, delicada,
Ethereo o olhar, e a voz;
Lembrava na candura,
No timido sorriso,
Um ser do paraiso,
Descido junto a nós.

Quando ella apparecia
Graciosa e resplendente,
Corria em toda a gente
Não sei que immenso ardor;
Os corações batiam
De nobre e puro affecto...
E alguem mais indiscreto
Fallava-lhe d'amor.

Bem como em volta ao lyrio,
A transsudar perfume,
D'abelhas um cardume
Gira, e doudeja em vão;
Em volta assim da bella
A ressumbrar encantos,

Em namorados cantos
Girava a seducção!

E ella, fechando o seio
Da tentação ao fogo,
Cobria-se, mas logo,
De mystico rubor;
E cada olhar furtivo,
Que em torno a si deitava,
Não sei porque,—fallava,
De jubilos d'amor!

De certo a casta rosa
Que alli córava a medo,
Já tinha algum segredo
Que a perturbava então;
E sabe Deus que vezes,
Ao meditar sosinha,
Celeste imagem vinha
Sorrir-lhe ao coração!

Oh, mas ninguem sonhava,
Nem mesmo o pae sabia
Que estranho affecto havia
Para mysterios taes:
Amor que em peitos d'anjos
Desabrochou profundo,
Patente, e á luz do mundo
Jámais brilhou, jámais!

Vive no seu retiro,
No coração occulto;

Tem ceo, tem paz, tem culto,
Tem luz, tem Deus em si:
E em cada noute amiga,
Uma visão divina
Mil sonhos lhe illumina,
E vezes mil sorri!

IV

Agora é natural que eu diga a causa
Por que andava turbada a nossa bella.
Maria conhecêra em pequenina,
Quando inda a voz do amor não balbucia
Uma palavra só, certo mancebo
De pouca mais edade que ella tinha.
Cresceram juntamente; o mesmo prado
Vira-os correr, brincar na primavera,
E contentes c'roarem-se de rosas!
Isto que era amisade, e mui fraterna,
Fez-se n'um bello dia amor ardente.
Tinham chegado á quadra dos affectos,
Ao tempo d'aspirar, d'entrar na vida,
De sentir dentro d'alma o vago immenso
Que nos alhêa a mente em cada hora.
Elle era pobre; a mão da providencia
Se fôra parca em dotes de ventura,
Compensara-o, porém, prodigamente
Dando-lhe a inspiração, que vale tudo!

É de crer que o leitor, n'esta passagem,
Solte um risinho ironico e amarello
Para zombar de mim: ria a seu grado;

Mas o que é sem questão, é que, se o genio
Anda sempre entre nós, ou quasi sempre,
Como andam as cigarras pelo inverno,
Vergonha é de homens vis, que a vis labruscos
Arvoram promptamente em Cincinnatos...
Sem perceberem mesmo a parvoice!

V

Pedro (tal era o nome do mancebo),
Quando viu que o seu bem, que a sua amada,
Que o seu anjo d'amor hia deixal-o
Para no mundo entrar, pensou mil vezes
Em roubal-a ou morrer, (tragico feito,
Para qualquer romantico da moda)!
Meditando, porém, viu que o futuro
Não se grangêa só com quatro estrophes;
E os Appelles que pintam de remanso
Para a gloria alcançar, se alguem achassem,
Talvez que abrissem mão da tal ganancia,
Mesmo com dez por cento de rebate!

Maria, emfim, partiu; era formosa,
Rica, cheia de graças e attractivos;
O pae, velho matreiro, fez cercal-a
De barões, de ricaços brazileiros,
D'opulentos gran'cruzes,— d'homens serios!
Ella, como eu já disse, sempre esquiva
Ao mundo sem sabor que a rodeava,
Tristemente vivia das saudades
Do seu perdido amor, da sua infancia.

Dizer ao pae que affectos a assaltavam,
Abrir-lhe o coração, contar-lhe a historia
Do viver infantil, banhar-se em lagrimas,
Cobrir-lhe as mãos de beijos innocentes,
E pedir-lhe perdão, pedir-lhe auxilio
Para tão santo amor, fôra loucura.
Ella sabia bem que a voz paterna
Trovejaria insolita e maldita;
E que abysmo sem fim tragára logo
A esperança,—o que só resta aos infelizes!

VI

O tempo ia passando, o pobre amante
Embora acreditasse na firmeza
Com que era idolatrado, padecia
O que todos padecem n'estes casos.
Já por mais d'uma endecha lacrimosa
Tinha carpido a tetrica amargura
Do seu viver cruel; mas convencido
De que alguem dançaria ao som da nenia,
Deixou sem pena o genero soturno...
No que fez um serviço ás lettras patrias!

De vez em quando, sim, mas raramente
Tinha um momento, instante fugitivo
Em que podia estar junto da amada.
Como então n'esses peitos, latejando
No mesmo ardente affecto, se extinguia
A nuvem negra, a sombra pavorosa
Da sua vida em flor! como sorriam!...
Que ceo, que aberto ceo que os namorava!

Oh, bem haja a luz sagrada
Que nos desce ao fundo d'alma,
Do martyrio muda a palma
Em rosas d'etherea côr;
Bem haja a luz protectora,
Que em dias de desesperança
Nos dá paz, nos dá bonança:
Oh! bem hajas tu, amor!

Quem não tem, cheio d'angustias,
Sem pão, sem lar, sem abrigo,
Quem não tem tido comtigo
Horas d'eterno prazer?
Quem não tem sentido a vida
Banhar-se em clarões d'aurora,
Nos braços do ser que adora,
D'um anjo, d'uma mulher?

Oh, deixae o mundo louco
Revolver-se em vis torpezas;
Sómente as almas illesas
Bemdizem a mão de Deus.
Erguendo-se á immensidade,
Ebrio, altivo e delirante,
Casto espirito d'amante
Divaga por terra e ceos!

Quem diz á rosa silvestre,
Quando abre o seio indiscreta,
Que fuja da borboleta
Que anda em roda a doudejar?
E ao bosque umbroso e frondente

Quem vae dizer que immudeça,
Se o vento, na rama espessa,
Vem brandamente espirar?

O sol desponta luzente,
E as aves voam em bando:
Saudae-as, que vão amando,
Saudae-as, que vão aos ceos;
E deixae o mundo louco
Revolver-se em vis torpezas,
Em quanto as almas illezas
Bemdizem a mão de Deus.

Oh, bem haja a luz sagrada
Que o peito assim nos inflamma;
Quem não vive é quem não ama,
É quem passa errante e só,
É quem de tarde, nas horas
Em que a paixão nos agita,
Do mundo foge, e dormita,
Coberto de sombra e pó.

Mas o que aspira contente
Celeste aroma dos lyrios,
E descansa dos martyrios
Em rosas d'etherea côr,
Sentindo quanta ventura
Póde conter a existencia,
Diz, sorrindo á providencia:
«Oh, bem hajas tu, amor,»

VII

Depois d'esta canção, que, sem vaidade,
Deve ter agradado a muita gente,
(Pela fórma não digo,—pelo assumpto),
Passo a contar no estylo comezinho
Em que só sei fallar, por mal da sorte,
O mais que succedeu aos dois amantes.

Um dia o dom barão, fazendo o chylo,
Lembrou-se d'ajustar o casamento
Da filhinha gentil, com certo rico,
Senhor d'engenho e roça n'outros tempos.
O tisnado demonio da avareza
Fazia-lhe negaças, só co'a idéa
De que nem um ceitil gastava em dote.
Pensou, scismou, viu bem, tranquillamente,
O passo que ia dar; lembrou-lhe tudo.
Não era a pobre filha que turbava
A santa digestão do pensamento!...
Determinou-se o dia, as escripturas
Desenhavam-se já n'um vasto plano;
Chegava o praso, e a trama abominavel
Nem resfolgava ao menos subtilmente.

Era a vespera emfim; o pae, o monstro
Manda chamar a filha, e diz-lhe tudo.
Nem um gemido só, nem uma lagrima,
Nem um suspiro, um ai, siquer um grito
D'estes que saem d'alma involuntarios
Teve então a infeliz;—pallida, inerte,
Cravado o olhar no chão, tremulo o seio,

—«Pae!»—murmurou,—e o pae, co'um meio riso,
(Arreganho de fera olhando a presa),
Pôz-se a contar-lhe os rios de dinheiro,
As grandezas a flux que tinha o noivo!

VIII

Descera a noute: o espirito
Da victima innocente,
Agita-se tremente
N'aquelle enorme horror:
Como um phantasma livido
Surge ao morrer do dia,
Assim lhe apparecia
O seu desfeito amor!

Como esquivar-se, misera,
Áquelle inferno aberto,
Se o via já tão perto,
Se o tinha junto a si?
Como, n'uma hora rapida,
N'um curto e breve instante,
Dizer ao seu amante:
«Arranca-me d'aqui!»

Orou: por entre as lagrimas
Que o rosto lhe inundavam,
Seus labios imploravam
Auxilio á mãe de Deus:
—«Virgem—, dizia,—estende-me
«A tua mão bemdita;
«Vê como eu choro afflicta,
«Ouve os suspiros meus!»—

«Perdida a luz benefica
«Da minha esp'rança immensa,
«Em ti só tenho crença,
«Descanso em teu amor;
«Vê tu quantos martyrios
«Minha alma triste encerra,
«Vê bem se ha dôr na terra
«Egual á minha dôr!=»

Como entre as nuvens horridas
De lugubre procella,
Emfim propicia estrella
Rompe e venturas diz;
Assim radia, acende-se
N'um subito momento
Um raio, um pensamento,
Na mente da infeliz!

Ergue-se então intrepida,
Ao parque desce em breve;
Ninguem sentiu, de leve
Tentêa a escuridão:
Eil-a, rompeu-se o ergastulo,
E a victima innocente,
Sem medo já, contente,
Percorre a solidão!

IX

Eu bem sei que ha de haver muitas pessoas,
D'estas que dão com o pôdre em quasi tudo,
A quem pareça mal, mesmo indecente,

Que uma menina fuja a taes deshoras
Da casa de seu pae; verdade seja
Que o feito posto assim requer censura;
Mas quando o amor, o eterno, o immenso affecto
Revolve o coração, e pulsa, e arde,
E aspira livre, e os seios d'alma agita,
Vah! deixae-o partir, dae-lhe o infinito
Como ao corcel de Job, (se presta a imagem)!

No fim do val por onde a desditosa
Ia guiando os passos, branqueja
Uma casinha tosca,—era a de Pedro.
No seio virginal, alvoroçado
Batia o coração n'esse momento.
Que diria o mancebo? o que pensara
Vendo-a entrar anhelante e áquellas horas?
Vacillou por momentos, da vergonha,
Do pudor infantil subiu-lhe ao rosto
A affogueada chamma: a mão tremente
Correu pelos cabellos desgrenhados,
Pensou,—tudo foi rapido; o futuro
Pendia alli d'um passo, e deu-o ousada!

Oh, quem me dera o genio incomparavel
Do cantor immortal da Parisina;
Quem soubera dizer quantos suspiros
Se erguiam como aroma, como incenso,
D'aquellas almas, santas na amargura!
Abraçados, sem voz, ambos perdidos
N'aquelle ceo d'amor, sentindo o jubilo
Romper d'entre as angustias que os rallavam,
Morreriam ditosos n'esse instante,

Dizendo então no suspirar extremo:
«*Oh, fortunati miei dolci martyri!*»

O transporte cessou; era preciso
Decidir promptamente o que fariam
Em trance tão cruel; n'algumas horas
Deveria o barão saber já tudo.
Fugir, buscar abrigo n'outros sitios,
Sagrarem tanto amor, e, emfim, unidos
Exorarem o pae, era de força
O partido a seguir mais momentoso.
Ambos já se dispunham; de repente,
Oh, destino fatal!... transpondo a porta,
O pae, o inferno, a perdição inteira
Surge ante os dois... ai, ceos—foi-se a ventura,
Adeus, ridentes sonhos d'esperança!

A leitora talvez que se exaspere
Com esta peripecia extraordinaria;
Era melhor, bem sei, que os dois amantes
Fossem muito a sabor, casassem logo,
Tornassem junto ao pae, que, apasiguado,
A benção paternal lhes désse alegre.
Mas o que quer a incognita leitora?
Ninguem tem mais horror ao melodrama
Do que este seu captivo, mas a historia
Que eu conto nua e pura, não permitte
Que lhe esteja a dar talhos d'esse lote!

X

Passada a commoção, que certamente
Foi das mais importantes n'este genero,

Pedro, grave e sombrio, dirigiu-se
Para o barão; no olhar cheio de audacia
Via-se bem que o vate resolvêra
Defender o terreno—e palmo a palmo.

—«Não pasmeis! No lar do pobre
Deu-se asylo á desgraçada;
Era uma pomba açodada,
Sem ninho, sem protecção;
Vinha cega, espavorida,
Cortada de frio e medo:
Não qu'ria morrer tão cedo
Nas garras do gavião!

E eu dei-lhe lar, dei-lhe ninho,
Dei-lhe amor, dei-lhe existencia;
Moveu-me tanta innocencia
Desamparada do ceo:
Se n'isto alguem vê um crime,
Se alguem ha que nos condemna,
Recáia em mim toda a pena,
Que o peccado é todo meu!

Mas que, deviam calcar-se
Dois corações n'um momento?
Deviam lançar-se ao vento
Os lyrios do nosso amor?
Podia um braço maldito
Fechar-nos o paraiso,
Trocar a luz d'um sorriso
Em dias d'inferno e dôr?

Oh! e ninguem se atrevêra
A erguer a fronte opprimida,
Quando lhe sorria a vida
Quasi ao pé d'essa oppressão?
E acaso ha voz que condemne
A que diz cheia de medo,
Que não quer morrer tão cedo
Nas garras do gavião?

Bem sei que o mundo implacavel,
Que este mundo infame e rudo,
Não vê que acima de tudo
Brilha eterno e santo o amor;
Bem sei que não vê, nem sabe
Que é sacrilegio e desdouro
Curvar-se ao bezerro d'ouro
De que fez Deus e Senhor!

Mas eu, que em meu lar humilde
Não rio da consciencia,
Ergo a voz pela innocencia
Que me exora protecção;
E aos homens que nos condemnam
Respondo altivo e sem medo:
«Não morre a pomba tão cedo
Nas garras do gavião!»

XI

Se este rasgo eloquente fosse ouvido
Em pleno parlamento, era forçoso
Que os padrastos da patria fossem logo

Comprimentar em monte o novo Cicero;
Mas o nosso barão, que olhava as cousas
Dentro da esphera propria e imprescriptivel
Dos principios legaes (esta rajada,
Traz seu resabio azedo de S. Bento),
Encarou simplesmente o pobre vate
Com um riso desdenhoso á flor dos labios.

Eu tinha agora ensejo, como ha poucos,
Para brilhar n'um dialogo soberbo
Entre os dois personagens; se o fizesse,
Se désse a vela ao vento impetuoso
Da minha inspiração, tenho a certeza
Que havia d'alcançar, senão entrada
Na douta academia, a gloria ao menos
D'algum dia viver, (como era o sonho
Do travesso cantor d'*El diablo mundo),*
No lindo toucador d'alguma dama,
Em fórma de frasquinho, recheado
De pomada de cheiro, ou banha d'urso!
Mas eu deixo ao leitor salvo o direito
De imaginar o modo como as cousas
Succederam então; o que é verdade
É que uma hora depois a desditosa,
A victima do amor, o archanjo, a santa,
A pomba immaculada, afflicta e triste
Via erguer-se o patibulo maldito
Do seu viver feliz, dos seus encantos!

—«Pois que?—diz-me de golpe algum dos zoilos
Que enxamêam por cá,—pois é possivel
Que apoz tudo o que eu li, seja o desfecho

Unir-se a bella ao charro, ao fusco Adonis?
Nada, não póde ser; pecca o romance
Por falta de...»—Perdão! grito eu ao sabio,
Perdão, não te mereço as santas iras,
Lustre da minha patria, e gloria d'ella;
Juro, mas a ti só, muito em segredo,
Que a historia ha de acabar no tom mais alto
Em que póde afinar-se humana lyra!

XII

Acabado o incidente, trato agora
D'expor, de debuxar com a melhor tinta
O caso infausto, o caso memorando
Que foi ponto final no escuro drama.

Quando o barão partiu levando a triste,
Resolveu consummar o sacrificio
Que puzera na mente; era impossivel
Ver esmagar-se ás mãos d'uma criança
O seu poder de ferro;—o que importava
Se o futuro da filha ia immolar-se
N'esse holocausto vil e monstruoso?
Que lhe importava um coração ardente
Debatendo-se em dôr? ai, sobre tudo
Pairava o pensamento grandioso
De vêr lançar aos pés d'aquel'a martyr
Alguns punhados d'ouro reluzente!

O vate, o nosso Pedro, em magoa absorto,
Como o cansado naufrago a quem foge
A taboa salvadora, onde aferrado

Póde affrontar as ondas procellosas,
Cruzara as mãos, ao ceo erguera os olhos,
Entregára-se a Deus, e pelas faces
Deixára deslizar-lhe um mar de pranto.

Passára aquelle dia; quando a aurora
Nasceu, enchendo os campos de perfume,
De canticos, de luz, de alegre vida,
Tudo era sombra, ai, Deus, n'aquellas almas.
Um dia mais, só um, e o casamento
Devia, a todo o custo, celebrar-se.

É verdade que alguem tinha notado,
E com rasão de sobra, que Maria
Não mostrava no rosto acerba magoa.
O pae deitava o caso á boa parte,
E dizia comsigo que a mudança
Fôra talvez devida a ter filha
Meditado melhor, o que era facil.
Tirado o caso a limpo, o olhar sereno,
O socego apparente, a voz tranquilla,
Mesmo o sorriso placido entre os labios,
Tudo era uma illusão: era a bonança
Que brinca á flor das ondas aniladas,
Quando no seio d'ellas ferve e ruge
O sorvedouro indomito e implacavel.

XIII

Ao descair o sol d'aquelle dia
Pedro, á sua janella, meditava
Sobre tanto pesar, tanto infortunio

Que lhe assomava em torno a cada hora.
Julgava tudo um sonho,—era mentira
Que ella tivesse vindo áquella casa
Pedir-lhe protecção, dizer-lhe afflicta
Que a salvasse do pae, do algoz, da morte.
Não, não podia ser,—um beijo, um cento
De protestos febris, a doce esperança
Que sentira affagar-lhe os seios d'alma;
Depois o desengano, o ver partil-a
Pallida, incerta, em lagrimas banhada,
Tudo era um tresvario, uma loucura
Que lhe aturdia o cerebro inflammado!

Subito, alguem que manso abriu a porta
Chama-o,—não se assustou,—voz conhecida
Era a que alli soara d'improviso.
Levantou-se apressado:—«A que viestes?
«Nova, maior desgraça pôde acaso
«Succeder-nos? que foi?...
«Não sei; responde
A mesma voz, voz feminina e triste
Que em profundos soluços se afogava;
«Não sei,—mas esta carta... aqui a tendes...»
E o choro em fio lhe inundava as faces.

O anjo protector, devo dizel-o
Para luz do meu conto, a confidente
D'este amor desditoso, era uma orphan
Que o barão recolhêra em pequenina
A pedido da filha; em pouco tempo
Tão intima amisade se travara
Entre estas duas almas, que os segredos

Tornavam-se communs de parte a parte.

Dada esta explicação prosigo logo:
A carta, que o leitor deve de certo
Ter desejo d'ouvir, e que eu não posso
Deixar de transcrever, porque resume
A parte principal da narrativa,
Dizia integralmente o que se segue:

—«Vou morrer! Poucas horas me restam
N'este mundo de angustias cercado;
Já desfeita a illusão do passado
Que me serve a existencia sem ti?
Vou morrer, libertar-me da infamia,
Esquivar-me á deshonra da sorte,
Esconder-me no seio da morte,
Sem ter pejo em dizer que vivi!

Ai, adeos! ai, adeos... tu não sabes
Como a aurora mais fulgida esplende,
Como a rosa mais fresca recende
No momento fatal d'este adeos;
Tu não sabes que infindas saudades
Se debatem nos seios da vida,
Quando a esp'rança, da terra fugida,
Solitaria nos brilha dos ceos!

Tu não sabes que inferno d'angustias
Desce inteiro a rallar-nos a mente,
Quando tudo se inflamma contente,
E só nós soluçamos no horror;
Quando a fronte descansa abatida

Sobre a campa, de pranto orvalhada,
E se eleva em nossa alma agitada
Um perfume, um suspiro d'amor!

Vou morrer! Não condemnes a triste,
Nem blasphemes de Deus e da sorte;
É mil vezes sagrada esta morte
Que me acolhe inda pura em seu lar.
Chego aos labios a funebre taça,
Mas não córo de atroz vilipendio;
Sinto n'alma lavrar-me este incendio,
Mas a amar-te hei-de alegre expirar!

Oh, ninguem n'este mundo infamante
Ha de altivo dizer de futuro
Que juntou ao seu halito impuro
Os effluvios do amor que é só teu:
Casta pomba que teme a cada hora
Vêr-se inerme entre as mãos impudicas,
Vou-me, adeus... deixo a terra onde ficas;
Outro ninho hei de achar lá no ceo!

Só te peço, meu bem, só te imploro
Pelo amor que em teu peito inda sentes,
Pelo chôro, que os olhos ardentes
Tantas vezes me viste inundar,
Que não queiras, não busques, não penses
Em vingar os meus negros martyrios;
Que de sangue não manches os lyrios
Que has-de em breve em meu leito esfolhar!»—

*

XIV

Eu corro agora um veo sobre este quadro
Que é lugubre de mais, e em tres palavras
Conto o desfecho, e as lagrimas enchugo.

Poucas horas depois do nosso Pedro
Ter lido o extremo adeus, a infausta carta
Que eu transcrevi na integra, Maria
Tinha soltado o espirito innocente.

O barão, diz alguem, que, despeitado
Por lhe escapar ensejo favoravel
De deitar garra e dente ao brasileiro,
Anda a ver se resgata o prejuiso
Em certas transacções co'o ministerio.
Quanto ao vate, escondida a estrella amiga
Que lhe enchia de luz toda a existencia,
Que podia fazer?—marchou nas trevas,
Rojou-se entre os espinhos d'este mundo,
Foi sentar-se entre as lubricas bacchantes,
A adormeceu no somno da impudencia!

XV

Oh, salve, mundo! vive Deus! que és bello
Eden formoso que a minha alma encanta;
Um goso ethereo, uma alegria santa
Me inunda a vida d'infantil ardor:
Aqui rebentam perfumadas rosas
Por entre as balsas do alcantil agreste,
E a verde relva, que as montanhas veste,

Brilha aljofrada, respirando amor!

És bello, ó mundo! Quando o sol desponta
Soltam as aves matinal gorgeio,
Vaga harmonia nos inleva o seio,
Que então palpita, sem saber porque;
Ouve-se ao longe o murmurar saudoso
Da veia d'agua crystalina e pura...
Ai, ceos, minha alma a ressumbrar ventura
Bemdiz a terra—e no futuro crê!

Mansão divina onde a innocencia cresce
Banhada em raios da nascente aurora,
Quem vela o rosto e solitario chora?
Quem de teus mimos escarnece aqui?
Quem foge louco ao festival banquete
D'esta existencia que trasborda encantos?
Na taça d'ouro quem mistura prantos
Ao doce nectar que se liba em ti?

Reina a virtude: nem rumor d'inveja
Perturba, acaso, este prazer constante;
É mansa a brisa, o laranjal fragrante,
Limpido o rio, deslumbrante o ceo,
Candido o peito que anhelar sentimos,
Grande a nobreza que ante nós impera,
A morte, um somno; o padecer, chimera;
A gloria, um anjo que nos diz:—«sou teu!»—

Oh, tu és bello, meu supremo encanto,
Magico berço da grandeza humana,
De ti procede, só de ti dimana

Toda a poesia que palpita em nós;
Aos ternos cantos que teus filhos erguem,
Tambem meus cantos hei de unir jocundo:
Só deixarei de te saudar, ó mundo,
Quando em meus labios se extinguir a voz!

Julho de 1863.

RECEIOS

A MINHA FILHA

Filha, quando te vejo
Alegre e innocentinha,
Pomba d'ethereas azas,
Junto de mim brincar,
Penso, ao beijar-te a fronte:
Ai, candida avesinha,
Quem ha de n'este mundo
Teu vôo encaminhar!

Se eu viverei ainda...
Se eu poderei um dia,
Quando tua alma debil
Mais carecer de mim,
Juncar-te a vida inteira
C'o as rosas d'alegria,
E aconchegar-te ao seio,
Filha, meu cherubim!

Se eu poderei... quem sabe!
Talvez que eternas sombras

Se alonguem tristemente
No meu lagedo nu;
Oh, mas o pae celeste
Ha-de tecer-te alfombras,
Que Elle sorri bondoso
Aos anjos, como tu!

Agosto de 68.

O SOMNO DO CHERUBIM

Dormia tam socegado
Como eu no ceo dormirei!

GARRETT.

Coitadinho! reclinado
No seu berço de marfim,
Dormia tam socegado
Como dorme um cherubim.

Nas suas faces rosadas
Como que os sonhos sorriam,
E as madeixas aneladas
Em torno soltas caíam.

Nem uma sombra toldava
Aquella graciosa flor;
Cada brisa que passava
Dava-lhe novo frescor!

Coitadinho! nada havia
Que lhe quebrasse o dormir;
E a mãe, beijando-o, sorria
Não mais que de o vêr sorrir.

Oh, deixae-o socegado
No seu berço de marfim.
Que inda dorme descuidado,
Como dorme um cherubim!

Quando a atrevida da abelha,
No seu delirante ardor,
Vinha—na face vermelha—
Pousar lhe, como na flor;

Meneava o rosto lindo,
Mas sem quebrar seu dormir;
E a mãe beijava-o, sorrindo,
Não mais que de o vêr sorrir.

Um anjo, que, n'esse instante
Passava então pelo ar,
Abatendo a aza brilhante,
Cobria-os a suspirar.

E elle, sempre reclinado
No seu berço de marfim,
A dormir tam descansado,
Como dorme um cherubim!

Agosto de 1860.

REPOUSO

> Quis dabit mihi pennas sicut columbæ?
> Volabo et requiescam.
>
> DAVID.

Já não canto. Minha alma abatida
Vae perdendo a alegria passada;
Em vão sonho, ao romper da alvorada,
Inspirar-me do antigo fervor:
Em vão sonho,—que um dia d'inverno
Por mais luz de que inflamma o horisonte,
Não dissipa os regelos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor!

Que me serve lembrar o passado
De venturas tão rico e tão cheio,
Se a saudade que inluta o meu seio
Tristemente me obriga a scismar?
Quando o ninho em que alegre vivemos
Vae nas ondas á tôa levado,
O que fica na praia exulado
Como póde aos seus cantos tornar?

Como póde sorrir ás delicias

De uma vida — que foge — tão bella,
Quando ao perto vem negra a procella,
E lhe ruge o tremendo escarceo?
Ai—quem ha-de ensinar-lhe de novo
O seu canto das noutes formosas,
Se não sente a fragrancia das rosas,
Se não brilha uma estrella no ceo?

Ser poeta, cantar em delirios
De prazer ou de magoa insoffrida,
Divagar pelos campos da vida,
Inundando-a de vago esplendor;
Abrazar-se por tudo e por todos,
Levantar sobre as turbas a fronte,
É ter fé no que esconde o horisonte,
É ter crença, ter sonhos d'amor!

È sentir dentro d'alma os presagios
D'essa gloria que acende e que inspira,
Distinguir nos acordes da lyra
Uma voz que do empyreo desceu,
Entender-lhe o murmurio das fallas,
Escutar-lhe entre notas supremas:
—«Ergue o vôo, não pares, não temas,
«Que o futuro, que a gloria sou eu!»

«Ergue o vôo, que um anjo celeste
«Ha-de em breve mostrar-te o caminho;
«Se adormeces no florido ninho,
«Ai — da vida sonhada por ti! —
«Ergue o vôo, desprende-te e sobe
«D'essa treva em que vives prostrado;

«Vem comigo, que um mundo encantado
«Suspirando te aguarda e sorri!»

E eu não creio; que esta alma abatida
Já perdeu a alegria passada;
De saudades a triste ralada
Nem siquer me palpita d'amor:
É que o sol quando aponta no inverno,
Por mais luz de que inflamme o horisonte,
Não dissipa os regelos do monte,
Nem dos campos inflora o verdor!

Março de 1862.

SOMBRAS

Fôra peccado,—não posso,
Não devo amar-te; bem vês,
Que se o puro affecto nosso
Mudasse um dia, talvez
Que este inferno da cegueira
Nos levasse á perdição.
Ai, meu anjo, basta agora
Que um raio da tua aurora
Doure a minha escuridão!

Um raio, um olhar furtivo,
Um sorriso de piedade;
Amor não quero, que eu vivo
N'esta misera orfandade,
De quem não tem lar, nem rumo,
De quem não sabe onde vae,
De quem gira como o fumo,
Ou como a flor, quando cae.

Era uma tarde; o ceo limpido
Ostentava o azul mais puro;
Trajavas então de escuro,—
Mais alva te imaginei:
O teu candido semblante

Era tão meigo e tão doce...—
Não sei dizer porque fosse,
Mas cravei-te o olhar,—cravei.
Não tinha força em minha'alma
Para deixar de te ver;—
Se fitava o ceo,—mentira!—
O ceo eras tu, mulher.

Sentei-me ao teu lado; a noute
Manso e manso já descia;
Oh, quem ha que não se affoute,
Em tal momento?—não sei;
Sei só que o sangue me ardia,
Que o rosto se affogueava,
Que a tua mão, que eu sentia
Junto da minha, augmentava
A febre da tentação;
E ousei cingir-te, abraçar-te,
Unir-te ao peito, beijar-te,
Attraír-te a este vulcão,
A este infame sorvedouro
Que tu bem sentes rugir,
Que te quer—se a providencia
Não guardar tua innocencia,
Se o teu anjo não dormir!—

Olha,—eu sou mau, sou preverso,
Eu posso, instigado ao crime,
Debuxar-te este universo
Co' as mais esplendidas côres,
Erguer-te ao ceo, inlevada
Nos sonhos mais deleitosos,

Cercar-te a vida de flores,
Dar-te os mimos saborosos
De quanto esse mundo tem;
Mas a pomba que entre murtas,
Banhada em nectar acorda,
É vaso d'onde trasborda
A vergonha....Para quem?

Para mim!—Ó consciencia
Dizes bem; que se a perdêra,
Se roubasse á primavera
Os lyrios do seu jardim,
Se as tempestades violentas
Que se estorcem dentro em mim
Rompessem, não, não seria
A culpa da ingenua flor,
Que o seio entre-abrio sorrindo
Porque julgou vêr luzindo
A manhã, cheia de albor.

E eu sei que te hei-de amar sempre:
Mas não sei d'onde me veio
Este ardor, este receio,
Esta vaga inquietação:
Quero vêr-te, e se te vejo
Tremo, porque te desejo,
Porque é certa a perdição,
Porque enlouqueço, bem vês!...
Ai, deixa, deixa salvar-me;
O mal não virá tentar-me
Se aqui me vir—a teus pés!

O mundo é sombrio:—andamos
Como um batel sem governo;
Agora em paz navegamos,
De repente estalla o inverno,
As lufadas correm soltas,
As ondas silvam, revôltas,
Escumando entre os parceis;
A noute, de sombras tristes,
Cada vez mais se carrega...—
Quanta vida assim navega
Como estes pobres bateis!—

Tu não sabes, tu não pensas,
Tu não tens inda em tua alma
Essas saudades immensas,
Essa dôr que não se acalma,
Esses negros desenganos
Ai, do que tanto sonhou,
Do que só acha tristezas
N'esses campos e devezas
Que de luz e amor banhou.

Não sabes!—Se eu t'o dissera...—
Não digo, pomba celeste,
Ergue o vôo,—que fizeste
Em vir na terra habitar?
Quem sabe se te perdeste
N'esse indiscreto arrulhar!
Oh, mas não fujas,—escuta,
Não temas,—bem vês que enxuta
A minha face já está;
Chorei tanto, e se inda choro!...

Repara, vê como eu córo...
Só Deus sabe o que será!

Mas eu amo-te; perdida
Não póde ser, não te quero.
Sonhos, sonhos d'esta vida,
Porque me vindes turbar?
Porque ha de o sangue queimado
Sublevar-se em minhas veias?
Ai, turbilhão das idéas,
Sois vento açoutando o mar!

Ouve-me, filha; se um dia
Quando innocente dormires...
(Não te esqueças), se me vires,
Se ao teu casto pensamento
Uma lembrança volver,
Se uma lagrima aos teus olhos
Acudir, se ella correr
Em teu pallido semblante,
Acorda, pensa um instante
Em mim, no que tanto soffre:
Orvalha com esse aljofre
Os lyrios que eu vi morrer.

Nada mais quero, não posso,
Não devo amar-te; a illusão
Dissipa-se a pouco e pouco
N'este meu coração louco,
N'este abutre, que pairou
Sobre ti, pomba sem tino,
Que não temeste o mofino

Que entre as azas te apertou!

D'aquella noute de enleio
Não te lembres nunca mais;
A luz que do ceo nos veio
Apagou-se, é morta emfim.
Estrella que eu vi primeiro,
Se no mundo inda és luzeiro,
Ai, que não és para mim!

Um beijo, um só; não receies
Despertar o fogo extincto;
É cinza, é gelo, que eu sinto
O que a chamma consummiu.
Um beijo, outro mais; agora
D'aqui podemos sem medo
Vêr as folhas do arvoredo
Levadas por esse rio.

Assim foi elle, esse encanto,
Essa mentira risonha;
Visão que eu amasse tanto,
Nunca tive,—pobre flor...
Deixa fallar-me comtigo
D'esse enleio, d'esse amigo,
D'esse phantasma de amor.
Porque não?—Porque é desfeito
O passado? porque o brilho
Do meu sol já se apagou?
Não, que eu posso unir ao peito
O cadaver d'esse filho
Que um desengano matou!

Fevereiro de 68.

O FUTURO

A ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Deviens l'humanité, triple, homme, enfant et femme!
Transfigure-toi! va! sois de plus en plus l'ame!

V. Hugo.

I

Não, o passado, não! É facho que se apaga,
Folha que o vento leva, escuma d'essa vaga
Que o mundo devastou, e que a rugir cahiu,
Como um cadaver cae, no mar d'onde sahiu.
Não! o passado é a noute, é urna funeraria,
Fumo que se despersa, estrella solitaria
Que tenta inda romper essa nebrina densa
Que avulta no horisonte, e que se alonga immensa!
Não tarda que desponte a doce claridade:
Eia, ao trabalho, á gloria, á paz, á liberdade.
A cada qual seu rumo, a cada qual seu norte;
Lidemos sem descanso, o descansar é a morte.
Enchamos bem de luz as selvas e os caminhos,
Cresçam, por fim, rosaes onde ha sómente espinhos.

Espalhe-se a doutrina, o são, o puro exemplo;
A terra inda é covil, transforme-se hoje em templo.
Seja o fraterno amor a lei do nosso lar:
A lyra é irmã do escôpro, a escola irmã do altar.
Parta-se o ferro hostil, a espada que lampeja,.
Que assola, e fere, e mata em horrida peleja.
É nosso Deus a luz; quem ha que a luz destrua?
Não mais que um ferro é nobre, o ferro da charrua,
O que desmoita o campo, o que sulcando as leiras
Prepara o pão que, amigo, ha-de chover nas eiras;
O que revolve a terra em busca de um thesouro,
E a faz desentranhar-se em trigo basto e louro;
O que ao baldio agreste, ao monte inculto e duro
Rasga e fecunda o seio:—o sol vem do futuro!

II

Quando o poder brutal a purpura tingia
No sangue dos heroes, e o ferro audaz brandia
Até gravar eterno em muro escalavrado
Um nome assustador, então era o passado!
Altivos galeões, soltando ao vento o panno,
Aravam dia e noute as solidões do oceano.
A sêde era a conquista, a fraudulenta gloria,
Os cantos da epopêa, os marmores da historia.
Sorria outro hemisferio; e a tentadora fama,
A que de louros vãos a fronte nos enrama,
Chamava os filhos seus; o velho continente
Corria ao mundo novo,—e a cruz ia na frente!
Era o tempo gentil das luctas, dos primores;
O arnez brilhava ao sol, ao sol, mimo das flores.
Toldava o azul do espaço a nevoa das batalhas,

Relinchavam corceis, em torno das muralhas
Era a sanha feroz, a grita em furia accesa:
Rugir de enorme tigre ao farejar a preza!
Não, o passado não! A aurora nasce amena,
A aurora do futuro; em paz durmam na arena
Os que, soltando a vida entre esquadrões, diziam:
«Cesar, eu te saudo!»—e exanimes cahiam.

III

Oh, como ha-de ser bello o dia em que surgir
O congresso do bem, e o genio a presidir.
No centro a força, o braço, a energica vontade,
Na frente a idéa-mãe, em volta a humanidade.
Todos irmãos na lida, eguaes no mesmo fito:
Sagrada legião, romeiros do infinito!
O velho, o que da vida exhausto chega ao cumulo
Virá buscar repouso á beira do seu tumulo,
E as descarnadas mãos juntando sobre o peito
Em paz descansará no solitario leito.
Em paz; que ha de ser grato ao coração e á mente,
Quando no fim do val, em cespede virente,
Ao pôr do sol da vida um dia nos sentarmos,
Deitar ao longe a vista, e ao longe contemplarmos,
Nuncia da primavera, a flôr da amendoeira,
Que alegre vem sorrir á natureza inteira.

IV

O futuro, ó meu Deus! Quem ha que não se affoute
A dissipar a treva, o escuro d'esta noute
Que sobre nós se estende, horrendo e secular?

Pois dos montes d'alem, das ondas d'este mar
Não ha-de emfim romper o sol, o dia novo,
E a frouxo illuminar este sarçal,—o povo?...
Se um dia ha-de romper!... um dia, e seja breve,
Que sobre as multidões ha muito peza a neve
D'este inverno fatal, que gela sem clemencia
O amor e a liberdade, o sangue e a consciencia!

V

Imaginem, siquer, um mundo como eu sonho,
Como elle tem de ser, austero mas risonho;
Sem fumos d'ambição, sem guerras oppressoras,
Entregue a seu lavor, e as diligentes horas
Gastando em levantar o maximo edificio,
O que o ceo beijará co'o raio mais propicio.
As arvores em flor hão de altear a coma,
Mais refrondada e bella, e com mais doce aroma;
No campo ha-de folgar a tenra juventude,
A transluzir prazer, a respirar saude;
As lagrimas da angustia ali de todo enxutas
Não mais rebentarão; não mais tremendas luctas,
Das que mudam a terra em lago, fundo e rubro!...
Oh, como eu sonho o amor! como a sorrir descubro
Essa estação porvir que além se me desenha!...
Nem uma astucia vil, nem restos de uma brenha,
Tudo florido e limpo, o seio e a natureza,
O mundo a caminhar, o andrajo da pobreza
Refeito, e em seu logar o ninho aconchegado,
O coração aberto, o espirito arejado,
A crença viva e san, o estimulo constante,
O trabalho a reger, e as gerações ávante!

Todos no mesmo albor fitando a vista larga,
Sem que o receio vão, sem que a tristeza amarga
Os faça vacillar ou lhes encurte o esforço:
Sem que lhes seja noute a sombra de um remorso!

VI

Ai, se me fosse dado, ó musa que me inspiras,
Juntar meu canto humilde ao canto d'essas lyras
Que tu has de inflorar com teus festões mimosos!...
Se inda podesse ver os dias bonançosos,
Esses dias de amor que o mundo ancioso espera!...
Se me banhasse a fronte a luz da primavera...
Ó musa, ó cherubim, ó pallida creança
Que me vens affagar com tua loura trança,
Como eu soltara a voz entre esse vasto côro
Que ha-de subir a Deus, angelico e sonoro,
Como em alvo espiral sobem a Deus tambem
As fragrancias do prado e as orações da mãe!

VII

Deixae, deixae quebrar-se este implacavel somno.
Crescem na solidão fructos de opimo outono,
Que os homens d'amanhan tem de ir colher sorrindo:
O bello ha de assomar, o bem virá florindo.
Quem vacilla é traidor; o mote da bandeira
É liberdade e luz! São ramos de oliveira
Os que tem de viçar na c'rôa dos heroes.
Como ao cerrar da tarde os meigos rouxinoes
Cantam no val, na balsa ou d'entre os arvoredos,
E, em requebros sem fim, do jubilo os segredos

Parecem memorar; assim, tambem eu creio,
Que um dia, quando a terra abrir o farto seio
Em abundante messe, em prodiga colheita,
Quando a bruma do mal de todo fôr desfeita,
O que passar no mundo escutará de certo
De vozes mil e mil o perennal concerto.
O que hoje é escuridão será fanal luzente;
Este velho batel, que a tumida corrente
Ha fustigado tanto, ao cimo dos seus mastros
O branco pavilhão levantará; dos astros
A benção do Immortal virá, como alliança,
Entre o sagrado amor e a candida esperança!

VIII

Bemdito sejas tu, futuro, que me apontas
Nas orlas do oriente, e que a fulgir transmontas
Os cerros d'alem mar; tu vens, tu não me enganas,
Aguardam-te no throno, e aguardam-te as choupanas.
Ha muito enfermo, eu sei; ha muita fronte casta
Onde a cegueira habita; apressa-te, desbasta,
Faze golfar da pedra o veio cristalino,
Mata a sede cruel ao pobre, ao pequenino,
Ao que não tem nem sabe; arraza os velhos combros,
Tira o madeiro atroz dos lacerados hombros;
Orvalha o coração, nortêa a mente inquieta,
Faze que o mundo accorde aos cantos do poeta.
Tu és o sol, futuro: eleva-te! Bem vês
Que a rocha espera ha muito a vara de Moysés!

Julho de 67.

INDICE

DO MESMO AUCTOR

FOLHAS SOLTAS .... UM VOL.

